UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília

Faculdade de Filosofia e Ciências

Programa de Pós-Graduação em Educação

LIGIA MARIA DA SILVA

TECENDO SENTIDOS E RESISTÊNCIA: ENTRE PALAVRAS, TRAÇOS E CORES NO LIVRO ILUSTRADO DE AUTORIA NEGRA

MARÍLIA, SP

2025

LIGIA MARIA DA SILVA

TECENDO SENTIDOS E RESISTÊNCIA: ENTRE PALAVRAS, TRAÇOS E CORES NO LIVRO ILUSTRADO DE AUTORIA NEGRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Marília, para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Teoria e Práticas Pedagógicas

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Cyntia Graziella Guizelim Simões Girotto

MARÍLIA, SP

2025

Silva, Ligia Maria Da

S586t Tecendo sentidos e resistência: entre palavras, traços e cores no livro ilustrado de autoria negra / Ligia Maria Da Silva. - Marília, 2025

188 p. : il., tabs.

Dissertação (Mestrado - Educação) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Orientadora: Cyntia Graziella Guizelim Simões Girotto

1. Educação. 2. Livro ilustrado de autoria negra. 3. Reconhecimento Identitário e ancestralidade. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.

Dados fornecidos pelo autor(a).

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Marília

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: Tecendo sentidos e resistência: entre palavras, traços e cores no livro ilustrado de autoria negra.

AUTORA: LIGIA MARIA DA SILVA
ORIENTADORA: CYNTIA GRAZIELLA GUIZELIM SIMÕES GIROTTO

Aprovada como parte das exigências para a obtenção do Título de Mestra em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:

Prof(a). Dr(a). CYNTIA GRAZIELLA GUIZELIM SIMÕES GIROTTO (participação virtual) Departamento de Didática e Programa de Pós-graduação em Educação/ Unesp, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília.

Prof(a). Dr(a). ELIEUZA APARECIDA DE LIMA (Participação virtual)
Departamento de Didática e Programa de Pós-graduação em Educação/ Unesp, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília.

Prof(a). Dr(a). SILVANA PAULINA DE SOUZA (Participação virtual) Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática/Universidade Federal de Alagoas

Marília,19 de março de 2025.

Paulo Sergio Teles:19097331803 Assinado de forma digital por Paulo Sergio Teles:19097331803 Dados: 2025.03.28 17:15:17 -03'00'

Paulo Sergio Teles
Supervisor Técnico de Seção
Seção Técnica de Pós-Graduação

Para o universo, agradeço por todas as oportunidades, desafios e aprendizados que me proporciona.

Para meus ancestrais, meus avós, bisavós, tataravós... que como o ciclo da vida estiveram presentes nesta jornada.

Para minha amada família, fonte de força ao longo dessa jornada,
que acreditou em mim, mesmo nos momentos
de dúvida e dificuldade.

Para meus professores da Unesp de Marília, por contribuírem com a minha formação, ser fonte de inspiração e coragem.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe por ser a minha fortaleza, referência de resiliência, determinação e sabedoria.

Ao meu pai por ser exemplo de honestidade, responsabilidade e de dedicação à família.

Agradeço à minha orientadora Cyntia Graziella, G. S. Girotto pelo comprometimento com a minha formação, dedicação e generosidade ao longo de toda a jornada, fonte de inspiração e amorosidade. Sem o seu apoio nada seria possível. Gratidão.

Aos membros da banca de qualificação, professores, Prof.ª Dr.ª Elieuza Aparecida de Lima e Prof.ª Dr.ª Silvana Paulina de Souza pelas considerações valiosas que muito auxiliaram na organização e conclusão da pesquisa.

À querida amiga e professora Prof.ª Dr.ª Débora Tavares, agradeço por estar ao meu lado e participar comigo desta jornada.

A todos e todas dos grupos CEPLLI e PROLEAO, em especial, Cléo, Letícia, Micaela, Ana Chepack, Paty, Nanci, Joyce, Gisele, Bárbara, Andreia, Renata, Zélia e Rodrigo.

À Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) de Marília, especialmente à linha de pesquisa Teoria e Práticas Pedagógicas, pelo ambiente acolhedor e apoio.

MEIA LÁGRIMA

Não,
a água não me escorre
entre os dedos,
tenho as mãos em concha
e no côncavo de minhas palmas
meia gota me basta.

Das lágrimas em meus olhos secos,
basta o meio tom do soluço
para dizer o pranto inteiro.

Sei ainda ver com um só olho,
enquanto o outro,
o cisco cerceia
e da visão que me resta
vazo o invisível
e vejo as inesquecíveis sombras
dos que já se foram.

Da língua cortada,
digo tudo,
amasso o silêncio
e no farfalhar do meio som
solto o grito do grito do grito
e encontro a fala anterior,
aquela que emudecida,
conservou a voz e os sentidos
nos labirintos da lembrança.

(Evaristo, 2008, p. 50)

RESUMO

Esta dissertação apresenta algumas reflexões sobre o percurso histórico da literatura negro-brasileira e sua importância para as infâncias negras, com ênfase no livro ilustrado. Além disso, discute a produção de livros ilustrados de autoria negra e sua contribuição para a formação do leitor literário. A pesquisa emergiu a partir da observação, escuta e das trocas dialógicas desenvolvidas com o grupo PROLEAO (Processos de Leitura e Escrita: apropriação e objetivação), estando articulada às atividades do CEPLLI (Centro de Estudos e Pesquisas em Linguagens, Literatura e Infância). Integrada está na linha de pesquisa Teoria e Práticas Pedagógicas do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) campus de Marília/SP. Os estudos recorrentes acerca do livro ilustrado e da filosofia da linguagem foram primordiais para a pesquisa que se ampliou em relação à literatura negro-brasileira, o livro ilustrado com protagonistas negros e em seus principais autores. Todavia, a questão central que orienta a investigação é a pergunta: como a qualidade estética de livros ilustrados de autoria negra contribui para a formação do reconhecimento identitário das infâncias negras? Desse modo, o objetivo principal é o de compreender a qualidade estética de livros ilustrados de autoria negra, como meio de contribuição para a formação do reconhecimento identitário, das infâncias negras. O percurso investigativo foi constituído por intermédio da filosofia da linguagem utilizando o cotejo como ferramenta essencial para a reflexão e o encontro identitário dos sujeitos sustentados pelo princípio dialógico de enunciados, como alteridade, amorosidade e o ato responsivo responsável. A análise privilegiou produções contemporâneas das últimas décadas, nas quais foi possível constatar aspectos como identidade, representatividade e ancestralidade. Para o referencial teórico, a pesquisa contou com revisão bibliográfica baseada em autores como Bakhtin (2020), Linden (2018), Nikolajeva e Scott (2011), Oliveira (2008), Lima (2009); Arena (2020), Bajard (2021), Filho (2004), Munanga (2024), Ki-Zerbo (2010), Debus (2017), Cuti, (2010), Almeida (2020), Freire (2021), Oliveira (2022), Gomes; Araújo (2023) entre outros. Como resultado, foi possível constatar o potencial significativo das obras de autoria negra analisadas como meio de representatividade, ancestralidade, protagonismo negro e a formação identitária de prováveis crianças leitoras.

Palavras-chave: Educação. Livro ilustrado de autoria negra. Literatura negro-brasileira. Relações étnico-raciais. Reconhecimento Identitário e ancestralidade.

ABSTRACT

This dissertation presents some reflections on the historical path of black-Brazilian literature and its importance for black childhoods, with an emphasis on illustrated books. Furthermore, it discusses the production of illustrated books by black authors and their contribution to the formation of the literary reader. The research emerged from observation, listening and dialogical exchanges developed with the PROLEAO group (Reading and Writing Processes: appropriation and objectification), being linked to the activities of CEPLLI (Center for Studies and Research in Languages, Literature and Childhood). Integrated is in the Pedagogical Theory and Practices research line of the Postgraduate Program in Education (PPGE) of the Faculty of Philosophy and Sciences (FFC) of the Universidade Estadual Paulista (Unesp) campus in Marília/SP. The recurring studies on the illustrated book and the philosophy of language were essential for the research that expanded in relation to black-Brazilian literature, the illustrated book with black protagonists and its main authors. However, the central question that guides the investigation is the question: how does the aesthetic quality of illustrated books written by black authors contribute to the formation of the identity recognition of black childhoods? Thus, the main objective is to understand the aesthetic quality of illustrated books by black authors, as a means of contributing to the formation of identity recognition, of black childhoods. The investigative path was constituted through the philosophy of language using comparison as an essential tool for reflection and the identity encounter of subjects supported by the dialogical principle of statements, such as otherness, lovingness and the responsible responsive act. The analysis privileged contemporary productions of the last decades, in which it was possible to observe aspects such as identity, representation and ancestry. For the theoretical framework, the research included a bibliographic review based on authors such as Bakhtin (2020), Linden (2018), Nikolajeva and Scott (2011), Oliveira (2008), Lima (2009); Arena (2020), Bajard (2021), Filho (2004), Munanga (2024), Ki-Zerbo (2010), Debus (2017), Cuti, (2010), Almeida (2020), Freire (2021), Oliveira (2022), Gomes; Araújo (2023) among others. As a result, it was possible to verify the significant potential of the works by black authors analyzed as a means of representation, ancestry, black protagonism and the identity formation of probable child readers.

Keywords: Education. Illustrated book by black author. Black-Brazilian literature. Ethnic-racial relations. Identity recognition and ancestry.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sankofa 17
Figura 2 - “Griot hutu” 56
Figura 3 – As Infâncias no Brasil 74
Figura 4 - Trabalho Infantil no Brasil (livredetrabalhoinfantil) 77
Figura 5 - Capa do Livro *O Pequeno Príncipe Preto* 92
Figura 6 - Página dupla: *O pequeno Príncipe Preto* 93
Figura 7 - O Pequeno Príncipe Preto 94
Figura 8 - O Pequeno Príncipe Preto 94
Figura 9 - *O Pequeno Príncipe Preto* 96
Figura 10 – Capa de *Fevereiro* 103
Figura 11 – Quarta capa de *Fevereiro* 103
Figura 12 - Guarda inicial e final do livro *Fevereiro* 105
Figura 13 - Página Dupla do livro *Fevereiro* 106
Figura 14 - Página dupla do livro *Fevereiro* 107
Figura 15 - Página dupla do livro *Fevereiro* 109
Figura 16 - Página dupla do livro *Fevereiro* 110
Figura 17 - Página dupla do livro *Fevereiro* 111
Figura 18 - Página dupla do livro *Fevereiro* 112
Figura 19 - Página dupla do livro *Fevereiro* 113
Figura 20 - Página Dupla do livro *Fevereiro* 114
Figura 21 - Página Dupla do livro *Fevereiro* 114
Figura 22 - Página Dupla do livro *Fevereiro* 115
Figura 23 - Página dupla do livro *Fevereiro* 116
Figura 24 - Página dupla do livro *Fevereiro* 117
Figura 25 - Página dupla do livro *Fevereiro* 119
Figura 26 - Página do livro *Fevereiro* 120
Figura 27 - Página do livro *Fevereiro* 120
Figura 28 - Página Dupla do livro *Fevereiro* 121
Figura 29 - Página dupla do livro *Fevereiro* 122
Figura 30 - Página dupla do livro *Fevereiro* 123
Figura 31 - Página dupla do livro *Fevereiro* 124
Figura 32 - Página dupla do livro *Fevereiro* 125

Figura 33 - Capa do livro *Se eu fosse uma casa*.....127
Figura 34 – Quarta capa do livro *Se eu fosse uma casa*.....128
Figura 35 – Quarta capa do livro *Se eu fosse uma casa*.....129
Figura 36 - Folha de rosto do livro *Se eu fosse uma casa* 130
Figura 37 – Dedicatória do livro *Se eu fosse uma casa* 131
Figura 38 - Página dupla *Se eu fosse uma casa*.....132
Figura 39 - Página dupla do livro *Se eu fosse uma casa* 134
Figura 40 - Páginas do livro *Se eu fosse uma casa* 135
Figura 41 - Páginas do livro *Se eu fosse uma casa* 137
Figura 42 - Páginas Duplas do livro *Se eu fosse uma casa* 138
Figura 43 - Páginas duplas do livro *Se eu fosse uma casa*.....139
Figura 44 - Páginas do livro *Se eu fosse uma casa* 141
Figura 45 - Páginas do livro *Se eu fosse uma casa* 142
Figura 46 - Página dupla do livro *Se eu fosse uma casa* 143
Figura 47 - Capa do Livro: Os dengos na moringa de Voinha.....144
Figura 48 - Capa e quarta capa do livro *Os dengos na Moringa de Voinha* 146
Figura 49 - Página dedicatória do livro *Os dengos na Moringa de Voinha*.....148
Figura 50 - Página dupla do livro *Os dengos na Moringa de Voinha*.....148
Figura 51 - Página dupla do livro *Os dengos na Moringa de Voinha*.....150
Figura 52 - Páginas do livro Os dengos na Moringa de Voinha 151
Figura 53 - Páginas do livro Os dengos na Moringa de Voinha 152
Figura 54 - Página dupla do livro *Os dengos na Moringa de Voinha*.....153
Figura 55 - Página dupla do livro *Os dengos na Moringa de Voinha*.....153
Figura 56 - Página do livro Os dengos na Moringa de Voinha 155
Figura 57 - Página dupla do livro O*s dengos na Moringa de Voinha*.....156
Figura 58 - Página dupla do livro *Os dengos na Moringa de Voinha*.....157
Figura 59 - Página dupla do livro *Os dengos na Moringa de Voinha*.....158
Figura 60 - Página dupla Os dengos na Moringa de Voinha 159
Figura 61 - Capa e quarta capa do livro O adeus do marujo.....164
Figura 62 - Guarda inicial e final do livro O adeus do marujo.....165
Figura 63 - Folha da guarda inicial e final 166
Figura 64 - Página 01 do livro *O adeus do marujo* 167
Figura 65 - Página dupla 4 e 5 do livro *O adeus do marujo* 168
Figura 66 - Página dupla 6 e 7 do livro *O adeus do marujo* 168

Figura 67 - Página dupla 12 e 13 do livro *O adeus do marujo* 169
Figura 68 - Página dupla 16 e 17 do livro *O adeus do marujo* 171
Figura 69 - Página 18 do livro *O adeus do marujo* 172
Figura 70 - Página dupla 22-23 do livro *O adeus do marujo* 173
Figura 71 - Página 24 do livro *O adeus do marujo* 174
Figura 72 - Página 26-27 do livro *O adeus do marujo* 175
Figura 73 - Página 29-30 do livro *O adeus do marujo* 176
Figura 74 - Página dupla 31-32 do livro *O adeus do marujo* 177
Figura 75 - Página dupla 37-38 do livro *O adeus do marujo* 177

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Descrição dos livros ilustrados de autoria negra a serem estudados e analisados: ano de publicação, editora, nome das autoras e das ilustradoras 25
Tabela 2 - Relação dos descritores pesquisados 29
Tabela 3 - Mapeamento dos trabalhos selecionados: quantidade, ano de publicação, título, instituição educacional, autoria e tipo de trabalho 30
Tabela 4 - Quadro organizacional I: Prêmios FNLIJ desde 1974 a 2023 45
Tabela 5 - Quadro organizacional II: Prêmios FNLIJ desde 1974 a 2023 46
Tabela 6 - Quadro organizacional III Premiação o Jabuti de 1959 a 2023 49
Tabela 7 - Quadro organizacional IV Premiação o Jabuti de 1959 a 2023.....50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPLLI	Centro de Estudos e Pesquisas em Linguagem, Literatura e Infância
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FFC	Faculdade de Filosofia e Ciências
FNPETI	Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil
GEGe	Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso
IBGE	Instituto de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEAFRO	Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LINEBEIJU	Literatura negro-brasileira do encantamento infantil e juvenil
PETI	Plano Nacional de enfrentamento trabalho Infantil
PPGE	Práticas Pedagógicas do Programa de Pós-Graduação em Educação
PROLEAO	Processos de Leitura e Escrita: Apropriação e Objetivação
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UNESP	Universidade Estadual Paulista
USP	Universidade de São Paulo

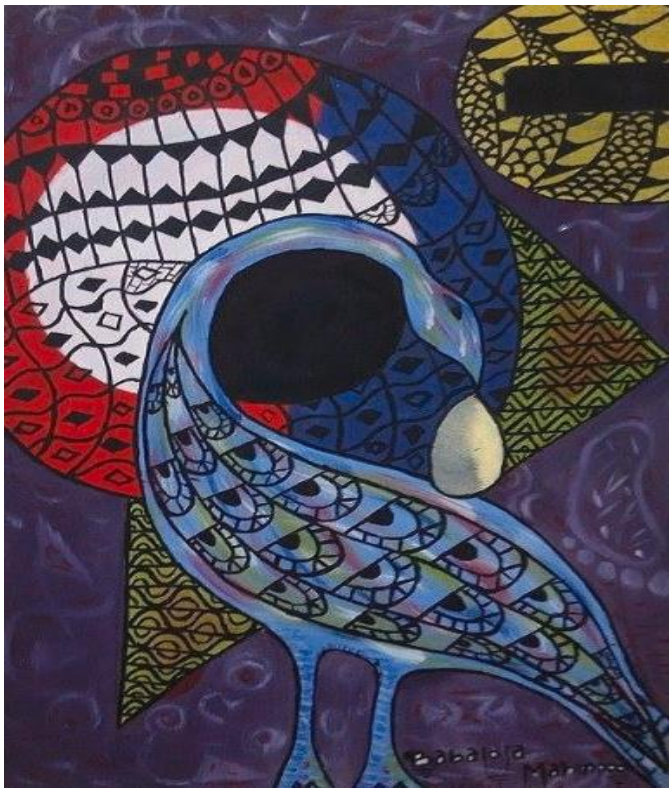
SUMÁRIO

1 PROPOSIÇÕES INICIAIS: PRINCÍPIOS E SENTIDOS 17
1.1 Princípios e sentidos 17
1.2 Os jardins da minha vida 18
1.3 O reencontro com a vida acadêmica 21
1.4 Aspectos estruturais da pesquisa 23
1.5 O percurso metodológico e a revisão da literatura: o cotejo como meio de encontro 25
1.6 Representação, representatividade e identidade negra 38
1.7 Encontros outros na perspectiva do cotejo 40
1.8 As produções literárias do “Livro Infantil e Juvenil” sobre a temática de autoria negra nos meios midiáticos: uma análise das premiações Jabuti e FNLIJ 42
1.8.1 Prêmios FNLIJ - Edição 40 anos (1974) até 2023 43
1.8.2 Cotejo, apreciação e análise do Prêmio Jabuti edição de 1959 a 2023 48
2 A TECITURA NA LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA 54
2.1 *Griots*: Vozes ancestrais da Literatura Negra 55
2.2 Encontros e desencontros da Literatura Negro-Brasileira 58
2.3 Tecendo memórias e reconectando os fios literários por meio da ancestralidade 65
3 RESSIGNIFICAR AS INFÂNCIAS NEGRAS POR MEIO DAS OBRAS LITERÁRIAS: LINHAS, FORMAS, CONTORNOS, IMAGENS E CORES 74
3.1 Contextualizando as Infâncias 75
3.2 Entre Linhas, Formas, Contornos e Imagens: algumas reflexões sobre o livro com ilustrações e o livro ilustrado 80
3.2.1 Os livros com ilustrações e as estratégias de leitura 82
3.2.2 A linguagem verbal e imagética do livro ilustrado 83
3.2.3 Um breve diálogo acerca do percurso histórico do livro infantojuvenil e a perspectiva de uma literatura negra 87
3.3 O livro com ilustrações de autoria negra 91
4 O LIVRO ILUSTRADO DE AUTORIA NEGRA 98
4.1 O livro ilustrado para as infâncias negras 99
4.1.1 Fevereiro 102
4.1.2 Se eu fosse uma CASA 125

4.1.3 Os dengos na moringa de Voinha 144
4.1.4 O adeus do Marujo 159
5 PROPOSIÇÕES FINAIS 179
REFERÊNCIAS 181

1 PROPOSIÇÕES INICIAIS: PRINCÍPIOS E SENTIDOS

Figura 1 – Sankofa



Fonte: Babalola Mahmood[1]

1.1 Princípios e sentidos

A abertura de um evento é geralmente marcada por uma certa expectativa e tensão, e essa sensação não é diferente na escrita de uma dissertação. Para estabelecer uma conexão com o passado e refletir sobre a jornada que me trouxe até aqui, recorro ao ideograma *Sankofa*[2]: um pássaro mítico que voa para frente com a cabeça voltada para trás, carregando em seu bico um ovo, símbolo do futuro. Originário da cultura africana, especialmente do povo Akan. Esse movimento sugere a importância de retornar às nossas raízes ancestrais, ou seja, retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro.

1 Publicada em 30 de março de 2017. Disponível em: https://pixels.com/featured/sankofa-babalola-mahmood.html. Acesso em 21 set. 2024.

2 Segundo o artigo de Reis Junior e Oliveira (2024) A *sankofa* é um símbolo Adinkra de resistência, cuja origem africana foi trazida para o Brasil na época colonial, quando negros eram feitos escravos. A etimologia da palavra, em ganês, inclui os termos *san* (voltar, retornar), *ko* (ir) e *fa* (olhar, buscar e pegar). Adinkra é um sistema de símbolos que representam conceitos e ideais. Eles foram criados pelo povo Akan da África Ocidental e são usados em uma variedade de contextos, incluindo roupas, cerâmica, arquitetura e arte. São uma parte importante da cultura Akan e são usados para transmitir mensagens de esperança, amor, paz, sabedoria, força, fé e solidariedade.

Ao longo deste trabalho, a escrita me fez revisitar memórias e experiências que fortaleceram minha identidade. Nesse percurso de buscas e descobertas, o ideograma *Sankofa* nos convida a aprender com o passado. Essa introspecção foi essencial. Ao revisitar os meus antepassados encontro a sabedoria ancestral, a força e o discernimento para construir um futuro melhor. Portanto, a escolha do pássaro *Sankofa* não é apenas uma referência cultural, mas uma metáfora poderosa para a jornada de autodescoberta que esta dissertação representa. Trata-se de uma busca para entender e compreender os enunciados ancestrais, em uma retomada de minha infância e memórias.

1.2 Os jardins da minha vida

Tocada por Paulo Freire, falarei um pouco sobre minha infância e adolescência, a partir da obra intitulada *A importância do ato de ler,* em sua 23.ª edição em que Freire apresenta três artigos sobre suas memórias da infância e adolescência. Uma leitura contagiante, envolvente, capaz de fazer os olhos se marejarem. Freire faz a conexão texto-mundo e texto-leitor, demonstrando a importância de ler primeiro o mundo. E foi pelos olhos de Paulo Freire que compreendi melhor a importância de um memorial. Não nesse momento, espaço e tempo, o agora, mas no futuro mais distante, dos meus filhos, netos, bisnetos, tataranetos, pois aqui deixo registradas as minhas memórias, marcadas e eternizadas.

Tenho poucas lembranças da minha infância. Por certo, algo aconteceu nesse percurso. Faltam-me memórias. O que sinto é que sempre fui muito amada. Sou a primogênita de quatro irmãos. Meus avós paternos estavam sempre por perto. Quando nasci, ganhei de presente uma máquina de costura Singer, mas nunca aprendi a costurar, não sou uma pessoa com aptidão para as artes. A maior parte da minha infância vivi mudando de lugar e, por este motivo, conheço muitas cidades do interior de São Paulo. Penso que sou como o vento, ou como o rio, que com as chuvas mudam repentinamente.

Entrei na escola aos seis anos. Naquela época, a idade mínima era sete, mas, teimosa, queria ir para a escola. Após uma conversa e autorização da professora, pude nela estar. A princípio, meus pais me levavam para a escola, geralmente a cavalo ou de trator. Quando meu irmão fez sete anos, íamos a pé,

acordávamos muito cedo, a escola era longe de casa, em outra fazenda, três quilômetros para ir e três quilômetros para voltar. O caminho era uma estrada de chão batido, havia grandes pés de pinheiros dos dois lados, um pertinho do outro, faziam uma muralha de proteção, e nas manhãs de primavera o clima era providencial, mas no inverno o frio era destemido.

Saíamos para a escola ao raiar do sol, éramos duas crianças de muita coragem e sequer sabíamos disso. Às vezes, não enxergávamos o caminho, eram as manhãs de neblinas e, outras vezes, encontrávamos embaixo dos pinheiros a vegetação toda molhada com as gotas de orvalho; ali contemplávamos as teias de aranhas reluzirem ao nascer do sol. Na volta da escola, ao meio-dia, éramos quinze crianças a conversar e a brincar pelo caminho. Ali os perigos eram certeiros, o gado na estrada, os caminhões de cana-de-açúcar, sem falar dos redemoinhos que vinham ao nosso encontro. Era uma correria só, o medo do Saci assustava a todos.

A volta era sempre muito divertida, e quando nos separávamos, ainda tínhamos uma boa caminhada até chegar em casa. Nos fundos da minha casa, na fazenda em que meus pais trabalhavam, tínhamos um pomar gigantesco, uma horta, um jardim, e quem plantou tudo foi meu avô paterno. Minha avó dizia que ele tinha mãos abençoadas, tudo que plantava nascia. E quando chegava perto de casa, o caminho mais curto sempre era pelo pomar. Passava a cerca e, logo na entrada do pomar, havia um belo pé de maracujá doce, repleto de flores amarelas e mamangavas que faziam a polinização das flores. Ao lado, havia macieiras com flores brancas e frutos verdes.

O meu avô era muito metódico, tínhamos uma fileira de limão, outra com laranjas, uma terceira de mexericas e, por último, muitos pés de bananeiras. Perto da casa dos meus avós tinha um pé de amora; meu pai após o almoço forrava o chão e sacudia a amoreira para comer. O chão do pomar era repleto de onze horas, ela se tornou a minha flor favorita.

Enfim, essas são as lembranças que tenho da minha infância. Ao construir no presente a sequência de uma memória, foi possível voltar no tempo e ver a imagem daquela escola rural. Na sala, as carteiras eram de madeira maciça e nos sentávamos em duplas, numa sala multisseriada. Na lousa, a professora dividia uma parte para o 1.º ano, outra parte para o 2.º ano, até o 4.º ano.

Todo ano letivo mudava de professor; o banheiro era um buraco fundo e escuro, sempre tive medo. Na hora do intervalo, a professora corria para fazer a

sopa, e brincávamos enquanto isso. Quando terminei o ciclo I, ou melhor, os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, antigo primário, de 1.ª a 4.ª série, meus pais decidiram me levar para morar com os meus avós, já que naquela escola não tinha como dar sequência aos estudos. Meus avós mudaram da fazenda para uma pequena cidadezinha; lá comecei a antiga 5.ª série, o ginásio, hoje os Anos Finais do Ensino Fundamental.

A casa dos meus avós era muito simples, cheia de plantas, pássaros, galinhas e pernilongos. E, nela, meu avô, acho que com saudades do seu antigo jardim, resolveu dar continuidade a ela, só que agora eram as plantas medicinais, que tomavam conta de toda casa. A maioria, nunca ouvira falar, além da arruda que é mais comum, também havia boldo, erva-de-santa-maria, erva-cidreira, camomila, alecrim, erva-doce, guiné, dentre outras.

Meus avós paternos tinham uma diversidade de plantas medicinais em casa, e eu não me dera conta disso, bem como da espiritualidade associada a essas plantas. No quarto da minha avó, além de Nossa Senhora Aparecida, em cima de uma mesa, ficava São Jorge, Santa Barbara, Santo Expedito, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Padre Cícero, Joana D'Arc, a Preta velha e o Preto velho. Eu nunca cheguei a perguntar sobre o porquê de tantos santos, minha avó acendia velas e rezava.

Ela sempre fazia uma oração antes de dormir e inúmeras vezes rezava comigo. Meus avós não sabiam ler ou escrever, eram analfabetos, mas possuíam saberes ancestrais. A educação é essencial na vida de qualquer ser humano. Não posso dizer que sem a educação escolar não podemos viver, mas sem ela a nossa vida deixa de ser plena. A educação amplia nossos horizontes, enriquece experiências e nos proporciona as ferramentas necessárias para compreender e interagir com o mundo ao nosso redor. Assim, pesquisei mais sobre os objetos que meus avós gostavam e os seus significados.

Os “Pretos-Velhos” são muito conhecidos por ajudar em questões de saúde, seja física ou emocional, assim como para encontrar emprego e unir a família. Suas magias, chamadas de "mirongas", são poderosíssimas e repletas de mistérios milenares. Nas consultas utilizam técnicas de benzimento e sugerem banhos com ervas. Percebo, agora o quanto os meus avós paternos eram ligados à ancestralidade pela religiosidade, e compreendo o porquê de não falarem nada

sobre, tratava-se do medo. Sabemos que cada vez mais as casas de umbanda e candomblé são atacadas, imagino naquela época.

Ainda não conheço praticamente nada das religiões de matriz africana, mas continuo muito curiosa. Penso no que o universo faz com o nosso caminho. Nunca esperei um dia escrever um texto tão longo, chamado dissertação, em que o assunto seria pertinente aos negros e negras desse país. Que os meus ancestrais estejam comigo na conclusão dessa jornada.

Voltando a falar da escola, infelizmente, não tenho guardado boas lembranças. Para concluir o ensino médio, mais uma vez, deixei a minha família. Na graduação não foi diferente. Foram anos estudando fora de casa até concluir a universidade. E quando terminei, fui morar na cidade de São Paulo, em 1998, e lá ingressei no magistério, na zona leste, na cidade de Tiradentes. Aos vinte e um anos, lecionava em quatro escolas durante a semana. Não posso esquecer desse percurso, sou grata a tudo que aprendi com os estudantes, os professores e a comunidade.

Apesar de algumas tentativas para continuar os estudos, não consegui obter êxito. À revelia de meus interesses, com dois meses como aluna especial na Pós-Graduação na disciplina de Zoologia da Universidade de São Paulo – USP, em meados de 2002, não pude dar continuidade aos estudos, pois a universidade era muito longe. Somente no ano de 2019, volto a pensar na academia, mas, dessa vez, enredada pela literatura e pela formação de professores.

1.3 O reencontro com a vida acadêmica

Depois de vinte e dois anos na rede estadual de ensino e já na coordenação pedagógica, vi a necessidade de voltar à universidade, só não sabia como. Após uma conversa informal com uma colega de trabalho, sobre a importância da formação e a pós-graduação, verifiquei quais eram os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Marília, na linha de Pesquisa: Teoria e Práticas Pedagógicas, e ao tomar ciência do corpo docente, enviei um e-mail para a Professora Doutora Cyntia Graziella Guizelim Simões Girotto, que logo me respondeu dizendo “venha conhecer nosso grupo e o mundinho da leitura”.

Então, fui me apropriando, por meio das trocas dialógicas e, num dado momento, enamorada pelo livro ilustrado, percebi uma certa escassez de autores(as) e ilustradores(as) negros(as). Então, motivada pela professora, decidi complementar a minha formação e me preparar, a longo prazo, para o mestrado. No início da pandemia de COVID-19, começo um curso que foi um marco na minha formação, com o Professor e escritor Silvio Almeida e o Professor Júlio Veloso pela Faculdade Autônoma de Direito (Fadisp), intitulado *Visões sobre a Escravidão*. Os professores dialogaram em cinco encontros reflexivos e desafiadores, sobre o pensamento de José Bonifácio, André Rebouças e José de Alencar.

Dessa maneira, fui realizando diversos cursos, todos voltados para o letramento racial. E com um novo olhar para a política e a sociedade desse país, já nessa condição de Mulher Negra, desnaturalizei-me e descolonizei-me. Posso afirmar que não é de uma hora para outra que conseguimos nos descolonizar, as amarras são fortes, a educação é a ponte para essa transformação lenta e dolorida. Ainda tenho muito a caminhar até encontrar a ancestralidade que de mim foi retirada. Alteraram meu nome e sobrenome e, no lugar, só restou a dor.

Ora, para o professor Almeida (2020, p.50) “o racismo é parte de um processo social que ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. A indústria cultural e os meios midiáticos conseguiram sucumbir a memória ancestral por meio de uma memória europeizada. Daí a necessidade de cada vez mais trabalhar com as nossas infâncias para poderem compreender a beleza e a força que vêm dos nossos ancestrais. É pela educação que mudanças ocorrem, é preciso motivar nossas crianças desde a mais tenra idade.

Dessa forma, tenho a convicção de que fui constituída pela generosidade e amorosidade da docente materializada em poesia, responsável por esse grupo, que segurou as minhas mãos e, em nenhum momento do meu percurso, deixou de estar ao meu lado; devo assim gratidão à minha orientadora. Nesse sentido, a amorosidade é amar esse ser humano concreto real, único e complexo sem buscar desqualificar, sem mudar a essência desse outro. Essa palavra acolhe, recebe o diferente, faz alargar os sentidos, pois, compreende o outro na sua incompletude humana. Desse ponto de vista, identificam-se dois centros de valores — o “eu” e o “outro” — que se completam mutuamente. Ademais, nas trocas dialógicas presentes como em uma pesquisa, os resultados são sempre constituídos mediante múltiplos olhares, sentidos e amorosidade.

> A diversidade de valor do existir enquanto humano (isto é, correlato com um ser humano) pode apresentar-se somente à contemplação amorosa; somente o amor está em condição de afirmar e consolidar, sem perder e sem desperdiçar, esta diversidade e multiplicidade, sem deixar atrás apenas um esqueleto nu de linhas e momentos de sentido fundamentais. Somente um amor desinteressado segundo o princípio "não o amo porque é bonito, mas é bonito porque o amo" somente uma atenção amorosamente interessada, pode desenvolver uma força muito intensa para abraçar e manter a diversidade concreta do existir, sem empobrecê-lo ou sem esquematizá-lo (Bakhtin,2020, p. 128).

Por fim, devo dizer que ao considerar a palavra "jardins", no plural, no título dessas memórias, não posso deixar de incluir à minha vida pessoal, repleta de flores, árvores e raízes que representam a família que me constituiu. Portanto, como mãe e mulher negra, dedico esta dissertação à minha família, fruto de um trabalho pautado na amorosidade, que se configura como uma forma de resistência e luta.

Que este conhecimento floresça no coração das gerações futuras. Somos descendentes de um povo que resistiu à mais profunda crueldade, carregando consigo o poder transformador do amor e da solidariedade. Assim como nossos ancestrais, devemos também resistir, honrando sua força, cultivando o amor revolucionário e a união como caminhos para superar a opressão. Contudo, por meio, da literatura descobri a necessidade de um reencontro com o meu eu mais profundo e distante, a minha ancestralidade e os meus mais velhos amores que aqui chegaram sequestrados.

1.4 Aspectos estruturais da pesquisa

A dissertação surgiu como uma resposta responsiva responsável, a necessidade de atuar na ação para que este ato respondível seja concretizado é essencial, ou seja, não basta eu me formar. Dessa forma, parto para a construção de enunciados que possam dialogar com o reconhecimento identitário, por meio do potencial de uma literatura negra, que esteja comprometida com o resgate da história negra-brasileira e ancestral. Durante meus estudos com o grupo de pesquisa, identifiquei uma literatura que se distingue por permitir ao leitor um papel mais ativo. Ele deixa de ser apenas espectador, tornando-se protagonista, participando ativamente da construção literária.

No entanto, uma questão me intrigava: como a qualidade estética de livros ilustrados de autoria negra contribui para a formação do reconhecimento identitário das infâncias negras? Essa pergunta surge de algumas constatações sobre a necessidade de se ter também protagonistas negros no livro ilustrado, uma vez que a literatura negra existente traz consigo narrativas que buscam a desmistificação de tais preconceitos e estereótipos.

Além disso, ela viabiliza uma pedagogia pluricultural, que se orienta pela diversidade, respeito, reconhecimento mútuo e o diálogo entre as diversas etnias a coexistir. Em que tais questões mobilizaram minha reflexão para compor o objetivo central da pesquisa, a saber: compreender a qualidade estética de livros ilustrados de autoria negra, como meio de contribuição para a formação do reconhecimento identitário das infâncias negras.

A dissertação está estruturada em quatro seções: na primeira (em exposição ao leitor neste momento), sob o título de *Proposições iniciais*: *princípios e sentidos*, apresento algumas memórias da infância, a vivência com os meus avós, o reencontro com a vida acadêmica, as escolhas realizadas em relação à metodologia e à revisão da literatura (próximo item desta seção inicial). Ainda, na sequência, pesquiso registros históricos sobre obras de literatura negra a compor as grandes premiações - FNLIJ (1974 a 2023) e o prêmio Jabuti (1959 a 2023), na perspectiva de compreender a significação para a literatura negra. Na segunda seção, intitulada *A tecitura na literatura Negro-Brasileira,* faço algumas indagações e reflexões sobre a literatura negro-brasileira e afro-brasileira, baseando-me nos estudos acadêmicos e pesquisas de autores como Freire (2021), Proença Filho (2004), Munanga (2024), Ki-Zerbo (2010), Bento (2012, 2022), Debus (2017), Cuti, (2010), Almeida (2020) Oliveira (2022), dentre outros.

Já na terceira seção, sob o título *Ressignificar as infâncias negras por meio das obras literárias: linhas, formas, contornos, imagens e cores*, apresento um diálogo que contextualiza as infâncias negras nessa perspectiva. Além disso, abordo o surgimento da literatura negra infantil, faço alguns contrapontos sobre a singularidade literária do livro com Ilustrações e o livro ilustrado, ambos de autoria negra.

Na quarta seção, trago a análise das obras ancoradas nos pressupostos de Linden (2018), Nikolajeva e Scott (2011), dentre outros. As obras literárias foram selecionadas considerando os seguintes critérios: (1) o seu comprometimento com

as memórias e a ancestralidade, além da capacidade de representar e celebrar identidades negras, oferecendo narrativas visuais e verbais que desafiam estereótipos e promovem a diversidade; (2) a valorização das histórias e das experiências afrodescendentes, contribuindo para a construção de um imaginário mais inclusivo e representativo; (3) potencial de reconectar a autoestima, o autoconhecimento, os saberes ancestrais, evidenciando valores, a historicidade, a cultura e a etnia de um povo; (4) livros ilustrados de autoria de mulheres negras, ilustradoras e escritoras, que buscam em seu fazer poético em que a memória, a etnia e a cultura ancestral sejam respeitadas nas suas especificidades.

Nas *Proposições finais*, trago apontamentos e reflexões sobre os encontros e descobertas acerca da pesquisa. A seguir, trago as quatro obras literárias a serem analisadas no percurso da dissertação.

Tabela 1 – Descrição dos livros ilustrados de autoria negra a serem estudados e analisados: ano de publicação, editora, nome das autoras e das ilustradoras

Nº	Obra	Ano	Autora e Ilustradora	Editora
1	*Se eu fosse uma CASA*	2020	Carol Fernandes	Tuya Edições
2	*O adeus do Marujo*	2022	Flávia Bomfim	Pallas
3	*Fevereiro*	2023	Carol Fernandes	Caixote
4	*Os dengos da moringa da Voinha*	2023	Ana Fátima e Fernanda Rodrigues	Brinque-Book

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Além das quatros obras do livro ilustrado de autoria negra, também foi contemplada com a pesquisa a obra literária do livro com ilustrações *O Pequeno Príncipe Preto* e as estratégias de leitura.

1.5 O percurso metodológico e a revisão da literatura: o cotejo como meio de encontro

A pesquisa de mestrado ganhou corpo conforme fui adentrando nas obras literárias que busco e analiso, cotidianamente, para fazer postagens para a página do *Instagram*, “Ancestralidade Literária”. Em janeiro de 2022, em virtude das várias leituras já somadas aos meus estudos, senti a necessidade de compartilhar as obras que contemplassem os temas da representatividade e da identidade. Assim, a página nasceu com obras de literatura negro-brasileira e literatura indígena.

Tudo isso só foi possível porque tais obras fizeram ecoar uma multiplicidade de vozes outras, ou melhor dizendo, são [...] “vozes que falam e refletem e refratam realidades outras de um lugar, tempo e contexto” (Tortorelli, 2023, p.142). Muitos enunciados são necessários para encontrar a ancestralidade e é nela que está a minha essência e, por meio dela, procuro outros enunciados. Ao buscar o aporte teórico-científico para a pesquisa, averiguei, a princípio, o referencial descrito nos últimos anos, disponíveis nos bancos de dados do Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto (OASIS).

Para compreender esses enunciados na pesquisa em ciências humanas, parto do diálogo e das trocas entre sujeitos, estabelecendo uma relação valorativa de alteridade “alternância de vozes”.

Nesta perspectiva, escolho a metodologia de cotejo de “textos e contextos”, justificando-se por seu compromisso ético e por sua capacidade de promover a reflexão e a valorização do sujeito em um processo de humanização. Essa abordagem contribui para o encontro identitário dos sujeitos por meio do princípio dialógico dos enunciados, da alteridade e do ato responsivo responsável.

Diante disso, é possível afirmar que:

> Compreender é cotejar com outros textos e pensar num contexto novo (no meu contexto, no contexto contemporâneo, no contexto futuro). Contextos presumidos do futuro: a sensação de que estou dando um novo passo (de que me movimentei). Etapas da progressão dialógica da compreensão; o ponto de partida — o texto dado, para trás — os contextos passados, para frente — a presunção (e o início) do contexto futuro (Bakhtin, 1997, p. 404).

Ao cotejar textos, realizamos o estudo com múltiplas vozes, um movimento de palavras e contra palavras em um processo infinito, porque nada está acabado. Portanto, os dados produzidos pelos procedimentos metodológicos serão analisados, via filosofia da linguagem, adotada como fundamentação teórica principal para o desenvolvimento da pesquisa, bem como os estudos que versam sobre a literatura negro-brasileira, livros ilustrados de autoria negra, identidade e ancestralidade.

O percurso investigativo envolve estudos e a interpretação dos enunciados, o reconhecimento das diferenças e da compreensão ativo-dialógica e, ainda, a avaliação para a construção de sentidos. No cotejo não há um acabamento definitivo, por não se tratar de um monólogo, há mudanças e transformações

constantes. Como afirma, Bakhtin (2020, p. 401), “o texto só tem vida contando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo”. Com isso, percebe-se que praticamente todo o procedimento metodológico visa ao encontro com o outro, este outro que constitui a pesquisa, dando a sua contra palavra.

Logo, a pesquisa se dá em um movimento de interação e investigação, considerando que a palavra é viva, social, criadora, justamente nesse encontro de uma pessoa com outra e, ao mesmo tempo, cotejo de um texto com outros textos, já que a palavra significa e dá sentido às novas descobertas. A finalidade do cotejo de textos não é a pura compreensão do texto escrito, ou a palavra falada desse outro, é a busca pela “[...] construção de uma compreensão profunda [...]” (GEGe, 2012, p. 34). Ao entender que em um movimento investigativo há muitas possibilidades, é necessário seguir em frente para que se possa encontrar outros contextos futuros, posto que:

> Ver e compreender o autor de uma obra significa ver e compreender outra consciência, a consciência do outro e seu mundo, isto é, outro sujeito (“Du”). Na explicação existe apenas uma consciência, um sujeito; na compreensão, duas consciências, dois sujeitos (Bakhtin, 2020, p. 316).

Neste sentido, cabe a mim como pesquisadora, ter a noção de que não cabe à ciência constituir uma verdade absoluta e acabada. Logo, por meio desses textos e contextos, vislumbrei como objetivo geral, compreender a qualidade estética de livros ilustrados de autoria negra como meio de contribuir para a formação do reconhecimento identitário.

O cotejo realizado com as diversas produções advindas do levantamento de pesquisas expressas em dissertações, teses, trabalhos de conclusão de curso, artigos e outros permitiu que minha investigação acolhesse uma variedade de perspectivas e contribuições, enriquecendo e ampliando o campo de estudo. Esse processo metodológico não teve a intenção de encontrar todas as respostas, e sim de contribuir para a contextualização da temática do mestrado, ressaltando, ainda, a relevância dos estudos acerca do processo identitário e humanizador, tanto no que concerne às obras literárias, como no que se refere à educação para as relações étnico-raciais.

Ao buscar informações nos trabalhos acadêmicos, pude guiar o meu percurso de aprendizagem e delinear alguns procedimentos metodológicos. Optei,

também, por uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, considerando que a pesquisa bibliográfica procura “fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema” (Lakatos; Marconi, 2003, p. 158). Esse mesmo estudioso opina que o “estudo da literatura pertinente pode auxiliar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros”, porque, na verdade, ele “representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações” (Lakatos; Marconi, 2003, p. 158).

A seguir, estão elencados os procedimentos metodológicos que nortearam a realização da pesquisa:

- Realização de levantamento de dissertações e teses e de produções científicas em consonância com a temática investigada;
- Pesquisa, análise e sistematização de grandes premiações que envolvem as produções literárias de livros ilustrados acerca da temática de autoria negra produzida;
- Levantamento de obras - para serem analisadas - que contemplem as produções literárias negras, ou seja, de autores (as), ilustradores (as) e protagonistas (as) negros e negras da literatura infantojuvenil;
- Estudo e análise dos enunciados presentes nas obras literárias com a qualidade estética de produções contemporâneas mais recentes (última década).

Para o levantamento das produções científicas apresentadas nas tabelas seguintes, parto do princípio de que o texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Nesse viés, para o levantamento das produções científicas, utilizei o operador booleano *AND* para filtrar a pesquisa, identifiquei e qualifiquei os enunciados produzidos em artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses no período de dez anos: de 2014 a 2024. Esse recorte temporal foi escolhido por permitir observar as mudanças, tendências e impactos políticos, sociais e culturais; além de que a delimitação de escopo facilita a análise e organização dos dados de pesquisa.

Apresento, portanto, a seguir, dez das temáticas pesquisadas e o número de publicações encontradas.

Tabela 2 - Relação dos descritores pesquisados

Quantidade	Descritores
09	Ilustrações AND literatura afro-brasileira infantil
15	Livros ilustrados AND personagens negros
10	Literatura infantil negra AND ilustrações
03	Ilustrações de autoria negra AND literatura infantil
02	Ilustradores AND autores negros e literatura negro-brasileira infantojuvenil
Total: 39	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Ao analisar os trabalhos disponíveis, considerei, além dos descritores, o recorte temático dentro de um período de dez anos e a relação direta ou indireta com o objeto de pesquisa. Haja vista que muitas pesquisas são recorrentes a temáticas africana e afro-brasileira relacionadas aos personagens negros na literatura infantojuvenil com estudos e análises recorrentes do livro com ilustrações.

Durante a leitura dos resumos, introdução, trechos das obras e conclusões, foi possível evidenciar que as obras tratavam, de forma específica, da representatividade negra por meio das imagens na literatura infantil, mas não estavam relacionados à especificidade da pesquisa que contempla a análise do livro ilustrado de autoria negra, alinhando-se à metodologia e aos objetivos deste estudo. Contudo, alguns trabalhos, embora relevantes em seus contextos, evidenciaram o letramento literário; análises de livros didáticos; discussões sobre contos de fadas modernos, crítica literária; histórias em quadrinhos, entre outros. Apesar de sua importância acadêmica, esses estudos não se adequaram ao recorte temático estabelecido.

Foi possível observar ainda, a ausência de estudos que abordassem de maneira específica a literatura negro-brasileira ou o livro ilustrado de autoria negra, o que reforça a relevância e a originalidade deste trabalho. A seleção final, portanto, priorizou aqueles trabalhos que dialogavam de forma mais precisa com a proposta desta pesquisa, garantindo a coesão temática e a consistência metodológica necessária para alcançar os objetivos propostos.

A tabela 3 a seguir foi elaborada com o intuito de organizar as temáticas encontradas na pesquisa. A partir da leitura do título, sumário, referências, ano de

publicação e o resumo, pude selecionar pesquisas sobre o livro ilustrado, o livro ilustrado de autoria negra, identidade e ancestralidade.

Tabela 3 - Mapeamento dos trabalhos selecionados: quantidade, ano de publicação, título, instituição educacional, autoria e tipo de trabalho

Nº.	Ano	Título/ Instituição	Autoria	Trabalho
1	2014	Literatura infantil dos kits de literatura afro-brasileira da Prefeitura de Belo Horizonte (MG): um currículo para ressignificação das relações étnico-raciais? UFMG	Daniela Amaral Silva Freitas	Tese
2	2015	Representações da diversidade étnica em obras da literatura infantil e juvenil. UEL	Sônia Aparecida Vido Pascolati, Maria Carolina de Godoy.	Artigo
3	2015	Entre causos e cachos: como se tece o pertencimento racial através de imagens e autoimagens de crianças pequenas. UFMG	Marília Lúcia de Paiva Andrade	Trabalho de conclusão de curso
4	2018	A imagem da criança negra na Literatura Infantil: estudo comparado de narrativas Latino-Americanas UNILA	Sandra de Oliveira Ferreira	Dissertação
5	2018	A representatividade e a representação da personagem negra em obras literárias infantis. UNIVATES	Daiane Cristina Appel	Artigo
6	2020	Protagonismos de meninas negras na literatura infantil contemporânea. UFRGS	Vanessa Rosa da Costa	Dissertação
7	2021	O percurso imagético literário: um olhar para as ilustrações na literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira. UFPR	Mariana Silva Souza	Tese
8	2021	As raízes de Dandá: literatura infantil e design editorial para o empoderamento de meninas negras UNIVATES	Ana Laura de Paoli Costa	Trabalho de conclusão de curso
9	2022	Educação e literatura infantil: a recepção docente à leitura de contos de fadas africanos. UFRN	Raquel Duarte Fernandes	Dissertação
10	2023	Eu sou o que vejo: representação e representatividade negra na literatura infantil contemporânea. UFJF	Cristiane Veloso de Araújo Pestana	Tese

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A princípio, apresento quatro produções que abordam ilustrações e literatura afro-brasileira infantil. A primeira produção da pesquisadora Daniela Amaral Silva Freitas, tese (2014), com o título *Literatura infantil dos kits de literatura afro-brasileira da Prefeitura de Belo Horizonte (MG):* um currículo para ressignificação das relações étnico-raciais. A segunda, a tese (2021) de Mariana Silva Souza, sob o título *O percurso imagético literário:* um olhar para as ilustrações na literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileir*a.*

A terceira, o trabalho de Raquel Duarte Fernandes, de 2022, *Educação e literatura infantil:* a recepção docente à leitura de contos de fadas africanos e, por fim, o artigo (2015) de Pascolati e Godoy, Representações da diversidade étnica em obras de literatura infantil*.* A tese de Freitas (2014), da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, apresenta uma análise de livros de literatura infantil que compõem os kits de literatura afro-brasileira organizados pela Prefeitura de Belo Horizonte, compreendidos como artefatos culturais, envolvidos na produção de sujeitos educados para a ressignificação das relações étnico-raciais.

A autora colaborou com a temática ao estudar a literatura infantil com um olhar atento às relações étnico-raciais, sobretudo quando retrata as diferenças e as transformações sociais e culturais que perpassam as obras literárias. Nesse contexto, cabe destacar:

> Assim, a literatura infantil, ao utilizar diversas estratégias para divulgar saberes sobre os diferentes grupos étnico-raciais, em meio a relações de poder, constitui-se como um currículo que produz versões do mundo que fixam significados e que ditam possibilidades de existência (Freitas, 2014, p.82).

O acervo por ela pesquisado, em sua maioria, ressalta a cultura afro-brasileira no que diz respeito à valorização e à afirmação do negro. Na sequência, trago Mariana Silva Souza da Universidade Federal do Paraná, que, em 2021, pesquisou *O percurso imagético literário: um olhar para as ilustrações na literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira.* A pesquisadora apresenta um instrumento metodológico adequado às pesquisas em educação, com diretrizes para a realização de análise de imagem.

O trabalho analisa as imagens com olhar para as personagens negras e descreve três dimensões: caracterização e contexto; relação entre texto verbal e

visual e representatividade. Nessa direção, ao analisar oito obras, conforme o instrumento metodológico por ela descrito anteriormente, apenas cinco obras apresentaram avanços efetivos em relação aos aspectos imagéticos. É notório pelas pesquisas por ela efetuadas em acervos, que ainda há muitas obras em que as imagens são estereotipadas. Em um dos parágrafos da dissertação Souza, M. (2021) faz um relato pessoal de extrema relevância:

> Durante meu último período da graduação, realizei uma apresentação de trabalho na qual discuti sobre minha pesquisa. Nessa ocasião a professora, branca, demonstrou grande incômodo e desaprovação acerca da temática sobre ilustração de personagens negras na literatura infantil, enfatizando que eu deveria estar preocupada com o tema, tendo em vista meu desejo de concluir a graduação. A docente externou verbalmente, diante da turma, sua percepção de que minha pesquisa não dialogava com o campo das Artes Visuais, bem como questionou sobre a orientação que eu recebia, perguntando se era de uma pessoa que pesquisava relações raciais (Souza, M. 2021, p.28).

A realidade acadêmica, como é mostrada pela autora, enfrenta desafios, haja vista que o processo cultural de apagamento étnico e racial, mesmo no meio acadêmico é histórico. Isso ocorre desde a pré-escola, perpassando os anos Iniciais, até a universidade. Vivenciamos um sistema de manutenção das hierarquias raciais que, sem dúvida, buscam silenciar pesquisadores negros. Como pesquisadora negra me sinto tocada e sei o quanto é difícil chegar até esse espaço privilegiado.

A dissertação (2022) de Raquel Duarte Fernandes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), *Educação e Literatura Infantil:* a recepção docente à leitura de contos de fadas africanos, apresenta diversos aspectos relevantes. Primeiro por ser um referencial para a minha organização metodológica, depois pelas percepções e concepções de literatura em seu texto, como o referencial da Teoria da Recepção de W. Iser e H. R. Jauss, em que o leitor é o protagonista do processo literário.

> Ao assumir uma posição privilegiada na teoria da estética da recepção, o leitor é o receptor que vai conferir à obra o status de objeto estético, pois é ele que recebe as informações advindas da leitura e vai significar o que está escrito. Antes de ser lido o livro é um objeto, porém, após a leitura, ganha significado através das operações mentais do leitor (Fernandes, 2022, p. 42).

Foi possível perceber uma relação de texto-leitor com a relação dialógica em que, ao me aproximar, conforme vivências e experiências subjetivas, tenho na "experiência estética a ideia que corrobora diretamente com uma literatura capaz de afetar o leitor" (Fernandes, 2022, p. 44). A autora apresenta um capítulo intitulado "Educação antirracista: conceitos axiais", no qual refere-se à literatura infantil negra, bem como sobre a falta de formação dos profissionais da educação para as questões de raça, gênero e preconceitos, ou seja, da escola na totalidade. Ainda, é possível perceber "se é na escola que geralmente começam os questionamentos, apelidos e uma percepção diferente de si pelo olhar do outro, é nesse ambiente de construção de sentidos que precisa ser adotada uma postura antirracista" (Fernandes, 2022, p. 64).

Por esse prisma fica evidente que a literatura desempenha um papel fundamental na formação dos sujeitos ao apresentar obras que têm o poder de ressignificar visões anteriormente estereotipadas. Em relação ao descritor *livros ilustrados e personagens negros*, as produções abordam as temáticas da representatividade e da educação para as relações étnico-raciais posteriormente estudadas e aprofundadas na pesquisa. Aqui destaco o trabalho de Andrade (2015), da Faculdade de Educação da UFMG, e Costa (2021), da Universidade do Vale do Taquari – Univates, ambos trabalhos de conclusão de curso. O trabalho de Andrade (2015), intitulado *Entre causos e cachos: como se tece o pertencimento racial através de imagens e autoimagens de crianças pequenas,* retoma a importância do cuidado com as infâncias negras no espaço escolar, com foco principal em crianças nos primeiros anos da infância (maternal e primeiro período) e na construção da identidade.

A autora relata a realização de onze oficinas com o objetivo de ressignificar e legitimar as identidades afrodescendentes. Segundo Andrade (2015, p.7), foi possível, por meio das obras literárias, compreender como as "crianças se veem, como elas lidam com a sua autoimagem e imagens que representam a diversidade racial, com o intuito de positivar o pertencimento étnico-racial". O trabalho de Costa (2021) destaca a importância da linguagem verbal para as infâncias, desde a mais tenra idade, e a necessidade da formação adequada para os profissionais da educação.

A pesquisa está relacionada ao curso de Design, da Universidade do Vale do Taquari – Univates, com o título: *As raízes de Dandá*: *literatura infantil e design*

editorial para o empoderamento de meninas negras, e nela analisa-se o trabalho do design, que deve ter por objetivo a construção da identidade em um livro infantil ilustrado. Costa realizou uma pesquisa qualitativa com a participação de mulheres pretas, crianças e adolescentes, além dos profissionais envolvidos no desenvolvimento do projeto gráfico. O projeto apresentou duas etapas, a primeira com uma especialista em literatura e outra com uma criança. O conceito todo do livro foi desenvolvido para incentivar o empoderamento de meninas negras. Tanto Andrade (2015) quanto Costa (2021) buscam em suas pesquisas dar visibilidade às infâncias negras que sofrem preconceito e discriminação racial desde bem pequenas. Ambas procuram formas e maneiras de oportunizar uma educação identitária e o empoderamento das crianças, por meio das imagens, e o livro ilustrado é um suporte fundamental para que isso ocorra.

Os diversos trabalhos produzidos revelam a importância e a responsabilidade que designers, ilustradores e escritores têm em realizar um projeto gráfico que vise à melhoria da autoestima, da autoaceitação, da representatividade identitária e do empoderamento de crianças e jovens negros. Conforme, o descritor *literatura infantil negra e ilustrações*, recorro ao trabalho de Appel (2018), o artigo intitulado "*A representatividade e a representação da personagem negra em obras literárias infantis distribuídas pelo MEC através do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)"*; à dissertação de Sandra de O. Ferreira (2018), *A imagem da criança negra na literatura infantil: estudo comparado de narrativas latino-americanas*; à pesquisa de Vanessa R. da Costa (2020), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, Protagonismos de meninas negras na literatura infantil contemporânea*; além do artigo de Pascolati e Godoy (2015), *Representações da diversidade étnica em obras da literatura infantil e juvenil.*

O artigo de Appel (2018, p. 7) apresenta conceitos como o de "representatividade, entende-se pelo que vemos, o palpável, e a representação trata de algo a mais, de se ver representado e de como isto é feito em determinado meio, se há uma presença real de representatividade e não de idealização de uma cultura". A autora analisa obras literárias de 2010 a 2014, a princípio com os estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, e, em sequência, realiza oficinas com os educadores.

Ao concluir, a pesquisadora retrata a falta de representatividade e representação nas obras literárias distribuídas pelo MEC e pontua a falta de

formação dos educadores. A dissertação de Ferreira (2018) analisa a imagem da criança negra em quatro obras distintas: (1) *Menina bonita do laço de fita* (1986), de Ana Maria Machado, publicada no Brasil pela editora Ática; (2) *Niña Bonita* (1994), editada na Venezuela pela editora Ekaré, também de Ana Maria Machado; (3) *La Muñeca Negra*, conto de José Martí (1889), publicado na Revista *La edad de Oro* em Cuba; e em um conto de literatura infantil - *La Muñeca Negra* (2011), de Mary Grueso Romero, publicada na Colômbia pela editora Apidama. O trabalho teve como finalidade compreender a representação da criança negra na literatura infantil latino-americana em seus espaços e o tempo de produção e, dessa forma, dialoga com a concepção do surgimento da literatura infantil e do livro ilustrado. Contudo, a autora registra que “as primeiras ilustrações surgiram século XVII com a concepção de infância” (Ferreira, 2018).

O primeiro livro dirigido às crianças com imagens surgiu em 1654: a obra *O Mundo dos Sentidos Pintados,* de autoria de Comenius, bispo, educador, cientista e escritor, considerado o fundador da didática moderna. Para produzir as imagens, Comenius utilizou a técnica da litografia, com carimbos de madeira. Para Ferreira (2018, p. 30), a ilustração no livro para crianças “contribui para a capacidade imaginativa da criança de maneira significativa. No entanto, na maioria das vezes, é percebida pelos críticos em segundo plano, apenas para representar as palavras na narrativa”.

A autora reconhece em seu trabalho que, para as infâncias negras, são negadas a identidade, seus traços culturais, sua história, sendo de grande relevância que a literatura infantil tenha obras que potencializem o reconhecimento identitário pela linguagem visual. A pesquisa de Costa (2020), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, autora de *O protagonismo de meninas negras na literatura infantil contemporânea,* traz, na página de abertura de sua dissertação, a ilustração de uma menina negra em cima de uma bicicleta e, ao fundo, a imagem de uma escola. A autora analisa o protagonismo de meninas negras na literatura infantil, por intermédio de 10 obras literárias infantis contemporâneas. “A discussão e as análises foram subsidiadas pelas perspectivas dos estudos de gênero, dos estudos culturais e da educação antirracista” na educação infantil (Costa, 2020, p.10). Também foi possível perceber a relevância da realização de formações com as crianças desde a mais tenra idade, utilizando obras que abordem diferentes aspectos como gênero, sexualidade e relações étnico-raciais.

> O acervo escolhido carrega muitas qualidades de repertório, mas ainda é preciso que histórias de literatura infantil diversificadas sejam apresentadas às crianças desde pequenas, abordando diferentes temas, como gênero, sexualidade e relações étnico-raciais. Isso possibilitará que as crianças reflitam sobre sua realidade, especialmente as meninas negras, que ainda são as maiores vítimas de violência e abuso sexual neste país (Costa, 2020, p. 10).

Sendo um dos poucos trabalhos que aponta essa questão, é essencial abordar temas que refletem e contextualizam a realidade das crianças. As informações e orientações sobre as temáticas são necessárias por contribuírem para a autoproteção e minimizarem a vulnerabilidade de crianças e adolescentes.

Na sequência, apresento o artigo de Pascolati e Godoy (2015), que analisou o livro *Betina* de Nilma Lino Gomes, com ilustrações de Denise Nascimento (Mazza Edições, 2009) *e Empresta o lápis de cor?*, lançada em 2012, pela EDUEL, escrita por Rafaeli Constantino Valêncio Peres e ilustrada por Gisele Koch. As obras foram consideradas conforme os seguintes aspectos: representação discursiva do negro; apresentação visual da personagem negra; inserção de elementos culturais africanos e afro-brasileiros.

Conforme as autoras, a obra *Betina* contribui com a construção de representações sociais e identitárias no ambiente escolar. Já o segundo livro apresenta diversidade cultural, mas a sua narrativa não deixa presentificada a "aparência da criança negra, a não ser a cor da pele, que a diferencie das demais, consideração reforçada pela observação de outras ilustrações" da obra (Pascolati; Godoy 2015, p. 141). Segundo essas autoras, esse debate envolve, também, a análise de questões ideológicas que perpassam os textos infantis e juvenis, isto é, uma abordagem do texto literário de modo a "[...] evidenciar o reflexo sociocultural ou a intenção de transmissão de valores sociais[...]", assim como perceber como "[...] a ideologia se inscreve nos textos literários [,] para expressar a visão de mundo dos diferentes grupos sociais" (Colomer, 2003, p. 117).

As tensões que envolvem as relações étnico-raciais perpassam todo o sistema político, econômico, histórico e social, dessa maneira, a leitura se torna um ato político.

Na publicação com o descritor *ilustrações de autoria negra e literatura infantil*, verifiquei poucas pesquisas com foco nos ilustradores negros. Trago a pesquisa recente de Cristiane Veloso de Araujo Pestana (2023), do Programa de

Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora, *Eu sou o que vejo: representação e representatividade negra na literatura infantil contemporânea*.

O trabalho discute a literatura para a infância numa perspectiva antirracista e decolonial. A tese, segundo a autora, é de cunho interdisciplinar, abrangendo as áreas de Letras, Educação e Artes. A autora analisa as imagens de 10 livros com ilustrações de Literatura Infantil com temática étnico-racial, com foco naqueles que trazem personagens protagonistas negras.

Sua fundamentação teórica contempla autoras(es) como Gomes (2023) no que concerne à discussão sobre racismo e educação, Munanga (2024) a respeito do racismo e mestiçagem, Debus (2017) acerca da literatura infantil e juvenil e em relação às imagens e ilustrações, as obras de Linden (2018), Nikolajeva e Scott (2011). A autora também estuda as diversas concepções de literatura, nomenclaturas e posicionamentos diversos sobre a literatura negra, a literatura afro-brasileira e a literatura negro-brasileira, leitura e infância. Cito um trecho da tese no qual Pestana aponta os estereótipos que perpassam a literatura infantil brasileira até os dias atuais:

> No tocante a literatura infantil, Silva (1995) data as primeiras pesquisas sobre estereótipos como sendo em 1975 por Maria Romano Schreiber e, um pouco mais 45 tarde, em 1980, por Fúlvia Rosemberg. A presença majoritária de personagens brancos com atributos positivos e personagens negros desumanizados e associados às tragédias, sujeira e maldade foram alguns pontos observados em tais pesquisas. Situações que, infelizmente, continuaram ocorrendo e sendo objetos de pesquisa e crítica, como veremos mais adiante (Pestana, 2023, p. 44-45).

Os livros que contribuem para esse tipo de abordagem estão acessíveis em salas de leitura, bibliotecas e acervos digitais. E, assim, por intermédio das diversas leituras de trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e artigos, que contemplam as relações étnico-raciais e obras literárias, aproximo-me mais de alguns conceitos e concepções relacionados, por exemplo, com a representação, representatividade e identidade. Para dialogar e ampliar os sentidos sobre esses conceitos, trago Nogueira (2019); Souza (2021) e Munanga (2024).

1.6 Representação, representatividade e identidade negra

Alguém já parou para pensar que, ao nascer, uma criança negra pode ser embranquecida antes mesmo de dar os primeiros passos ou dizer as primeiras palavras? Muitas vezes, ela cresce sem ter, no seio familiar, ou fora dele, alguém como referência de representação ou representatividade. Na maioria das vezes, as infâncias negras são retratadas pelos meios midiáticos e televisivos como vítimas de contextos sociais desiguais, ignoradas pela sociedade, ou tragicamente mortas de forma prematura.

Desde a escravização dos corpos e mentes negras até os dias atuais, as crianças negras — assim como toda a comunidade negra — seguem sangrando e resistindo. Nesse mito de democracia racial que vive o país [...] “o poder está institucionalizado concentrado no topo das classes possuidoras e de seus setores dirigentes” (Nascimento, 2016, p. 21). Nesse sentido, apesar de uma aparente diversidade racial, as estruturas de poder continuam refletindo desigualdades sociais e históricas. Ainda, como escreveu Souza, N. (2021) em seu livro *Torna-se negro:* “o fetichismo em que se assenta ideologia racial faz do predicado branco, a brancura, o ‘sujeito universal e essencial’, e do indivíduo branco, a pessoa concreta, um ‘mero atributo contingente e particular’” (Souza, N. 2021, p. 28).

O racismo estrutural aqui constituído deixa evidente que branquitude é referência de humanidade, o ser branco é tão purificado que não se constitui de identidade. Essa lógica é tão poderosa que molda a forma como as crianças percebem o mundo ao seu redor. Em seus primeiros anos, ainda em processo de formação cognitiva e psicológica, a criança tende a normalizar tudo o que vê, internalizando os padrões e hierarquias impostos pela sociedade.

Todavia, é na infância que a maioria das crianças negras sofrem discriminação racial. No contexto escolar, por exemplo, estão as minhas primeiras lembranças do quanto eu me achava feia, fruto da internalização de padrões de beleza que me excluíam e inferiorizavam. A alienação pela cor do outro, pelo cabelo do outro, pela vida do outro. Queria ser como minhas colegas brancas, ou seja, a cultura, a civilização, a história do outro e a sua humanidade.

Isso retrata a concepção do professor Munanga ao dizer que “com efeito, a alienação do negro tem se realizado pela inferiorização do seu corpo antes de atingir a mente, o espírito, a história e a cultura” (Munanga, 2024, p. 16). Assim, a alienação

já começa na infância, o que torna essencial promover cada vez mais a representação e, principalmente, a representatividade. A representação refere-se à maneira como os negros são vistos no meio midiático e na sociedade como um todo, abrangendo áreas como literatura, música, esporte, teatro, e outros meios culturais, esportivos e políticos. Entretanto, ser representado não significa, necessariamente, inclusão efetiva ou que essa representação ultrapasse o nível de uma atuação superficial.

Como aponta Nogueira (2019), "a representação é o ato de representar e tomar a palavra, a narrativa, por alguém de maneira autorizada", ou seja, a representação só se torna autêntica quando é construída pelas próprias pessoas a quem se refere, garantindo que suas vozes sejam ouvidas de forma legítima e transformadora. A representatividade negra é uma manifestação do indivíduo para o coletivo, os espaços conquistados por sua atuação, posição de destaque, ou influência, contribui para que haja uma sociedade mais justa e equitativa em todas as esferas da sociedade.

A representatividade é um ponto crucial para a construção do reconhecimento identitário que considera contextos socioculturais diferenciados, como diz Kabengele Munanga em que há uma pluralidade de contextos sobre a construção da identidade negra que, na literatura infanto-juvenil, a meu ver, é um ato libertador. Nesse caso, a de recusa de todas as imposições sociais que historicamente desumanizam, invisibilizam ou subalternizam todos os corpos negros.

Como afirma, Munanga:

> A recuperação dessa identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua *negritude* antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade” (Munanga, 2024, p.19).

Dessa maneira, garantir a representação e a representatividade negra vai além de ocupar espaços; trata-se de criar possibilidades para que histórias, experiências e perspectivas sejam compartilhadas, rompendo com a alienação e promovendo um ambiente social mais equitativo e inclusivo.

1.7 Encontros outros na perspectiva do cotejo

Ao pesquisar as diversas produções acadêmicas, verifico a necessidade de conhecer mais sobre o surgimento da infância. Na pesquisa de Araújo (2015), do Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, sob o título *Infância, Educação Infantil e Relações Étnico-Raciais*, a pesquisadora articulou temas diversos e relevantes, como a concepção de Infância, Educação Infantil, Relações étnico-raciais, Racismo, Política de Educação Infantil, ampliando, assim, os significados e sentidos em relação à pesquisa no que diz respeito aos estudos sobre a Sociologia da Infância, da História e dos Estudos Pós-coloniais. De fato, com a pesquisa foi possível compreender a temática e conhecer outros pesquisadores como Ariés (1981) e Rosemberg (2010). A pesquisa de Araújo (2015) foi desenvolvida na escola pública e constatou que os educadores e os pais, no caso a pesquisadora cita as mães dos estudantes,

> [...] reconhecem a presença de preconceitos étnico-raciais no interior da instituição escolar, seus nefastos efeitos na construção identitária das crianças negras, ainda que sejam pouco compreendidos em suas manifestações, e o caráter estruturante do racismo na sociedade (Araújo, 2015, p.8).

Araújo (2015) destaca o quanto o racismo está estruturado na sociedade brasileira, é tão naturalizado que suas nuances são quase imperceptíveis. Em relação ao cunho metodológico utilizado nas pesquisas já descritas, foi possível constatar que diferentes procedimentos metodológicos foram aplicados, por exemplo: Freitas (2014) delimitou as obras a serem estudadas e utilizou a bricolagem como método de seleção e síntese para a sua pesquisa.

A literatura comparada foi utilizada por Ferreira em que “permite ao sujeito a apropriação de conhecimentos de mundo a partir do que lê e vê, e possibilita entender as relações sociais, já que, por meio delas, podem ocorrer transformações (Ferreira, 2018, p.75). Outra metodologia empregada interessante é a de Costa (2020). As obras literárias foram analisadas com base metodológica na análise cultural, “o que implica observar e compreender a identidade cultural do indivíduo a partir de seus valores, princípios e história de vida” (Costa, 2020). Para investigar e identificar as representações imagéticas nas obras selecionadas, Souza, M. (2021),

em sua dissertação, desenvolveu um instrumento metodológico chamado percurso imagético literário.

Na tese, Pestana utilizou um “método de análise que consiste em apontar elementos contraditórios, ou seja, aqueles que se dizem antirracistas, mas ainda conservam traços estereotipados (Pestana, 2023, p. 24). Pestana válida a utilização do método ao destacar a relevância da metodologia analítica. Quanto à metodologia utilizada por Araújo (2015); Appel (2018) e Fernandes (2022), fica evidente uma pesquisa de cunho qualitativa. Segundo Fernandes (2022): “Tem como foco o caráter subjetivo do objeto analisado e busca compreender experiências particulares e individuais dos sujeitos. Como resultado, costuma estimular reflexões acerca das narrativas, ideias e novas experiências obtidas […]”.

Assim sendo, uma pesquisa qualitativa busca compreender aspectos humanos de comportamento, experiências e demais relações sociais em ambientes diversos (Fernandes, 2022, p.69). As múltiplas vozes que constituem enunciados e perspectivas diversas me atravessam nesse processo dialógico e responsável, no qual cada encontro e desencontro são primordiais para construção de caminhos metodológicos e sentidos.

E, nessas trocas dialógicas, toda palavra é carregada de intenções e, na relação responsiva, reside o princípio da ressignificação do ser humano inacabado, que se torna sujeito participante dos processos de interação, de troca e de relação com o outro. Diante disso, Bakhtin (2010, p. 76) considera que: “somente o ato responsável supera toda hipótese, porque ele é de um jeito inevitável, irremediável e irrevogável a realização de uma decisão; o ato é o resultado final, uma consumada conclusão definitiva”. Entretanto, após realizar as leituras, percebo o quanto estamos longe de uma democracia racial e de termos equidade entre os povos (justiça e imparcialidade, igualdades de oportunidades, distribuição justa de recursos e saúde).

Sobre isso é possível dizer que em todas as leituras, ao aproximar da questão racial, em algum momento, ressoa a presença do preconceito e da discriminação racial. Às vezes, eles surgem nas obras estudadas pelas pesquisadoras, outras vezes nos sujeitos pesquisados. De igual forma, em todas as produções fica evidente a importância sobre a emancipação e humanização dos corpos negros através da formação de docentes e discentes na escola. É fato que,

para o caminho da desconstrução dos estereótipos, é necessário mais e mais estudos sobre as relações étnico-raciais.

Todavia, à medida que estou me constituindo do diálogo e vozes outras, percebo "*coisas prenhas de palavras",* (Bakhtin, 2011, p. 402). "Neste sentido, todas as palavras (enunciados, produções de discurso e literárias), além das minhas próprias, são palavras do outro" (Bakhtin, 2011, p. 379). E, encharcada por palavras outras, venho a refletir, nas próximas páginas, sobre as produções literárias do "Livro Infantil e Juvenil" nas grandes premiações JABUTI e FNLIJ. Logo, as obras que se destacam nessas premiações, reconhecidas tanto nacional quanto internacionalmente, ressaltam talentos estabelecidos e revelam outros. Obtendo visibilidade, acabam por representar a diversidade das obras literárias brasileiras.

Na tentativa de evidenciar nessas premiações a representação de escritores(as) e ilustradores(as) negros(as), que possam vir a compor a pesquisa, tenho como marco as premiações antes e depois da Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelecendo as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Uma vez que, é notório a carência de obras literárias infantojuvenis antes desse marco histórico brasileiro.

1.8 As produções literárias do "Livro Infantil e Juvenil" sobre a temática de autoria negra nos meios midiáticos: uma análise das premiações Jabuti e FNLIJ

Na perspectiva de identificar os percussores negros e negras a se destacarem nas premiações, pesquiso duas grandes premiações nacionais: a primeira é a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e a segunda o Prêmio Jabuti.

Todas as premiações, tanto da FNLIJ quanto o Prêmio Jabuti, estão em *site* aberto, desde a sua primeira premiação, o que facilitou a pesquisa. Dessa maneira, fiz um recorte entre todas as premiações e categorias com foco estratégico na Literatura Infantil e Juvenil, formando assim, um quadro-síntese com escritores e ilustradores. Após a pesquisa, relaciono, em sequência, o nome dos premiados bem como a sua relevância para a literatura negra no país.

1.8.1 Prêmios FNLIJ - Edição 40 anos (1974) até 2023

Quanto à FNLIJ, a premiação é dividida em diversas categorias e cada uma delas leva o nome de um autor consagrado da Literatura infantojuvenil, como uma homenagem da FNLIJ a esses talentosos escritores e ilustradores.

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ foi inaugurada em 23 de maio de 1968, está localizada na Casa da Leitura da Fundação da Biblioteca Nacional, no bairro das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, tendo como missão "promover e desenvolver a literatura infantil e juvenil no Brasil, estimulando a leitura, valorizando a produção literária nacional, promovendo a formação de leitores e contribuindo para a melhoria da qualidade dos livros destinados ao público infantojuvenil" (FNLIJ, 2024).Todavia, a pesquisa abrange a edição especial de 40 anos da criação da FNLIJ, desde a primeira premiação em 1974 até 2014-produção 2013.

O catálogo da premiação tornou-se uma vitrine aberta de encantamentos literários pelo país, e, como disse anteriormente, a FNLIJ realizou uma divisão dos livros por diversas categorias e cada uma com a sua particularidade. Apresento, a seguir, as primeiras categorias ao longo dos anos de 1974 a 2014:

- Prêmio FNLIJ Ofélia Fontes - O melhor livro para a criança;
- Prêmio FNLIJ Orígenes Lessa - O melhor livro para o jovem;
- Prêmio FNLIJ Luís Jardim - O melhor livro de imagem;
- Prêmio FNLIJ Malba Tahan - O melhor livro informativo;
- Prêmio FNLIJ Odylo Costa, Filho - O melhor livro de poesia;
- Prêmio FNLIJ Gianni Rodari - O melhor livro brinquedo;
- Prêmio FNLIJ Lucia Benedetti - O melhor livro de teatro;
- Prêmio FNLIJ Cecília Meireles - O melhor livro teórico;
- Prêmio FNLIJ Figueiredo Pimentel - O melhor livro reconto;
- Prêmio FNLIJ Henriqueta Lisboa - O melhor de literatura em Língua Portuguesa;
- Prêmio FNLIJ Monteiro Lobato - A melhor tradução/adaptação criança;
- Prêmio FNLIJ Monteiro Lobato - A melhor tradução/adaptação informativo;

- Prêmio FNLIJ Monteiro Lobato - A melhor tradução/adaptação jovem;
- Prêmio FNLIJ Monteiro Lobato - A melhor tradução/adaptação reconto;
- Escritor(A) Revelação;
- Ilustrador(A) Revelação;
- Melhor Ilustração;
- Prêmio FNLIJ Glória Pondé - Melhor Projeto Editorial;
- Prêmio Especial – Melhor Projeto Editorial.

Ao todo, são dezenove categorias verificadas entre os anos de 1974 e 2014, sendo que a apresentação dessas categorias ao longo dos anos fora alterada.

Ao analisar as grandes premiações do país dedicadas ao fomento da literatura infantojuvenil e da literatura em geral, vislumbro encontrar premiações que contemplem, em meio a tantas edições, escritores (as) negros (as) e ilustradores(as) negros (as), com uma ênfase metodológica de colocar no centro da análise a produção negra no mercado editorial brasileiro, tema ainda pouco explorado e pesquisado na academia.

A partir disso, se faz necessário considerar algumas informações de cunho social e econômico, uma vez que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), a maioria da população brasileira é composta por pessoas autodeclaradas pardas e pretas. Esses dados refletem a diversidade étnica do país e destacam a importância de políticas públicas voltadas para a inclusão e a equidade racial, reconhecendo a representatividade e as contribuições dessas populações na formação da identidade brasileira. As obras literárias que apresentam em seus contextos personagens negros, indígenas, asiáticos, ciganos, dentre outras classes, chamadas de minorias, são fontes inesgotáveis de cura e se tornam referências afirmativas para muitas crianças e jovens. Nesse primeiro cotejo, foram analisadas todas as categorias, além das seis específicas da pesquisa descritas a seguir, em que estão presentes a literatura infantojuvenil e as ilustrações.

- Prêmio FNLIJ Ofélia Fontes - O melhor livro para a criança;
- Prêmio FNLIJ Orígenes Lessa - O melhor livro para o jovem;
- Prêmio FNLIJ Luís Jardim - O melhor livro de imagem;
- Escritor(A) Revelação;
- Ilustrador(A) Revelação;
- Melhor Ilustração.

Dessa maneira, apresento a seguir a tabela organizada, metodologicamente, por tipo de premiações e categorias (1974 a 2023), de forma que as premiações, escritores e ilustradores negros, relacionados e subdivididos conforme a especificidade das premiações.

a) Premiações em diferentes categorias de autores e ilustradores negros e indígenas:

Tabela 4 - Quadro organizacional I: Prêmios FNLIJ desde 1974 a 2023

Prêmios e Categorias de 1974 a 2023	**Premiações, escritores e ilustradores negros e indígenas/Ano**
Prêmio FNLIJ Ofélia Fontes – O melhor livro para a criança	Prêmio 1988 (produção 1987) - Uma ilha lá longe. Cora Rónai. Ilustração Rui de Oliveira. Editora Record.
Prêmio FNLIJ Orígenes Lessa O melhor livro para o jovem	Prêmio 1985 (produção 1984) O outro lado do tabuleiro. Eliane Ganem. Ilustração Rui de Oliveira. Editora Record. Prêmio 2001 (produção 2000) - Quando eu voltei, tive uma surpresa: cartas para Nelson. Joel Rufino dos Santos. Editora Rocco. Prêmio 2005 (produção 2004) Crônicas de São Paulo: um olhar indígena. Daniel Munduruku. Editora Callis.
Prêmio FNLIJ Luís Jardim - O melhor livro de imagem	Prêmio 1995 (produção 1994) A bela e a fera. Rui de Oliveira. Editora FTD. Prêmio 2003 (produção 2002) Chapeuzinho Vermelho e outros contos por imagem. Rui de Oliveira. Luciana Sandroni (adaptação). Editora Companhia das Letrinhas.
Prêmio FNLIJ Malba Tahan O melhor livro informativo	2012- Hors-Concours Três anjos mulatos do Brasil. Rui de Oliveira. Ilustração Rui de Oliveira. Editora FTD
Prêmio FNLIJ Cecília Meireles- O melhor livro teórico	Prêmio 2009 (produção 2008) Pelos Jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens. Rui de Oliveira. Editora Nova Fronteira.
Prêmio FNLIJ Monteiro Lobato A melhor tradução/adaptação reconto	Prêmio 2007 (produção 2006) Histórias de Ananse. Adwoa Badoe, Marcelo Pen (tradução). Ilustração Baba Wagué Diakité. Editora Edições SM
Escritor(a) Revelação	Prêmio 2006 (produção 2005) Língua de trapos. Adriana Lisboa. Ilustração Rui de Oliveira. Editora Rocco.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

b) Premiações em diferentes categorias de ilustradoras negras / ano.

Tabela 5 - Quadro organizacional II: Prêmios FNLIJ desde 1974 a 2023

Prêmios e Categorias de 1974 a 2023	Premiações-Ilustradoras negros / Anos
Prêmio FNLIJ Malba Tahan O melhor livro informativo	2023 O melhor livro informativo- O melhor Projeto Editorial. O adeus do marujo. Texto e ilustrações de Flávia Bomfim. Editora Pallas.
Prêmio FNLIJ Monteiro Lobato - A melhor tradução/adaptação informativo	Prêmio 2022 A Melhor Tradução Adaptação Informativo. Sejamos todos feministas. Texto de Chimamanda Ngozi Adichie. Tradução de Christina Baum. Ilustrações de Aju Paraguassu. Editora Companhia das Letrinhas.
Prêmio FNLIJ Monteiro Lobato - A melhor tradução/adaptação jovem	Prêmio 1997 (produção 1996) A comédia de erros. Mary Lamb (adaptação). Márcio Godinho de Oliveira e Johnny Mafra (tradução). Ilustração Alícia Cañas Cortázar. Editora Dimensão.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ está completando 50 anos, mas o resultado surpreende quando o foco passa a ser a diversidade étnica, e o protagonismo negro. Quanto aos premiados, ao realizar o cotejo percebe-se uma escassez na representatividade. Entretanto, a falta de destaques de autoria negra revela ainda mais o quanto estamos longe de sermos um país pluricultural, no sentido de acolher a diversidade étnica e de termos uma democracia racial vigente.

Para o escritor Silvio Almeida, no nosso Brasil, “a negação do racismo e a ideologia da democracia racial sustenta-se pelo discurso da meritocracia” (Almeida, 2020, p. 82). Essa questão vai muito além se pensarmos nos planos concebidos para o país, em que “os diferentes processos de formação nacional dos Estados contemporâneos não foram produzidos apenas pelo acaso, mas por projetos políticos” (Almeida, 2020, p. 56).

Em relação a essa questão do contexto sócio-histórico e da estrutura do racismo no Brasil, é necessário ressaltar como algumas questões de opressão sistêmica acabam por reforçar essa disparidade de oportunidades. Um exemplo nítido disso pode ser observado nas consequências do movimento eugenista, que surgiu a partir de 1914, em que grupos políticos, médicos, engenheiros, jornalistas e a elite intelectual da época acreditavam em embranquecimento da nação.

Consequentemente, adotaram políticas de perseguição e extermínio direcionadas a pessoas negras, asiáticas e com deficiência, exacerbando as desigualdades raciais e sociais no país.

Essas políticas incluíam a promoção da imigração europeia em detrimento de outras etnias, a esterilização forçada de indivíduos considerados "indesejáveis" e a implementação de leis de segregação racial, todas destinadas a marginalizar e reduzir a população historicamente excluídas. Essa discussão é complexa e nos auxilia a refletir sobre esse panorama mediante conceitos apresentados no texto *Estética da brancura nos artistas negros aculturados* em que Abdias Nascimento escreve, sucintamente, como se dá esse processo de aculturação.

> Da exposição que estamos fazendo, podemos resumir uma definição simples e irrefutável: sem exceção, tudo o que sobrevive ou persiste da cultura africana e do africano como pessoa, no Brasil, é a despeito da cultura ocidental europeia dominante, do “branco” brasileiro, e da sociedade que, há quatro séculos, reina no país. Os africanos e seus descendentes, os verdadeiros edificadores da estrutura econômica nacional, são uns verdadeiros coagidos, forçados a alienar a própria identidade pela pressão social, se transformando, cultural e fisicamente, em brancos (Nascimento, 2016, p. 152).

Ao ler Abdias do Nascimento, recordo trechos da *obra Pedagogia do Oprimido* em que Paulo Freire (2021) nos fala sobre termos uma “consciência colonizada”, na qual o oprimido, coagido por toda uma sociedade e sistemas midiáticos, busca se assemelhar ao seu opressor. Outro texto de Freire nos alerta para os sistemas de inferioridade intrínseca e aculturação, “desrespeitando as potencialidades do ser a que condiciona, a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão do mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem a sua expansão” (Freire, 2021, p. 205).

Neste sentido, trago as minhas percepções dialógicas em relação aos anos de premiações do Prêmio FNLIJ, em que averíguo, no total, sete protagonistas negros e dessas premiações apenas três são de mulheres negras ilustradoras, exatamente em 1997, 2022 e 2023, relacionadas a seguir.

Somente em 1997 surgiu a primeira ilustradora negra a receber o prêmio na categoria “A Melhor Tradução/Adaptação Jovem” para as ilustrações de Alícia Cañas Cortázar. Contudo, a protagonista não é brasileira: Alicia Cañas Cortázar nasceu em La Rioja e estudou Belas Artes em Madrid, na Faculdade de San Fernando.

Após cinco anos de premiações, em 2022, a ilustradora Aju Paraguassu recebe a premiação na categoria “A Melhor Tradução Adaptação Informativo” com o texto da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. No entanto, nenhuma das ilustradoras receberam o prêmio na categoria “Ilustrações” ou “Ilustradora Revelação”.

Como um ponto de luz, volto-me à biografia da ilustradora negra, nome artístico Aju Paraguassu, Juliana Rangel é filha da Chapada Diamantina, neta do Paraguassu, nasceu em Salvador, é baiana, mensageira visual, ativista da cultura em plena retomada afro-indígena. Graduada em Desenho Industrial pela Escola de Belas Artes (UFBA, 2011). Em 2023, a escritora e ilustradora Flavia Bonfim recebeu a Premiação “O melhor Livro Informativo” e “O melhor Projeto Editorial”. A premiada artista é responsável, desde 2013, pelo Festival de Ilustração e Literatura Expandido (FILEXPANDIDO) em que promove um encontro entre escritores e ilustradores, promove, assim, um espaço de discussão sobre literatura.

Após a apreciação e análise do prêmio FNLIJ, retomo a estudar outra premiação muito relevante e de prestígio no país, o Prêmio Jabuti.

1.8.2 Cotejo, apreciação e análise do Prêmio Jabuti edição de 1959 a 2023

O Prêmio Jabuti é promovido pela Câmara Brasileira do Livro e tem como objetivo “premiar obras publicadas no Brasil, escritas em língua portuguesa, por autores brasileiros ou estrangeiros naturalizados, ou residentes no país, mas a premiação também abrange todos os profissionais envolvidos na criação e produção de um livro” (Jabuti, 2024). A criação da premiação surgiu em 1959 e eram divididas em categorias como: Contos / Crônicas /Novelas; Estudos Literários (Ensaios); História Literária; Ilustração; Literatura Infantil; Literatura Juvenil; Prêmio Personalidade Literária do Ano e Romance entre outros.

Com o passar dos anos, surgiram novas categorias: Conto Crônica; História em Quadrinhos; Infantil e Juvenil; Poesia; Romance de Entretenimento, Romance Literário, Artes; Biografia e Reportagem; Economia Criativa; Educação Negócios; Saúde e Bem-estar; Capa; Ilustração; Projeto Gráfico; Tradução; Escritor(a) Estreante - Poesia; Escritor(a) Estreante - Romance; Fomento à Leitura; Livro Brasileiro Publicado no Exterior. Além da categorização das premiações, o prêmio também é dividido por eixos temáticos, são esses:

- Eixo Literatura;
- Eixo não Ficção;
- Eixo Produção editorial;
- Eixo Inovação.

Podendo ocorrer mudanças de ano para ano. No entanto, a pesquisa abrange alguns eixos específicos como o Eixo de Literatura: Literatura Infantil e Literatura Juvenil e o Eixo Editorial: Ilustrações. Apresento a tabela organizacional III e IV, compilando todos os ganhadores dos eixos e categorias. Foram analisados e relacionados, de 1959 a 2023, premiados em obras literárias em que seus autores eram negros(as) e/ou ilustradores negros(as).

a) Eixo de Literatura: Literatura Infantil e Literatura Juvenil

Tabela 6 - Quadro organizacional III Premiação o Jabuti de 1959 a 2023

Anos pesquisados	**Eixo de Literatura – escritores e ilustradores negros(as) e indígenas**
1979	Literatura Infantil Título: Uma estranha aventura em Talalai | Autor(a): Joel Rufino dos Santos | Editora(s): Pioneira
1989	Literatura Infantil Título: Saguairu | Autor(a): Júlio Emílio Braz | Editora(s): Atual Editora
1990	Literatura Juvenil Título: A cor da ternura | Autor(a): Geni Guimarães | Editora(s): FTD S/A
2008	Juvenil 1.º Lugar-Título: O Barbeiro e o judeu da prestação contra o Sargento da Motocicleta | Autor(a): Joel Rufino dos Santos | Editora(s): Moderna
2017	Infantil 3º Lugar-Título: A boca da noite | Autor(a): Cristino Wapichana | Editora(s): Zit Editora (Meneghetti'S Gráfica e Editora 2.º Lugar-Título: Vozes ancestrais | Autor(a): Daniel Munduruku | Editora(s): FTD Educação
2020	Infantil 1.º Lugar-Título: Da minha janela | Autor(a): Otávio Júnior | Editora(s): Companhia das Letrinhas (Companhia das Letras)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

b) Eixo Ilustrações (1959 a 2023)

Tabela 7 - Quadro organizacional IV Premiação o Jabuti de 1959 a 2023

Anos pesquisados	Eixo Ilustrações-negros
1995	Ilustração Infantil ou Juvenil 1.º Lugar-Título: A Bela e a Fera | Autor(a): Rui de Oliveira | Editora(s): Editora FTD
2003	Ilustração Infantil ou Juvenil Título: Chapeuzinho Vermelho e outros contos por imagem | Autor(a): Rui de Oliveira | Editora(s): Companhia das Letrinhas
2023	Ilustrações Juvenil 1.º Lugar-Título: Óculos de Cor–Ver e não enxergar. Autor: Lilia M. Schwarcz Ilustradora: Suzane Lopes. Editora: Companhia das Letrinhas

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Durante o período de 1959 e 2023 do Prêmio Jabuti, foram concedidas 10 premiações relevantes para escritores e ilustradores (as) negros(as), relacionadas aos eixos de literatura infantojuvenil e ilustração. A partir de 2021, percebo que os ilustradores foram incluídos como autores das respectivas obras premiadas em sua página de edição, ao contrário dos anos anteriores em que apenas o nome do escritor era mencionado.

Diante disso, temos como destaque o escritor, historiador, romancista, intelectual, atuante na luta pelos direitos humanos e o pioneiro Joel Rufino dos Santos (1941–2015), publica seu primeiro livro Infantil em 1975: *O caçador de lobisomem,* publicado pela editora Abril Cultural. Ganhador do Prêmio Jabuti duas vezes, em 1979, no eixo Literatura Infantil com o livro *Uma estranha aventura em Talalai,* publicado pela Editora Pioneira e, em 2008, na categoria juvenil: *O Barbeiro e o judeu da prestação contra o Sargento da Motocicleta,* publicado pela Editora Moderna. Em 2001 (produção 2000), recebeu o prêmio pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, com o livro *Quando eu voltei, tive uma surpresa: cartas para Nelson,* publicado pela Editora Rocco.

O outro destaque que se faz relevante analisar é o caso da única mulher negra nessa categoria a receber a premiação, a professora, poeta, ficcionista, contadora de histórias, Geni Guimarães, premiada em 1990 com a obra *A cor da*

ternura. A escritora nasceu na cidade de São Manuel–SP, em 1947, sendo homenageada da 7.ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa, em 2021. Em entrevista pelo Itaú/Social sobre a importância de ser homenageada e da sua *Escrevivência*, a escritora disse “a criança negra precisa se ver nas narrativas e a criança branca precisa ter contato com diferentes histórias” (Anjos, 2021).

Diante da ausência de autoras negras no espaço artístico, destaca-se o caso de Suzane Lopes, vencedora do Prêmio Jabuti pelas ilustrações da obra Óculos de Cor: ver e não enxergar, de Suzane Lopes e Lilia Moritz Schwarcz, publicada pela Companhia das Letrinhas. Suzane Lopes é designer e ilustradora, criando narrativas visuais que dialogam com diversos conceitos, estilos e técnicas, apresentando uma identidade popular, brasileira e poética do cotidiano.

Contudo, podemos observar uma quantidade irrisória em relação aos anos de premiação no quesito representatividade e diversidade étnica. Segundo Debus (2017, p. 30), as narrativas com personagens negros “quase inexistem anteriormente a década de 1970, e quando, isso ocorre, o negro é representado com docilidade servil, submisso ao cumprimento do seu papel de subalternidade”. No século XX, o negro era constantemente estereotipado, segundo a escritora:

> O que denomina uma suposta integração racial nessa produção, marcada por uma visão etnocêntrica, na qual os personagens são identificados por uma visão etnocêntrica. Na qual os personagens são identificados pelo desejo do embranquecimento (Debus, 2017, p. 31).

Isto posto, percebemos como aquilo que caracteriza uma aparente integração racial nessa produção é uma perspectiva etnocêntrica, em que os personagens são definidos pelo desejo de embranquecimento. Assim, no Brasil, as mudanças foram se constituindo a partir das leis. Para que essas leis fossem outorgadas conforme a necessidade da “minoria”, ou seja, pobres, negros, marginalizados, foram necessários muitos anos de lutas e resistências, na busca até hoje por direitos humanos essenciais, como o direito à educação de qualidade para todos.

Em 7 de julho de 1978, ainda no período da Ditadura Civil-Militar, o Movimento Negro Unificado (MNU) realizou, em frente às escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, um ato que iniciou o movimento de luta e resistência contra a discriminação racial. No entanto, somente na Constituição Federal de 1988 que foi

determinado, no Art. 3, inciso XLI, que “Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (Brasil, 1988, art.3, inc. XLI).

Apenas em 20 de julho de 2010 foi sancionada a seguinte Lei n.º 12.288 Art. 1º. Essa lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinada a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica (Brasil, 2010). Já em 20 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional abrange em seus artigos pontos importantes pertinentes às relações étnico-raciais (Brasil, 1996). Após dois anos, surgem os Parâmetros curriculares Nacionais (PCNs). Esse documento abrange os temas transversais que englobam questões sociais, como a Pluralidade Cultural.

Esse panorama histórico nos ajuda a refletir sobre os desdobramentos que essas estruturas constituem no mercado editorial. Acerca disso, se faz necessário retomar às afirmações de Debus (2017) ao afirmar que “o mercado editorial, buscando cumprir a demanda, reorganiza-se de modo que os catálogos das editoras começam a apresentar seus títulos e coleções contemplando esses temas” (2017, p. 33). Outro marco legislativo importante foi com a promulgação da Lei n.º 10.639, de 2003, alterada pela Lei n.º 11.645 de 2008, em que se tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nos currículos dos estabelecimentos de ensino públicos e particulares da Educação Básica (Brasil, 2008).

Em 2004, surgem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Brasil, 2004), com o objetivo de corrigir injustiças, eliminar discriminações e promover a inclusão social e a cidadania para todos no sistema educacional brasileiro (Brasil, 2004, p. 5). Assim, com o intuito de políticas de reparação, reconhecimento e valorização de ações afirmativas, segue:

> A demanda por reparações visa a que o Estado e a sociedade tomem medidas para ressarcir os descendentes de africanos negros, dos danos psicológicos, materiais, sociais, políticos e educacionais sofridos sob o regime escravista, bem como em virtude das políticas explícitas ou tácitas de branqueamento da população, de manutenção de privilégios exclusivos para grupos com poder de governar e de influir na formulação de políticas,

> no pós-abolição. Visa também a que tais medidas se concretizem em iniciativas de combate ao racismo e a toda sorte de discriminações (Brasil, 2004, p. 11).

Fundamenta-se a relevância do Movimento Negro e instituições que emergiram desse movimento que mantém a constante luta contra o racismo e a discriminação racial no país, principalmente no que tange nosso corpus de análise na pesquisa. Ainda há muitos espaços a serem ocupados pela negritude e a literatura é um lugar muito caro para a construção da subjetividade negra e promoção da diversidade. Mesmo havendo um aumento significativo da demanda editorial e da distribuição pelas editoras de livros com viés para uma educação antirracista, não houve contribuição para que houvesse um aumento, também, de escritores e ilustradores negros na composição das premiações do país.

Vale ressaltar que as ações afirmativas[3] são necessárias não somente nas políticas públicas, mas, também, em instituições privadas, sendo fundamental dispor de políticas de reparação e equidade em todos os espaços para que num futuro possamos ter uma democracia racial de fato. Nesse sentido, volto a dialogar sobre a literatura negro-brasileira, tão potente e comprometida em ressignificar por meio da literatura os corpos e mentes de crianças e jovens negros da aculturação posta na sociedade como um todo.

3 Ações afirmativas compreendem políticas públicas (e privadas) que visam à garantia de direitos historicamente negados a grupos minoritários, como negros, mulheres e pessoas com deficiência. Fundamentam-se no princípio de igualdade substancial ou material.

2 A TECITURA NA LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA

Ao pesquisar sobre a literatura negro-brasileira, encontro uma conexão literária que atravessa todo um continente, são os chamados *griots*. Os *griots* são especialistas em guardar as tradições orais, isto é, são a memória viva de um povo, transmitindo seus conhecimentos ancestrais de geração a geração. O continente africano é imerso pela tradição oral e ancestralidade. E é pela palavra que ela se manifesta, a palavra ocorre nas trocas entre o eu-outro, na perspectiva da alteridade. Essa relação ancestral de oralidade tem conexões com as reflexões trazidas pelo pesquisador Bakhtiniano ao dizer que:

> Compreender a cultura por uma perspectiva da alteridade, permite nos distanciarmos de um etnocentrismo amargo, uma vez que a alteridade é exatamente o elemento que abre o sujeito, que o torna inacabado, que o faz reconhecer a diferença como fundamento da sua incompletude, que revela seus domínios culturais (Pajeú, 2014, p. 127).

Assim, o sujeito passa a compreender o mundo pelos processos de comunicação, que se dá interna e externamente, o outro dirige signos, conscientes por uma palavra nova (a interiorização), refletem e refratam da palavra do outro assumindo o ato responsivo responsável. Diante disso, podemos considerar que:

> As palavras, nesse sentido, funcionam como agente e memória social, pois uma mesma palavra, figura em contextos diversamente orientados. E, já que, por sua ubiquidade, se banham em todos os ambientes sociais, as palavras são tecidas por uma multidão de fios ideológicos, contraditórios entre si, pois frequentaram e se constituíram em todos os campos das relações e dos conflitos sociais (Miotello, 2018, p. 172).

Nesse contexto, os *griots* produzem uma teia de relações sociais com o objetivo de manter viva uma palavra, advinda de determinada tradição. Infelizmente, as tradições sofrem alterações por intervenção direta ou indireta de povos opressores, na ocupação de territórios e na depreciação das etnias, com o único intuito de acumular mais e mais bens materiais.

A grande personalidade a tratar desse assunto é Joseph Ki-Zerbo, Professor e político burquinense (1922-2006) em Ouagadougou. Ele concluiu o bacharelado em Bamako, estudou História em Paris e defendeu sua Tese de Doutorado no Instituto de Estudos Políticos da Universidade de Paris. É um dos maiores pensadores da África contemporânea. Lecionou em Orléans, Paris e, depois, em

Dakar, em 1957. Ki-Zerbo foi um dos cientistas que participaram da criação dos oito volumes da coleção *História Geral da África*, com publicação encomendada pelos países africanos à UNESCO, em 1964, que foi traduzida para a Língua Portuguesa em 2010.

Ki-Zerbo foi o editor do volume I. Ora, a tradição oral constitui um bem imaterial, raro, inestimável e potente, o que para Ki-Zerbo (2010, p. 142) "são também obras literárias e deveriam ser estudadas como tal, assim como é necessário estudar o meio social que as cria e transmite a visão de mundo que sustenta o conteúdo de qualquer expressão de uma determinada cultura".

2.1 *Griots*: Vozes ancestrais da Literatura Negra

No século XVI, poucas civilizações africanas sabiam escrever, a oralidade era sua forma de comunicação mais ativa, é nela que está o fio condutor da sabedoria ancestral. Em suma, no que se refere a tradição oral, os gêneros literários e textuais também estão presentes. Temos, por exemplo: as narrativas ou poemas–épicos, as canções e epopeias-rimas, de forma que "numa sociedade oral isso é feito pela tradição, enquanto numa sociedade que adota a escrita, somente as memórias menos importantes são deixadas à tradição" (Ki-Zerbo, 2010, p. 146). Já no caso das tradições orais africanas, podem ser relacionadas às tradições oficiais ou tradições particulares, nesta seleção:

> Podemos distinguir os nomes, os títulos, os slogans ou lemas, fórmulas rituais, fórmulas didáticas (provérbios), listas de topônimos, de antropônimos, genealogias etc. Do ponto de vista da forma básica, podemos classificar todos esses casos como "fórmulas". Poemas históricos, panegíricos, litúrgicos ou cerimoniais, religiosos, pessoais (líricos e outros), canções de todos os tipos (canções de ninar, de trabalho, caça e canoagem etc.) são "poemas", também do mesmo ponto de vista. A "epopeia" como forma básica é representada por certos poemas que não correspondem ao que o termo normalmente conota. Por último, a "narrativa" inclui a narrativa geral, histórica ou outras, narrativas locais, familiares, épicas, etiológicas, estéticas e memórias pessoais (Ki-Zerbo, 2010, p. 148).

Cada tradição tem sua especificidade, podemos encontrar *griots* especialistas em ocasiões de casamento, músicos, compositores; embaixadores ligados a uma família ou a uma pessoa em especial; à morte, ou ligados ao poder, às religiões, aos locais sagrados e históricos, bem como contadores de histórias.

Todavia, temos os tradicionalistas, são *griots* que acreditam na palavra como verdade suprema, são chamados de Domas: “para eles, a mentira não é simplesmente um defeito moral, mas uma interdição ritual, cuja violação lhes impossibilitaria o preenchimento de sua função” (Ki-Zerbo, 2010, p. 177). São mestres herdeiros das palavras sagradas, vivem para a verdade, são aprendizes dos seus pares ou dos anciões.

Os *griots* fazem parte da vida da população africana, podem ser simultaneamente genealogistas, historiadores ou poetas, grandes contadores de histórias. Tem, ainda, os *griots diale.* São *griots* que não têm a obrigação de dizer a verdade, ou seja, não precisam contar a verdade em suas histórias, cantigas etc., são aceitos. “Essa máxima mostra muito bem de que modo a tradição aceita as invenções dos *dieli,* sem se deixar enganar” (Ki-Zerbo, 2010, p. 194).

Figura 2 - “Griot hutu”



Fonte: Nantet. p. 194

Um povo com tanta oralidade em seu cotidiano possui, consequentemente, uma memória, no mínimo, notável, de forma que temos como exemplo os *griots* genealogistas, que conseguem guardar extenso conhecimento: “uma das peculiaridades da memória africana é reconstituir o acontecimento ou a narrativa

registrada em sua totalidade, tal como um filme que se desenrola do princípio ao fim, e fazê-lo no presente" (Ki-Zerbo, 2010, p. 208). Da mesma forma, podemos compreender a extensão do papel fundamental desempenhado pelos *griots* na cultura africana. Por representarem o sagrado, atuam como mediadores, contadores de histórias, conselheiros e agentes ativos da cultura e da tradição. Assim, como os *griots*, os escritores e ilustradores negros são essenciais. A literatura negra acolhe, aproxima e ressignifica a ancestralidade, por intermédio das obras literárias.

Então, o que impede que crianças, jovens e adultos, conheçam a história de seus antepassados? São muitos os enunciados a serem discutidos, a princípio a educação brasileira está, ainda, distante de uma educação que se empenha e se dedica ao ensino de História e da Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Além disso, é crucial destacar a carência da formação de educadores, de ações afirmativas, de políticas públicas. O que se sabe de fato é que as infâncias negras que, por um direito ancestral, deveriam ter acesso ao ensino, são arbitrariamente silenciadas. Por essa razão, o meio interfere e tem influência positiva ou negativa na vida de uma criança. Contudo, é válido ressaltar que:

> A vivência de uma situação qualquer, a vivência de um componente qualquer do meio determina qual influencia essa situação ou esse meio exercerá na criança. Dessa forma, não é esse ou aquele elemento tomado independentemente da criança, mas, sim, o elemento interpretado pela vivência da criança que pode determinar sua influência no decorrer de seu desenvolvimento futuro (Vygotsky, 2010, p. 683-684).

Em relação ao desenvolvimento das crianças, cognitivo e psíquico, de apropriação das formas culturais e comportamentos, os laços ancestrais sofrem o apagamento. Mediante essas reflexões, estabeleço uma correlação com o conceito de "massa aperceptiva" apresentada por Jakubinskij na obra escrita por ele, intitulada *Sobre a Fala Dialogal*, em que compreende como massa aperceptiva "o conteúdo do psiquismo de determinado indivíduo, por meio do qual ele assimila uma estimulação externa" (Jakubinskij, 2015, p. 88).

Sendo assim, percebe-se que, por intermédio da "vivência e experiência" o sujeito desenvolve uma visão singular de mundo, que, por sua vez, orienta as formas de comunicação por meio das quais ele influencia suas ações. Isso parece estar em diálogo, também, com a afirmação do professor Dagoberto Buim Arena, em que "enquanto as experiências são apropriadas na partilha dos conhecimentos entre

os homens, as vivências ganham as características do que é emocionalmente sentido nas situações da vida, mas tornadas conscientes por meio dos signos" (Arena, 2020, p. 22).

Contudo, se é nas interações sociais que os signos se constituem e por consequência os enunciados, é nessa diversidade dialógica das trocas e das diferenças — linguísticas, cultural e ideológicas — que também surge a literatura negro-brasileira. E qual seria afinal a relação da literatura negro-brasileira com os *griots*? Ambos estabelecem uma relação intrínseca com a tradição, pois os *griots* africanos atuam como guardiões da história, cultura e sabedoria de seus povos.

Assim, como os *griots* preservam e transmitem a memória coletiva por meio da oralidade, a literatura negro-brasileira busca reivindicar, valorizar e perpetuar as histórias e vivências da população negra no Brasil, frequentemente silenciadas ou marginalizadas. Dessa forma, autores e autoras negro-brasileiros assumem um papel de "*griots"* contemporâneos, registrando em seus textos a memória de seu povo e reafirmando a riqueza e a complexidade da cultura afro-brasileira. Nesse sentido, a literatura negro-brasileira atua como uma extensão da tradição griot, contribuindo significativamente para a preservação e valorização da herança cultural africana no contexto brasileiro.

2.2 Encontros e desencontros da Literatura Negro-Brasileira

Apresento dois autores relevantes nessa trajetória histórica: O primeiro é o escritor Proença Filho[4] (2004), autor do ensaio *A trajetória do negro na Literatura Brasileira*, e o segundo é o escritor Cuti, pseudônimo Luiz Silva, autor do livro *Literatura Negro-Brasileira Consciência em Debate*. A temática é central para entender as nuances e desafios enfrentados pelos escritores negros ao longo da história literária, bem como as contribuições únicas e indispensáveis que eles trazem à literatura nacional.

4 Domício Proença Filho nasceu no Rio de Janeiro, em 25 de janeiro de 1936. Bacharel e licenciado em Letras Neolatinas pela antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (1957), com curso de especialização em Língua e Literatura Espanhola (1958). É Doutor em Letras e Livre-docente em Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina (1974). Atuou em inúmeros outros estabelecimentos de ensino médio e superior no Brasil e no exterior, entre outros. Filho ocupa a cadeira n° 28 da Academia Brasileira de Letras.

Proença Filho, em seu ensaio *A trajetória do negro na Literatura Brasileira*, oferece uma análise profunda e detalhada da representação do negro na literatura brasileira ao longo dos séculos. Ele explora como essa representação evoluiu, desde os estereótipos e invisibilidade até a emergência de uma voz autoral própria e potente. Esse professor destaca a importância de reconhecer a contribuição dos autores negros que, muitas vezes, foram marginalizados ou relegados a papéis secundários. Seu trabalho é essencial para compreender o contexto histórico e social que moldou a literatura brasileira e como os escritores negros desafiaram e subverteram essas narrativas dominantes para afirmar sua identidade e cultura.

O escritor Cuti[5] (2010), no livro *Literatura Negro-Brasileira: Consciência em Debate,* aborda a literatura negra como um espaço de resistência e afirmação. Ele discute a importância da consciência negra na produção literária e como os escritores negros utilizam a literatura para questionar e transformar a realidade social. Esse estudioso argumenta que a literatura negro-brasileira não é apenas um reflexo da experiência negra, mas também um meio de construir uma nova consciência, que desafia as estruturas de poder e opressão. Sua obra é uma reflexão crítica sobre a necessidade de uma literatura que não só representa, mas também empodera a comunidade negra, promovendo uma leitura mais inclusiva e diversificada da história e da cultura brasileira. Ambos os autores contribuem, significativamente, para a compreensão da importância da autoria negra na literatura.

O escritor Proença Filho (2004), em seu ensaio, nos oferece uma perspectiva histórica e crítica sobre a trajetória dos negros na literatura brasileira, enquanto Cuti enfoca a consciência negra e o papel transformador da literatura. Juntos, eles nos ajudam a apreciar a riqueza e a complexidade da literatura negro-brasileira, destacando a luta contínua por reconhecimento e justiça social.

Em uma sociedade, na qual a cultura, a política e a economia sempre estiveram à mercê dos sujeitos eurocêntricos, com a literatura não poderia ser diferente: os descendentes de escravizados foram utilizados nos discursos literários,

5 Luiz Silva, conhecido como Cuti, é destaque entre os intelectuais negros contemporâneos. Nasceu na cidade de Ourinhos–SP, em 31 de outubro de 1951. Poeta, ficcionista, dramaturgo e ensaísta, formado em Letras pela Universidade de São Paulo, é mestre em Teoria da Literatura e doutor em Literatura Brasileira pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Além dos seus diversos escritos, foi um dos fundadores da organização literária Quilombhoje é um dos criadores e mantenedores da série Cadernos Negros.

como “sujeitos marginalizados e coisificados em que o *negro é visto como objeto numa visão distanciada”* (Proença Filho, 2004, p.161, grifo nosso). Entretanto, em meados do século XIX, como afirmou Proença Filho, eclode uma literatura em que “*o negro é visto numa atitude compromissada,* dando ênfase aos escritos como o do escritor Luiz Gama[6] (1850–1882) com estrofes satíricas da *Bodarrada* (Quem sou eu?).

Também como Domício, relaciono outros escritores literários que possuíam, de antemão, a literatura como forma de resistência e faziam das suas lutas diárias, seus textos jornalísticos, suas prosas, poemas, contos entre outros. São eles: Cruz e Souza, Lima Barreto, Lino Guedes, Solano Trindade, Abdias Nascimento, Carlos Assumpção, Oswaldo de Camargo, Cuti, Geni Guimarães, José Carlos Limeira, Joel Rufino dos Santos, Oliveira Silveira, Abelardo Rodrigues, Adão Ventura, Arnaldo Xavier, Éle Semog (Luiz Carlos Amaral Gomes) entre outros.

Os escritores da época tinham algo em comum, além da luta antirracista, contavam com a participação e o engajamento de periódicos e instituições como o Teatro Experimental do Negro (1944); a Associação de Negros Brasileiros (1945); o Museu de Arte Negra (1968), o Movimento Negro Unificado e a Criação, em São Paulo, do Centro de Cultura e Arte Negra (1978); e a Fundação Palmares (1980) entre outras.

Entretanto, fica evidente como os escritores trazem em suas obras literárias formas intrínsecas de resistências e lutas culturais, políticas e sociais; o seu posicionamento é frontal contra as barbáries vivenciadas, na procura da reconstrução de identidades e de direitos humanos. Após séculos de lutas individuais e coletivas, ainda estamos longe de alcançar a tão almejada democracia racial, na verdade “o fato é que a noção de raça ainda é um fator político importante, utilizado para naturalizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de *grupos sociologicamente considerados prioritários”* (Almeida[7], 2020, p. 31, grifo nosso).

---

6 Luís Gonzaga Pinto da Gama foi um advogado, abolicionista, orador, jornalista e escritor brasileiro. É o Patrono da Abolição da Escravidão do Brasil. Nascido de mãe negra livre e pai branco, foi, contudo, feito escravo aos 10 anos, e permaneceu analfabeto até os 17.

7 Silvio Almeida é jurista, consultor, advogado e professor, também se graduou em Filosofia pela USP. Doutor e Pós-Doutor em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela Faculdade de Direito da USP.

É importante salientar, que a literatura tem instrumentos essenciais para desnaturalizar e combater o preconceito e a discriminação racial. Portanto, é através dela que vislumbro uma educação que contribua para o desenvolvimento das crianças brancas e não brancas, no combate de estigmas e estereótipos (tal como manifestações racistas). Para que isso ocorra, as obras literárias também precisam ser contempladas tanto em uma visão ética quanto estética. A visão ética está relacionada ao meu ato responsável e responsivo, ou seja, o fazer e agir no mundo.

Nesse processo de agir no mundo (realidade) responsabilidade e responsividade, se dá “ao mesmo tempo, em que sou responsável pelo que faço e digo, também faço e digo em resposta a uma série de elementos presentes em minha vida como os signos” (GEGe, 2019, p. 90). A estética e a reflexão representam a valorização acerca da ação ética do sujeito na vida, a respeito do seu ato ético, donde surge o acabamento (estético), um acabamento não necessariamente acabado, por possuir a interdependência de olhares alheios. Ao pensar que o continente africano, berço da humanidade, foi extremamente desvalorizado enquanto humanidade e ciências, posso considerar no sentido mais amplo que o continente africano, foi sucumbido por uma estética do apagamento.

Após estudos, foi possível constatar que a Mãe África é virtuosa e influenciou o mundo com as suas pesquisas e descobertas sobre a ciência, a arte, a engenharia, a matemática, a literatura, a medicina entre outras, foram primordiais. Convém aqui constatar que o Egito:

> Constituiu o principal centro da civilização universal, de onde se irradiaram a ciência, a arte e a literatura, influenciando principalmente a Grécia. Nos domínios da matemática (geometria, aritmética, etc.), da astronomia e da medição do tempo (calendários, etc.), da medicina, da arquitetura, da música e da literatura (narrativa, lírica, dramática, etc.), a Grécia recebeu, desenvolveu e transmitiu ao ocidente boa parte da herança egípcia — do Egito faraônico e ptolomaico. Por intermédio da Grécia, a civilização do antigo Egito entrou em contato não apenas com a Europa, mas também com a África do Norte e mesmo com o subcontinente indiano (Mokhtar, 2010, p. 858).

O continente africano sofreu com o apagamento de sua história durante milênios, e as sociedades africanas foram marginalizadas de qualquer tipo de produção científica. Isso também se refletiu na trajetória literária no Brasil, onde a epistemologia e a cultura negras foram inferiorizadas pelo eurocentrismo

exacerbado. Conforme Cida Bento[8] afirma, "trata-se de compreender a perspectiva que emerge quando deslocamos o olhar que está sobre os 'outros' racializados […] para o centro, onde foi colocado o branco, o 'universal', e a partir de onde se constitui a noção de 'raça'" (Bento, 2022, p. 15). Essa perspectiva eurocêntrica obtém seus privilégios excluindo e apagando culturalmente a maioria da população, impondo seus costumes e crenças, e provocando a desconstrução identitária e a desumanização.

No entanto, cada vez mais escritores negros estão surgindo e, em suas produções literárias, buscam recontar narrativas africanas que encantam infâncias, como fez o escritor Rogério Andrade Barbosa. Após retornar da Guiné-Bissau, ele escreveu *Bichos da África: lendas e fábulas*. Em 2017, a escritora Eliane Debus[9], na obra *A temática na cultura africana e afro-brasileira na Literatura para Crianças e Jovens*, ampliou nosso olhar para outros escritores, como Joel Rufino dos Santos (1942–2015), Júlio Emilio Braz (1988), Georgina Martins (2008) e o próprio Rogério Andrade Barbosa (1980). Contudo, Debus afirma que "não há um consenso sobre a literatura negra ou afro-brasileira" (Debus, 2017, p. 23) e recorre à definição de Zilá Bernard (1988, p. 22), que descreve a literatura negra como a que revela um modo negro de sentir o mundo, resgatando a memória e utilizando uma linguagem distinta.

De imediato, compreende-se que o modo de o sujeito negro de sentir o mundo não é apenas pela perseverança, pelo afeto ou pelo amor; o que legitima esse sujeito a uma literatura negra ou indígena é sua ancestralidade. Essa ancestralidade está presente em "histórias de vida, memórias, provérbios, *itans* (narrativas místicas/Iorubá), literatura negro-brasileira e africana, letras de música, gestualidades, dança, performances, poemas, entre tantas outras possibilidades" (Oliveira, 2022, p.10).

Assim, a literatura negro-brasileira rompe qualquer forma de discriminação racial pela sua subjetividade e negritude, presente em cada palavra ou ilustração.

---

8 Maria Aparecida da Silva Bento (São Paulo, São Paulo, 1952). Ativista, psicóloga. Nasceu em 1952, na zona norte de São Paulo. Doutora em psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) e cofundadora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), é uma das mais relevantes intelectuais e ativistas do movimento negro brasileiro contemporâneo.

9 Eliane Santana Dias Debus é Mestre em Literatura Brasileira (UFSC,1996), Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS, 2001). Na docência, atuou na Educação Básica na rede pública e atualmente é professora Adjunta na Universidade Federal de Santa Catarina atuando em nível de graduação e pós-graduação (Mestrado e Doutorado).

Cuti observa que "a produção de autores negros segue sua trajetória de identidade e de consolidação gradativa de uma alteridade no ponto de emanação do discurso" (Cuti, 2010, p. 33). Seus apontamentos nos levam a refletir sobre a produção literária negro-brasileira: em que o negro não está à margem da literatura brasileira. No entanto, afirmar acerca de uma literatura afro-brasileira ou afrodescendente implica reconhecer que o fenótipo do autor pode não ser negro e, se não for, ele não sofreu discriminação racial e, assim, desfruta dos privilégios dados socialmente às pessoas brancas, refletindo a hierarquia racial, ou como Lélia Gonzalez[10] chamava de "ideologia do branqueamento".

> O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e indígenas na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças a sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento, tão bem analisada por cientistas brasileiros. Transmitida pelos meios de comunicação de massa e pelos sistemas ideológicos tradicionais, ela reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores da cultura ocidental branca são os únicos verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, mito da superioridade branca comprova a sua eficácia e os efeitos de desintegração violenta, de fragmentação da identidade étnica por ele produzidos, o desejo de embranquecer (de “limpar o sangue” como se diz no Brasil), é internalizado com a consequente negação da própria raça e da própria cultura (Gonzalez, 2020, p. 131).

Essa ideologia, minuciosamente analisada por acadêmicos negros brasileiros, é habilmente difundida pelos meios de comunicação e sistemas ideológicos estabelecidos, reforçando a crença na superioridade dos valores e classificações da cultura branca ocidental como os únicos legítimos e universais. Uma vez enraizado, o mito da superioridade branca demonstra sua eficácia por meio de efeitos de desintegração violenta e fragmentação da identidade étnica, gerando o desejo de “embranquecer” e a consequente negação da própria raça e etnia.

Conforme Gonzalez (2020), essa perspectiva não poderia englobar uma literatura tão singular, uma vez que o protagonista é negro, passa por experiências e vivências, subjugado fisicamente e/ou por olhares enviesados, ou por perguntas que se fazem “quem é esse(a)?” sofre discriminação racial, diariamente classificado pela

10 Lélia Gonzalez (1935-1994). Graduou-se em história e filosofia, exercendo a função de professora da rede pública. Posteriormente, concluiu o mestrado em comunicação social. Doutorou-se em antropologia política /social, em São Paulo (SP), e dedicou-se às pesquisas sobre a temática de gênero e etnia. Professora universitária, lecionava Cultura Brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – Rio). Seu último cargo na instituição foi de chefa do departamento de Sociologia e Política.

tonalidade da sua pele. O termo negro não se denota apenas da classificação física, mas a todo uma marginalização da população negra. O mestre Cuti é incisivo ao descrever o peso do ser negro em uma sociedade racista, nesse sentido:

> A palavra “negro” nos remete à reivindicação diante da existência do racismo, ao passo que a expressão “afro-brasileiro” lança-nos, em sua semântica, ao continente africano, com suas mais de 54 nações, dentre as quais nem todas são de maioria de pele escura, nem tampouco estão ligadas a ascendência negro-brasileira. Remete-nos, porém, ao continente pela via das manifestações culturais. Como literatura é cultura, então a palavra estaria mais apropriada a servir como selo (Cuti, 2010, p. 40).

A palavra “negro” é subjetiva às lutas antirracistas, aos espaços conquistados com o calor do debate político e ideológico, à literatura e à identidade de um povo, dessa forma, a “literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil” (Cuti, 2010, p. 44).

Dessa maneira, a partir das reflexões de Cuti (2010) passo a considerar que a literatura negro-brasileira, no entanto, busca a desconstrução de narrativas hegemônicas, dando voz e visibilidade às vivências e perspectivas da população negra no país. Consequentemente, ela aborda uma gama de temas, como racismo, discriminação racial, identidade, representatividade étnica, relações étnico-raciais, ancestralidade, resistência, memória, desafiando os estereótipos e preconceitos. Vale destacar que:

> Certa mordaça em torno da questão brasileira vem sendo rasgada por seguidas gerações, mas sua fibra é forte, tecida nas instâncias do poder, e a literatura é um dos seus fios que mais oferece resistência, pois, quando vibra, ainda entoa loas às ilusões de hierarquias congênitas para continuar alimentando, com seu veneno, o imaginário coletivo de todos os que dela se alimentam direta ou indiretamente. A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado (Cuti, 2010, p.13).

Como numa cortina de fumaça soberba e discriminatória, os colonizadores na espreita alimentam produções descontextualizadas da realidade brasileira.

Tanto ódio, desprezo, violência e humilhações são retratados na história, na ciência, na literatura em vários textos, versos, prosas e contextos. Ainda assim, a população negra continua a enfrentar o pesadelo persistente da escravização de mentes e corpos, perpetuado pela indústria cultural. Nesse contexto, os fatos e

intenções escusas são naturalizados pelos meios midiáticos, que funcionam como instrumentos que oprimem e dominam a população negra.

Ora, o racismo serve de sustentação para o neoliberalismo e o capitalismo, sistemas econômicos nos quais os recursos e a produção são controlados por indivíduos ou empresas privadas. Essa minoria com grande capital maximiza seus lucros, resultando na exploração da maioria. Logo, a maioria da população que é negra não se vê representada, nesse viés em que:

> Os traços culturais de origem africana no texto literário não são recursos suficientes para se caracterizá-lo como negro brasileiro, uma vez que parcela significativa da população negra não está identificada com ele. Continuam essas pessoas, no entanto, seus enfrentamentos diários dentro e fora dela, com o racismo, o preconceito e a discriminação. Cultura sem experiência subjetiva e coletiva resume-se apenas à forma vazia ou preenchida com conteúdo falso (Cuti, 2010, p. 92).

Além do fator econômico e político, há uma busca contínua por minar as diversas formas de expressão e etnia. Temendo a perda de sua função detentora do saber e do poder, os sistemas dominantes se utilizam do racismo e da miscigenação racial como estratégias para enfraquecer a identidade negra e a conexão com sua ancestralidade, “este querer-se negro, este assumir-se negro, este gostar-se negro” (Cuti, 2010, p. 43).

2.3 Tecendo memórias e reconectando os fios literários por meio da ancestralidade

As infâncias negras são diretamente afetadas pelo racismo estrutural que assola todo o país, mesmo quando se diz não haver nenhuma forma de discriminação racial, os meios de comunicação, provam o contrário. O racismo é esse sistema social e estrutural de opressões, pautado no dispositivo da raça. E, as pessoas negras são inferiores, do ponto de vista humano e, portanto, desumanizadas em dois aspectos: social “desigualdades e violências” e estrutural

“sociedade, política e a economia” (Almeida, 2020; Pinheiro[11], 2023). Como afirma bell hooks[12] (2013) é necessário mudança de paradigma.

Não se pode negar a presença de ações políticas que reforçam o racismo, machismo, heteronormatividade. Nesse sentido, é mesmo na escola, na universidade, nos meios acadêmicos, onde se deve construir espaços de reflexão crítica e resistência. Nessa perspectiva, a Pedagogia deve ser proveniente de uma pedagogia Outra, uma Pedagogia transformadora, amorosa e plural. Ela deve ser fundamentada no respeito ao pluriculturalismo.

Para além, Kabengele Munanga[13] descreve em seu livro *Negritude, usos e sentidos,* o quanto que:

> O racismo imprime marcas negativas em todas as pessoas, de qualquer pertencimento étnico-racial, e é muito mais duro com aqueles que são suas vítimas diretas. Abala os processos identitários. Por isso a reação antirracista precisa ser incisiva. Para se contrapor ao racismo faz-se necessária a construção de estratégias, práticas, movimentos e políticas antirracistas concretas. É importante, também, uma releitura histórica, sociológica, antropológica e pedagógica que compreenda, valorize e reconheça a humanidade, o potencial emancipatório e contestador do povo negro no Brasil e a nossa ascendência africana (Munanga, 2024, p. 8).

Porém, a invisibilidade das identidades negras é um fato corriqueiro, seja na escola, na família ou na sociedade. É notório, que fomos desumanizados e, hoje, a luta é para que nossa humanidade seja reconhecida com equidade de direitos. Contudo, o antropólogo Munanga (2024) ressalta que o processo identitário não está intrinsecamente ligado ou respaldado, apenas na pigmentação da pele e na cultura.

---

11 Bárbara Carine Soares Pinheiro, mais conhecida como Bárbara Carine, é escritora, palestrante e professora efetiva da Universidade Federal da Bahia. É graduada em filosofia e em química, e tem mestrado e doutorado em ensino de química pela Universidade Federal da Bahia.

12 bell hooks (1952-2021) foi uma das mais importantes intelectuais feministas da atualidade. Batizada como Gloria Jean Watkins, adotou o pseudônimo pelo qual ficou conhecida em homenagem à bisavó, Bell Blair Hooks. O seu nome escolhido, grafado em minúscula, é um posicionamento político da recusa egóica intelectual. hooks queria que prestássemos atenção em suas obras, em suas palavras e não em sua pessoa. Como estudante, passou pelas universidades de Stanford, Wisconsin e Califórnia, e lecionou nas universidades Yale, do Sul da Califórnia e New School, em Nova York. Em 2014, fundou o bell hooks Institute. É autora de mais de trinta livros sobre questões de raça, gênero e classe, educação, crítica de mídia e cultura contemporânea.

13 Kabengele Munanga é antropólogo e professor brasileiro-congolês. É especialista em antropologia da população afro-brasileira, atentando-se à questão do racismo na sociedade brasileira. Kabengele é graduado pela Universidade de Lubumbashi e doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo.

Assim sendo, não se pode fundamentar a construção da identidade nesses aspectos, visto que a maioria da população sofreu aculturação imposta, repressiva. Portanto, “o conceito de identidade recobre uma realidade muito mais complexa do que se pensa, englobando fatores históricos, psicológicos, linguísticos, culturais, políticos, ideológicos e raciais” (Munanga, 2024, p. 8).

Quanto ao desenvolvimento identitário das crianças pequenas, é relevante considerar a presença da família nesse processo de reconstrução e reconexão com os antepassados, por meio do patrimônio histórico-cultural e, consequentemente, da memória ancestral, como formas de reaproximação e pertencimento, posto que viver uma aculturação indesejada causa esse estranhamento de sempre faltar algo. Essa temática é recorrente nos escritos de Bento, de maneira que:

> É o lugar da herança, tão diferente para cada um de nós, da consciência de que fazemos parte de diferentes grupos, com histórias diversas. No caso do grupo negro, que foi escravizado, parte da herança tem que ser reconstruída e reinventada no cotidiano (Bento, 2012, p.105).

Para concluir, acredito que esse processo seja lento, doloroso e necessita por parte da família, conhecimento, envolvimento, empenho, acompanhamento e, em consequência, exige amorosidade.

> É nesse sentido que a construção da identidade é um processo extremamente complexo, e que permite a singularidade de cada um de nós. As heranças, o acúmulo coletivo, o aprendizado de hoje formam um amálgama, diferente para cada sujeito, ao interagir com aspectos muito particulares que trazemos em nosso aparelho psíquico. Ou seja, identificar-se é conviver e interagir, e também pode ser separar-se do outro, diferenciar-se, constituir-se em suas singularidades (Bento, 2012, p. 107).

A criança deve ser tratada de forma singular e subjetiva, a família deve buscar abordar diferentes assuntos que venha agregar e contribuir para uma educação antirracista. Em consonância com Gomes[14] a “raça atravessa e participa da formação das infâncias e, infelizmente, nem sempre como parte do fascinante processo da diversidade humana, mas como um peso, como marca de inferioridade” (Gomes, 2023, p. 18). No entanto, por esse prisma somente partir da promulgação

14 Nilma Lino Gomes é Pedagoga/UFMG, mestra em Educação/UFMG, doutora em Antropologia Social/USP e pós-doutorado em Sociologia/Univ. Coimbra e em Educação pela UFSCAR. Professora Titular Emérita da Faculdade de Educação da UFMG. Integra o corpo docente permanente da pós-graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social-FAE/UFMG.

da Lei n.º 10.639, de 2003, alterada pela Lei n.º 11.645, de 2008, se tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nos currículos dos estabelecimentos de ensino públicos e particulares da educação básica (Brasil, 2008), juntamente com o Conselho Nacional de Educação, Conselho Pleno, Resolução n.º 1, de 17 de Junho de 2004, a qual institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

É sabido que constam em seus parágrafos o desenvolvimento de programas de formação inicial e continuada de professores; a inclusão de conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos cursos que ministram, a Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Superior. Nos incisos constam:

> § 1° A Educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira. § 2° O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias, asiáticas (Brasil, 2004).

Após mais de vinte anos de sua implementação, sem a supervisão e o apoio dos Conselhos de Educação dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, não há garantia de atuação em que os direitos e a valorização da etnia sejam respeitados, nesta perspectiva, a participação da Educação Básica e Educação Superior está na sua maioria fragilizada.

Por essa razão, é importante salientar que tais políticas têm como meta os direitos de se reconhecerem na cultura nacional, expressarem visões de mundo próprias do seu grupo étnico, manifestarem com autonomia, individual e coletiva, seus pensamentos. Todavia, mesmo diante desse cenário pouco animador, observamos um aumento significativo nas demandas por obras literárias infantojuvenis que abordam questões raciais, identidade, representatividade, ancestralidade e protagonistas negros, entre outras temáticas.

Quando ocorre a leitura de um texto ficcional, poético, dramático, épico, entre outros subgêneros, há a possibilidade concreta de inter-relação “eu-outro” e nessas trocas dialógicas “tais ações completam o outro justamente naqueles

elementos em que ele não pode completar-se" (Bakhtin, 2020, p. 23). Portanto, preciso do outro, esse outro terá uma visão exotópica (fora), que eu jamais teria.

A literatura tem um papel fundamental perante as infâncias negras, sendo um instrumento para a valorização da etnia e da reconstrução de identidades. Por meio de narrativas que refletem vivências e celebram a ancestralidade. Para Candido (2004, p. 175) "cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles".

O problema em relação à literatura no Brasil e que, em sua maioria, ainda expressa os sentidos e vontades da branquitude, estimulando diferentes expressões, seja na política, nas questões sociais, na esfera intelectual ou nas relações afetivas. Ainda segundo Candido (2004, p. 175), "a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas". Dessa maneira, é crucial compreender que ela é um poderoso meio midiático e que:

> [...] não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco (Candido, 2004, p.175-176).

Quando amplio essas vivências para o meio midiático de grande abrangência no país, trago lembranças da minha infância. Em meados de 1987, havia três programas na televisão brasileira que, hoje, chamamos de TV aberta, nas quais as apresentadoras eram extremamente brancas, magras, de cabelos loiros e lisos. Como qualquer criança, adorava assistir aos desenhos animados e, para assistir aos desenhos, obrigatoriamente, tinha de assistir toda a programação. Dessa maneira, na condição de menina negra, já vislumbrava ser como as apresentadoras brancas.

Como única alternativa que tinha naquele momento, usava uma toalha de banho na cabeça, como representação dos cabelos lisos e longos. Nessa direção, fui condicionada a acreditar que o belo era o outro. Houve, sim, a distorção de identidade por falta de representatividade. Só fui me encontrar de novo com essa

menina após muitos anos, já acolhida, transpassada e apaixonada por ela, a literatura.

Nesse sentido mais amplo, a literatura pode contribuir para fortalecer o pertencimento e combater estereótipos, promovendo narrativas que desafiam estruturas opressoras. É um instrumento importante para o desenvolvimento humano, capaz de oferecer suporte simbólico e intelectual na luta contra o preconceito e a discriminação racial. Nessas condições, sem tirar de si a sua originalidade, através dos fios da literatura negro-brasileira há possibilidades outras existentes. Portanto, acredito na Literatura Negro-Brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil (LINEBEIJU), expressão cunhada pela escritora e pesquisadora Kiusam de Oliveira[15], ao afirmar que a ancestralidade "está alinhada à cura, pois busca ser decolonial ao trazer protagonistas com a cara do Brasil e da maioria da população: negra" (Oliveira, 2022, p. 8-9).

Como os *griots*, Kiusam de Oliveira, que além de pesquisadora é também uma contadora de histórias para as infâncias, marcando em suas obras um retorno ao continente africano, visa resgatar/reivindicar os conhecimentos ancestrais deixados para trás, além de ratificar a presença de uma pedagogia feminina e o conceito de corpo-templo-resistência: "afinal resistir às atrocidades impostas pelos racistas também deve ser visto como algo sagrado, em prol da vida com dignidade. Um corpo ressignificado para a dignidade da resistência" (Oliveira, 2022, p. 11).

Essa escritora contemporânea destaca-se em suas obras por dirigir-se às infâncias negras. Em seus livros de literatura, ecoa a necessidade de combater todas as formas de discriminação e preconceito, enquanto se engaja na luta contínua para superar o racismo profundamente enraizado no mundo.

A princípio, viso elucidar a relevância dessa leitura acerca da negritude para o leitor na perspectiva de construção de identidade e sentido, já que o Brasil é formado pelo encontro do negro e do indígena com outras raças. Segundo a visão de Arena, educador e pesquisador engajado nas questões sociais, culturais e educacionais:

15 Doutora em Educação e Mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Pedagoga habilitada em Orientação Educacional, Administração Escolar e Deficiência Intelectual. Escritora. Artista multimídia. Arte-educadora. Bailarina e coreógrafa. Contadora de histórias da mitologia afro-brasileira.

> […] o ato de aprender a ler literatura, de construir sentidos pelos enunciados verbais escritos, é, ao mesmo tempo, desafiante, estruturante, constituinte, mas mutante, estabilizante, todavia, instabilizante no processo de apropriação da cultura […] o leitor pequeno não terá boas chances de atribuição de sentidos a uma obra se não estabelecer com ela e com outros eventos culturais, de hoje e de ontem, relações contextuais de natureza cultural (Arena, 2010, p. 17).

As crianças negras necessitam de uma literatura que contemplem suas vivências, que as abrace e acolha. E mais: que permita, genuinamente, estabelecer com ela as relações contextuais de natureza cultural. A escritora Kiusam de Oliveira e muitas outras e outros escritores, visam elucidar em suas obras a beleza do corpo negro (a pele, o cabelo, a boca, o nariz, os olhos, o corpo), no combate à reprodução das práticas discriminatórias e racistas.

A cada obra publicada, encontro seu posicionamento direto para a afirmação e emancipação das crianças e jovens. Desse ponto de vista, a LINEBEIJU torna-se de importância incalculável para a ressignificação da ancestralidade que, por séculos, foi cruel e desumanamente exilada. Se para um adulto é difícil compreender o que se passa na sociedade, o porquê corpos negros são inviabilizados, imagina para uma criança ou um jovem.

Freire (2021, p. 64) coloca muito bem essa questão: “Não poderia deixar de ser assim. Se a humanização dos oprimidos é subversão, sua liberdade também o é. […] E, quanto mais controlam os oprimidos, mais os transformam em ‘coisa’, algo que é como se fosse inanimado”. Partindo dessas reflexões, nota-se como a escola está longe de acolher essas diferenças que achegam, suas práticas são sistematizadas a partir de um olhar eurocêntrico, isso é fato, fato não só com as questões relacionadas à discriminação racial e se amplia ainda mais quando falamos nas infâncias de inclusão. A escola é obscura, e em seu seio não há espaço para uma Pedagogia de inclusão e/ou pluricultural.

> As crianças são os melhores teóricos, pois não receberam a educação que nos leva a aceitar nossas práticas sociais rotineiras como “naturais” e, por isso, insistem em fazer as perguntas mais constrangedoramente gerais e universais, encarando-as com um maravilhamento que nós, adultos, há muito esquecemos. Uma vez ainda que não entendem nossas práticas sociais como inevitáveis, não veem por que não poderíamos fazer as coisas de outra maneira. (Hooks, 2013, p. 83).

Entretanto, a criança sem a percepção, mesmo que direta, não deixa de sentir as situações que as envolvem no seu cotidiano, que interferem no seu

desenvolvimento pessoal, intelectual e social. Contudo, a educação deve contrapor a toda e qualquer forma de preconceito e discriminação racial, de maneira que os educandos devem ser protagonistas da própria história.

Ao pensar nessa possibilidade, para que isso ocorra, a escola necessita de docentes que garantam espaços de discussões, reflexões com temas que sejam relevantes à formação discente contextualizada, respeitando a singularidade, de forma ativa e dialógica na relação com o outro. É dessa forma e de muitas outras que a literatura desempenha um papel crucial na educação, ao favorecer as vozes pluriculturais, a partir das experiências vividas. Assim, como contribui com o desenvolvimento identitário, por meio de práticas de leituras e interação social conforme os diferentes contextos.

De imediato penso em Paulo Freire, em sua obra *A importância do ato de ler*, em que ele nos conduz a uma leitura feliz, como ele próprio disse, em uma das suas entrevistas. Ao ser perguntado: Que escola, na sua opinião, o Brasil precisa? Freire responde: “de uma escola séria, de uma escola rigorosa. Mas, ao ser rigorosa e séria, uma escola que criasse e sugerisse aos alunos a felicidade, a alegria, quer dizer uma escola alegre, saltitante” (Freire, 1993).

A começar dessa resposta, podemos constatar que para Freire a emancipação é um ato de liberdade, assim ele escreve sobre os diferentes momentos da sua infância, adolescência em que o ato de ler foi constituindo-o. E a “palavramundo” foi a primeira que aprendeu, reforçando a importância da experiência que vem da vivência, ele escreve “re-crio, e revivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra” (Freire, 1982, p. 9).

Em seu texto, descreve o jardim, a casa, os animais domésticos, os pássaros, o vento, a nuvem, as folhagens, no cheiro das flores, as árvores, os frutos com minuciosos detalhes. E o ato de ler perpassa primeiro a leitura do mundo, das palavras e, por consequência, a leitura. Mas se precisamos primeiro fazer a leitura do mundo, a vivência e a experiência precedem o ato de ler, que precede a literatura. Ainda, para Freire, “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (Freire, 1982, p.13).

Como nos círculos de leitura, é primordial a escuta, o olhar atento, o acolhimento, o diálogo. A partir dessas trocas dialógicas, cada participante pode trazer suas vivências e percepções. Assim a experiência existencial vem carregada de significação, em que o crescimento individual é compartilhado com todos, incentivando o crescimento coletivo. Enfim, dialogar com Freire traz sempre possibilidades significativas de encantamento, humanização e esperança.

Diante desse ponto de vista acerca do conceito freiriano de educação como ato libertador é que queremos uma escola, pluricultural, dialógica, crítica, uma escola que crie espaços-tempo para que a leitura de mundo se faça como possibilidade de reescrever o mundo, rompendo com a visão euro centrada. Que haja a quebra de paradigmas, na desconstrução de preconceitos e discriminação racial. Contudo, viabilize um cenário em que o conhecimento, seja construído com uma pluralidade de vozes, e propicie uma educação identitária, inclusiva e transformadora.

Já sabendo o quanto a literatura negra é essencial para as crianças e adolescentes na construção de imaginários saudáveis, vamos adentrar na literatura infantojuvenil em especifico o livro ilustrado de autoria negra.

3 RESSIGNIFICAR AS INFÂNCIAS NEGRAS POR MEIO DAS OBRAS LITERÁRIAS: LINHAS, FORMAS, CONTORNOS, IMAGENS E CORES

Figura 3 – As Infâncias no Brasil



Fonte: Agência Brasil (2023)

Nas ilustrações, podemos encontrar muitas possibilidades outras e cada um pode ter uma visão diferente do que está apreciando. Uma vez que, faço o diálogo com as imagens de acordo com as minhas vivências e experiências durante o meu percurso. Portanto, é tão importante que as crianças, desde bem pequenas, já deslumbre todas as possibilidades de acervo literário, cultural, social, educacional, acesso emocional e psicológico, por fim, e o mais complexo acesso às políticas públicas que assegurem o seu direito à infância plena com segurança, saúde e bem-estar, que promovam a equidade e a valorização da sua etnia.

Na imagem anterior, temos um fundo vermelho e duas mãozinhas nas sombras. Elas revelam o quanto as crianças brasileiras ainda são invisibilizadas no país. Realizo uma breve contextualização acerca das infâncias nesta seção, na questão histórica, social e educacional. Em seguida, para referendar, trago dados estatísticos sobre o trabalho infantil no Brasil, os resultados quanto às violências em relação as crianças e, principalmente, as crianças negras já que os dados impressionam. Passo a dialogar com Gomes e Araújo sobre as infâncias negras.

Nesse ponto, retomo a relevância da literatura e o seu poder curativo. É como um fiar, esse processo de transformar fibras naturais em fios, como lã, algodão, esse trabalho artesanal e ancestral de muitas populações no mundo. Falo um pouco sobre o livro com ilustrações e as estratégias de leitura em conexões

possíveis que o leitor pode fazer entre texto-texto, texto-mundo, texto-leitor. Para essas conexões, trago Girotto e Souza (2010) e Queirós (2019). Outro ponto que considero necessário à explanação é a linguagem verbal e imagética do livro ilustrado. Dando, continuidade ao diálogo acerca do percurso histórico do livro infantojuvenil e a perspectiva de uma literatura negra para as infâncias.

3.1 Contextualizando as Infâncias

A criança, na Idade Média, era vista como um objeto que tinha como referência o adulto. Como um adulto em miniatura, o trabalho e as atividades domésticas eram comuns. Na palavra infância, esse sentimento do cuidar não existia. Para o escritor Philippe Ariès (1981, p. 156), “essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia”. Portanto, o conceito de infância surgiu após o século XVII.

> Ao pensarmos o Brasil no Período Colonial, percebemos passagens diferenciadas entre a criança negra, indígena e a branca. Às crianças da elite, filhas dos senhores, era dada a oportunidade do estudo, às outras, o trabalho e também serviam como entretenimento das famílias brancas. No Brasil, os padres jesuítas, que aqui se instalaram, proclamavam as crianças indígenas como uma folha de papel em branco, as quais seriam mais fáceis de doutrinar segundo seus princípios e por meio delas os adultos também se renderiam às suas tradições e ensinamentos. Para a criança da elite era ensinada as primeiras letras. Desse modo, percebemos que a criança, mesmo tanto tempo depois da pesquisa de Ariès, ainda é pouco valorizada e compreendida pela sociedade (Fuly, 2012, p. 87).

No país, as pesquisas sobre o conceito de infância começam a partir do século XIX. Em 2011, no livro *Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais*, a professora, pesquisadora e ativista Rosemberg[16] escreve que “as crianças não apenas internalizam a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e a mudança cultural. […]Isto é, crianças e suas infâncias são afetadas pelas sociedades e culturas das quais são membros” (Rosemberg; Mariano, 2010, p. 31).

16 Fúlvia Maria de Barros Mott Rosemberg (1942-2014). Graduada em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1965) e doutorada em Psychobiologie de l'Enfant — Ecole Pratique des Hautes Etudes /Université de Paris (1969). Foi pesquisadora, consultora da Fundação Carlos Chagas, professora titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde coordenava o Negri (Núcleo de Estudos de gênero, raça e idade).

Neste contexto, ao pensar em infâncias, recordo-me dos meus cinco anos, já tinha uma lista de afazeres domésticos. Em 1980, as meninas pobres e negras já nasciam destinadas a ajudar as suas famílias. Somente em 1990, com a promulgação da Lei n.º 8.069, conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA, foram estabelecidas às infâncias o direito à liberdade que compreende:

> I- Ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais; II-opinião e expressão; III-crença e culto religioso; IV-brincar, praticar esportes e divertir-se; V-participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação; VI-participar da vida política, na forma da lei; VII- buscar refúgio, auxílio e orientação (Brasil,1990).

O Estatuto da Criança e do Adolescente assegura garantias fundamentais, à criança e ao adolescente no que se refere à educação, à saúde, à segurança e à proteção de seus direitos. Tendo como função normativa o combate à mortalidade infantil, evasão escolar, analfabetismo e trabalho infantil. No entanto, Rosemberg faz reflexões pontuais quanto às discussões que devem ser feitas sobre o direito à liberdade, em relação a como garantir que crianças e adolescentes possam ter a liberdade de escolha, quanto à identidade étnico-racial, religiosa e sexual.

> Assim, entendo a delimitação das etapas da vida também como construção social que, no ocidente contemporâneo, hierarquiza as idades, posicionando o adulto como ápice dessa hierarquia. Nesse sentido, ao lado das hierarquias de classe, gênero, raça-etnia e nação, as categorias etárias também configuram relações de dominação (Rosemberg, 2012, p.26).

Os estudos sociológicos sobre a infância no Brasil já apontavam essas relações e inter-relações de hierarquização e dominação. Ademais, segundo Araújo, “entendemos a infância no plural-infâncias, reconhecendo as diferenças, as desigualdades nas formas de vivê-las e nas possibilidades e limites de serem autores de sua vivência/sobrevivência” (Araújo, 2015, p. 53).

Nessa perspectiva em que crianças e adolescentes se diferem porque possuem vivências e experiências com realidades distintas, a categorização deles esbarra na sua relação mais inerente, em que está intrínseca às múltiplas culturas. Na obra *Infâncias Negras: Vivências e lutas por uma vida justa* organizada pelas professoras Nilma Lino Gomes e Marlene de Araújo, seu prefácio expõe “a compreensão de que a infância pode ser singular por estar inserida na estrutura

social, política e econômica de qualquer sociedade, uma infância universal […] nessa perspectiva, há uma multiplicidade de infâncias" (Gomes; Araújo, 2023, p. 11).

A preocupação com as infâncias negras solidifica-se quando verificamos as estatísticas: a taxa de analfabetismo diminuiu de 9,6% para 7,0% em 12 anos. Entretanto, quando analisamos as taxas de analfabetismo em relação às questões de raça, a análise é degradante, pretos (10,1%) e pardos (8,8%) são mais do dobro da taxa dos brancos (4,3%). Quanto os dados acerca do trabalho infantil, notam-se um aumento, em 2022, no qual a proporção de negros no trabalho infantil (66,3%) e a proporção de brancos em trabalho infantil (33,0%), conforme o Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE.

O Estado Brasileiro assumiu o compromisso com a erradicação do trabalho infantil e, em 2003, foi criado Plano Nacional de enfrentamento trabalho Infantil (PETI), o Fórum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (FNPETI) e o incremento de fiscalização. O fórum de 2024 teve como tema "Infâncias Invisibilizadas: Reflexões Sociais e Práticas Institucionais", abaixo está o quadro que confere as estatísticas analisadas.

Figura 4 - Trabalho Infantil no Brasil (livredetrabalhoinfantil)



Fonte: Dados de 2022 PNAD

Outro fator agravante são os resultados de violência contra crianças e adolescentes. Conforme o Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância e Saúde, do Ministério da Saúde (Brasil, 2021), entre 2015 e 2021, foram notificados 202.948 casos de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, sendo (41,2%) em crianças e (58,8%) em adolescentes. Entre as crianças, 76,8% foram meninas, a maior proporção de notificação de violência sexual ocorreu nas crianças com faixa etária entre 5 e 9 anos (meninos e meninas) e em crianças negras (49%).

Os dados mostram o quanto nossas crianças estão desprotegidas, em um país em que temos o patriarcado dominante, euro centrados e na qual as infâncias, principalmente as crianças negras, são estereotipadas e discriminadas, ou seja, são “tangenciadas por processos, mecanismos e sistemas que ameaçam e desperdiçam suas vidas, comprometem seus projetos e desejos, mercantilizam seus sonhos e ideias […] como também negam suas identidades” (Gomes; Araújo, 2023, p. 4).

Esses resultados deveriam ser fontes de discussões em todas as instâncias, por alertarem a todos do quanto as infâncias são consideradas diferentes na sociedade, na educação e porque não dizer na academia, porque não é vista como prioridade a ser estudada, pesquisada. Esses indicadores sociais, políticos, demonstram a realidade das infâncias brasileiras, marginalizadas, que sofrem toda forma de crueldade, incluindo as violências física, sexual e psicológica.

Em uma sociedade capitalista, isso não parece ser relevante. No entanto, vivemos em sociedade e, indiretamente, todos somos afetados, como seres humanos estamos todos conectados. Apesar de haver todo um sistema que oprime e tenta, de qualquer maneira, tirar o nosso bem mais precioso: a nossa humanidade.

Nesse sentido, quando uma criança e/ou adolescente passa por violência sexual, agressões e discriminações raciais, podemos não perceber de imediato, mas indiretamente, como uma rede entrelaçada, um fio, ao ser puxado, reverbera em toda sociedade. Portanto, é imprescindível agir tanto individualmente como no coletivo, não se pode permanecer indiferente, é necessário buscar formas de romper com os ciclos de violência que perpetuam em nossa sociedade.

As pesquisadoras Gomes e Araújo (2023, p. 40) retratam como forma de “construir processos que enaltecem e reconheçam a vida em sua plenitude, em especial as vidas das crianças negras”, as justiças cognitivas e curriculares. A escola, apesar de tanto se falar, estudar e receber, constantemente, formações sobre a importância de se trabalhar contextualizando a realidade e as relações

étnico-raciais ainda assim, vemos um currículo restrito aos componentes curriculares e os objetos do conhecimento que pouco nos afetam.

> São imprescindíveis na formação inicial e continuada de educadores(as), considerando que quaisquer mudanças significativas no âmbito da escola passam — ainda que se considere um conjunto de fatores históricos, sociais, culturais, políticos e econômicos — pelas intervenções nas formas de ver o mundo e o processo formativo dos sujeitos. Essas formas de ver o mundo precisam ser indagadas, pois são instâncias de formação — é necessário se predispor a isso enquanto formadores(as). Indagar por que nos inserimos numa sociedade caracterizada pela exclusão de diferentes formas constituindo as desigualdades, a perversidade das perspectivas coloniais ainda existentes na estruturação dos currículos escolares e dos modos de viver e conceber o mundo, o racismo, as violências relacionadas ao gênero, étnico-racial, religiosa, social, entre outras (Gomes; Araújo, 2023, p. 41).

Os dados mostram que, por meio das estatísticas apresentadas, o maior percentual dos dados está relacionado às crianças e adolescentes negros(as), afetados(as) diretamente, demonstrando o quanto se faz necessário uma maior articulação das políticas públicas, de instituições privadas e da sociedade civil, na extensão para a promoção de uma educação antirracista como fator determinante para a inclusão escolar e, assim, a diminuição das formas de violências e nele também está contido o trabalho infantil.

São diversos os desafios enfrentados, e muitas lutas ainda por vir, entre eles, destacam-se a falta efetiva de monitoramento e avaliação, políticas públicas fragmentadas nas trocas de governos, as desigualdades socioeconômicas (recursos), a regionalização num país de grande extensão, além das políticas sociais, ações afirmativas e a formação de professores(as). Entretanto, segundo as pesquisas de Gomes e Araújo (2023, p.45), é providencial um currículo centrado na diversidade e que contemple práticas pedagógicas antirracistas “que reconheça a diversidade e realize a ação pedagógica alicerçada na justiça social e na democracia”.

A função da escola abrange não só o cognitivo, mas toda uma comunidade social, pluricultural, assim compreendem a escola como um “espaço sociocultural que deve comprometer-se com a construção da dignidade humana, com o cuidado, com a proteção do sujeito, com a construção de uma convivência democrática e solidária” (Gomes; Araújo, 2023, p. 45).

Vamos além quando pensamos na formação dos profissionais da educação, desde as pessoas que trabalham com a limpeza da escola, merendeiras, agentes de organização escolar até os professores devem-se comprometer para uma educação em que não haja desigualdade social, uma educação que compreenda a subjetividade étnica, que seja emancipatória.

O escritor Bartolomeu Campos de Queirós transcende em poesia as suas obras, e em um trecho de seu livro *Sobre ler, escrever e outros diálogos*, escreve:

> A infância sempre me seduziu pelo que existe nela de possibilidades. A infância é o nó inicial para se estabelecer uma trama que perdura pela existência inteira. Se frouxo o primeiro nó, todo o resto do tecido estará comprometido. A liberdade, a fantasia, a espontaneidade, a inventividade inauguram a infância. Assaltar esses elementos é desconhecer a vida como um único fio e que a antecedência assegura o depois. Meu primeiro trabalho, quando ainda jovem, foi com as crianças. Todo pouco que sei aprendi com elas (Queirós, 2019, p. 49).

A seguir, após discorrer sobre as infâncias negras e os principais desafios enfrentados por elas na sociedade brasileira, trago na continuidade desta seção uma reflexão acerca da literatura negra-brasileira como meio para ressignificar a identidade do pequeno leitor.

3.2 Entre Linhas, Formas, Contornos e Imagens: algumas reflexões sobre o livro com ilustrações e o livro ilustrado

Após contextualizar as infâncias e a sua relevância na sociedade, vamos compreender mais sobre a composição do livro ilustrado na literatura negro-brasileira (autoria negra), como meio de contribuição para a formação do reconhecimento identitário forjada durante a constituição do pequeno leitor literário.

A literatura no século XVIII apresentava um viés estritamente educativo, já as primeiras obras infantis surgiram no Brasil, entre o fim do século XIX e o começo do século XX, com as traduções advindas de outros países, desde então, “se abre espaço nas letras brasileiras para um tipo de produção didática e literária dirigida em particular para o público infantil” (Lajolo; Zilberman, 2022, p. 49).

As primeiras imagens da infância e da escola, que me vêm à memória, estão intrinsecamente ligadas ao ato de desenhar. Em que os lápis coloridos envolviam um momento especial de brincar e de divertir. Portanto, desenhar é uma forma de

expressão, desenvolvimento da criatividade e da imaginação, em que afloram sentimentos e o incentivo à leitura. Dessa forma, pautamos nas ideias do estudioso francês, Eliè Bajard, ao falar do assunto:

> Ler é compreender, é, portanto, construir sentido. Mas construímos sentido na leitura do jornal, na escuta de proclamação do Evangelho, na recitação de um texto, na audição de uma mensagem oral, na produção de um texto escrito, na leitura de uma imagem, de uma paisagem, do mundo etc. O interesse da palavra leitura para designar essas diversas atividades, vem de sua referência à interpretação. Realmente, se não há compreensão, não pode haver leitura. Dessa forma, interpreta-se um desenho do mesmo modo que se interpreta uma paisagem ou um texto escrito (Bajard, 2021, p. 89).

A relação entre crianças e ilustrações se fortaleceu a partir do momento que a infância foi reconhecida como uma fase distinta da vida humana. A leitura é a troca entre enunciados, textos e contextos, imagens e contextos que “envereda para a construção de sentidos, conforme a sua experiência, sua intenção, suas perguntas e seu projeto de vida” (Arena, 2010, p. 25). Mas, o quanto as ilustrações nas obras literárias impactam a vida das crianças e adolescentes? Nas diversas narrativas visuais e textuais, fazemos conexões com as vivências, temos uma Conexão-Literária, a qual remete a outros lugares e viajamos juntos com as obras literárias nessa relação que transcendem a imagem e o texto.

Por certo, uma narrativa envolve personagens, enredo, espaço, tempo, contexto, entre outros. Já nas narrativas negras literárias vamos mais além, estendendo-se à ancestralidade, às memórias, ao reconhecimento identitário, aos sentimentos afetivos profundos, às experiências e às vivências e, ainda, o protagonismo negro. E, assim, vemos a possibilidade da promoção da autoestima, da oralidade consciente, da ruptura decolonial, da subjetividade, da etnia, do corpo-templo-resistência, da corporeidade afro referenciada, da educação antirracista.

São possibilidades de referenciais literários para uma literatura que apresenta em suas narrativas o “poder curativo pela sua estética e poética por não se esquivar das verdades por mais dolorosas que sejam” (Oliveira, 2022, p. 8). Portanto, as ilustrações são banhadas de significados, ressignifica e resgata o reconhecimento identitário e a etnia das infâncias, tornando-se rupturas decoloniais para além dos estereótipos.

Neste ponto da escrita, busco demonstrar o quanto, pelas mãos das ilustradoras negras, faz-se presente o afeto, a dedicação e, sobretudo, a beleza

ancestral. Porém, sem antes nos alinharmos como um novelo de lã colorido a respeito das linhas, formas, contornos e imagens dos livros com ilustrações e do livro ilustrado.

3.2.1 Os livros com ilustrações e as estratégias de leitura

Os livros com ilustrações fazem parte dos poucos livros que cheguei a ler na infância, visto que, na maioria das vezes, o professor utilizava o livro didático e as histórias resumidas que continham nele. Por meio das perguntas, a professora procurava as respostas no texto e, logo em seguida, fazia as correções na lousa.

Em outra ocasião, ela avaliava as respostas no caderno e, se caso estivesse correta, solicitava que fizéssemos a correção na lousa. Já na fase adulta, eu só fazia leituras conforme solicitavam os professores da faculdade. Mas, na atualidade, sabe-se o quanto é necessário que, cada vez mais, crianças e adolescente tenham acesso a bons livros e a professores comprometidos com a formação literária.

Diante dessas observações, vale dizer que o professor, além de fazer a leitura com antecedência e verificar se o livro é apropriado para a idade do leitor, é importante que ele utilize estratégias de leitura para ampliar o repertório e os sentidos.

Como exemplo, temos os livros com ilustrações, nele presentes texto e imagens que auxiliam as narrativas. Para Linden (2018, p. 24) “o texto é predominante e autônomo do ponto de vista do sentido. O leitor penetra na história por meio do texto, o qual sustenta a narrativa”. Nele, encontramos possibilidades de conexões como texto-texto, podendo fazer conexão com vários gêneros textuais ou com o seu cotidiano. A conexão texto-mundo acontece a partir do texto em que o leitor vislumbra outra vivência. E por fim, a conexão texto-leitor, a qual está intrinsecamente ligada a algo que já aconteceu e, por meio do texto literário, o leitor relembra.

Todas essas conexões são estratégias de leitura para que o leitor ou o pequeno leitor possa compreender o que está explícito e/ou implícito no texto, ative “o seu conhecimento prévio, estimulando-o a fazer conexões entre suas experiências, seu conhecimento sobre o mundo e o texto” (Girotto, 2010, p. 55). Por essa vertente, segundo Girotto (2010), não se pode deixar de falar sobre alguns elementos de conexão como gênero, formato, autor, estrutura do texto,

características da literatura, palavras sinais, estilo da escrita, além das inferências, ou seja, informações (ideias) que possam estar implícitas ou mesmo explícitas na narrativa textual da leitura das imagens e, de igual forma, a sumarização, o resumo e a síntese. As estratégias de leitura são possibilidades primordiais para que o pequeno leitor se torne autônomo.

Conforme Queirós (2019, p.61) “cada palavra descortina um horizonte, cada frase anuncia outra estação. E os olhos, tomando as rédeas, abrem caminhos, entre linhas, para as viagens do pensamento”. Diante dessa ideia, podemos dizer que ler é encontrar na palavra do outro novos significados e sentidos.

Para o filósofo russo Bakhtin (2020, p.70), a linguagem literária opera “um deslocamento do ponto de vista do discurso, do eu ao outro, da identidade à alteridade, condição da capacidade estética que o caracteriza e da sua particular visão de mundo”. Com base nesse enunciado, o leitor será exposto a uma reação - resposta advinda de enunciados provenientes do mundo interior e exterior. Assim, o leitor estabelece as relações entre os diferentes contextos por meio dos diálogos, obtém respostas e elabora outras. Nessa relação responsiva ocorre a construção de sentidos. A literatura se torna fundamental para a formação das infâncias, tendo em vista que sua obrigatoriedade transcende

> [...] intenções singelas de ‘dar asas à imaginação e provocar prazer’, para assumir a função de formação integral do homem e de suas funções consideradas superiores e criativas em todas as áreas do conhecimento. A maturidade da imaginação no adulto dependerá do seu desenvolvimento desde a infância e a literatura infantil tem lugar destacado nesse processo (Arena, 2010, p. 32).

Para que isso seja possível, é essencial o cuidado e o apoio da família. Ademais, a instituição educacional deve estar preparada para a formação do pequeno leitor, incentivando seu desenvolvimento. Nesse contexto literário, após dialogarmos sobre os livros com ilustrações e as estratégias de leitura, proponho um encontro muito especial com o livro ilustrado.

3.2.2 A linguagem verbal e imagética do livro ilustrado

Mas, afinal, o que é um livro ilustrado? Responderia ser algo mágico, uma coexistência profunda entre narrativas, palavras (textos), ilustrações (imagens) e *design*. Para a jornalista e especialista Linden (2018, p. 24), os livros ilustrados são

“obras em que a imagem é espacialmente preponderante, em relação ao texto, que aliás pode estar ausente”. Em comum acordo, Linden (2018), Nikolajeva e Scott (2011) conferem a mesma percepção de que nos livros ilustrados as suas narrativas são contadas, por meios de textos (signos convencionais) e imagens (signos icônicos). Contudo, entre os estudiosos há a percepção de que os livros ilustrados são mais que textos e imagens. Conforme Nikolajeva e Scott (2011, p.18), “ainda carecemos de ferramentas para decodificar o ‘texto’ específicos dos livros ilustrados, o texto criado pela interação das formas verbais e visuais”.

Nessa dimensão, Linden (2018, p. 8) dialoga com o leitor em sua obra *Para ler o livro ilustrado* e nos expõe que “o livro ilustrado revela a sua exuberância pela multiplicação dos estilos e pela diversidade das técnicas utilizadas […] ler um livro ilustrado depende certamente da formação do leitor”.

Nesse caso, o escritor e ilustrador Rui de Oliveira discorre sobre a relevância de as escolas utilizarem a leitura de imagens no processo de alfabetização visual das crianças. De mais a mais, o livro ilustrado tem como principal característica estimular o leitor a ter novas abordagens, descobertas e indagações, em que a narrativa surge entre as conexões da linguagem verbal e imagética, tendo em vista que “as imagens no livro ilustrado estão necessariamente ligadas umas às outras, seja diretamente no espaço da página dupla, seja no âmbito do livro” (Linden, 2018, p. 44). A imagem no livro ilustrado é predominante ao texto. Isso importa constatar que a articulação é constante, conforme o leitor realiza idas e vindas entre o texto e a imagem, a inter-relação presente traz o equilíbrio à narrativa.

Contudo, o livro ilustrado contempla uma linguagem própria, ele compõe diversas histórias de quem ilustra (subjetividade) e de quem as interpreta, são várias as camadas de reflexão e análise que dialogam com o leitor de acordo com as suas vivências. Isto posto, sabemos que “toda ilustração, além de suas inter-relações com o texto escrito […] são elementos importantes na criação da memória visual, em especial, na infância e na adolescência” (Oliveira, 2009, p. 5). No caso específico do livro ilustrado, esses elementos abraçam o leitor, constituindo novas perspectivas entre o texto verbal e não verbal.

> No caso da ilustração, ela pode assumir um caráter de transcendência do texto, o que não significa transgressão […] à leitura das imagens narrativas dos livros não apenas relacionando-as com o texto. Ele próprio terá um novo significado de interesse junto às crianças a partir do momento em que os aspectos formais da ilustração forem mais compreendidos. Considerando

> que as imagens de um livro criam a memória visual das crianças, a leitura harmoniosa e participativa da palavra e da ilustração amplia o significado e o alcance lúdico e simbólico de um livro (Oliveira, 2009, p. 7).

Por conseguinte, tanto Oliveira (2008) quanto Girotto (2010) argumentam que as obras literárias não devem ser *didatizadas*, uma vez que a narrativa é uma forma de emancipação do ser humano. Assim, o livro ilustrado

> [...] requer e mobiliza diversas funções psíquicas superiores, desenvolvendo-as […] na Educação Infantil torna-se fundamental para a formação das crianças, inclusive para possibilitar a criação de bases para a linguagem verbal escrita" (Tsuhako, 2022, p. 51).

Sem embargo, as obras literárias referentes ao livro ilustrado são potencializadas quando trabalhadas com o pequeno leitor, porque cria possibilidades de estabelecer inter-relações e sentidos, contribuindo para a linguagem verbal escrita, como disse Tsuhako. Essa relação intrínseca com as ilustrações pode contribuir para uma educação antirracista ou não, a depender da subjetividade, da estética e da ideologia. Da mesma forma, a escritora Graça Lima aponta que:

> Toda obra literária, porém, transmite mensagens não apenas através do texto escrito. As imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado. Se examinadas como conjunto, revelam expressões culturais de uma sociedade. A cultura informa através de seus arranjos simbólicos, valores e crenças que orientam as percepções de mundo. E se pensarmos nesse universo literário, imaginado pela criação humana, como um espelho onde me reconheço através dos personagens, ambientes, sensações? Nesse processo, eu gosto e desgosto de uns e outros e formo opiniões a respeito daquele ambiente ou daquele tipo de pessoa ou sentimento (Lima, 2005, p. 101-102)

Surgem inúmeras possibilidades e narrativas a serem trabalhadas nas obras literárias. Para além do livro ilustrado a narrativa é presente desde os paratextos, pois o formato da capa, das guardas, folha de rosto, até a contracapa, os ilustradores utilizam diversas técnicas, formatos e efeitos, podendo ser explorados na sua composição. Entretanto, os livros ilustrados surgiram no Brasil, segundo a ilustradora Graça Lima, no início do século XX, em virtude da modernização em que as notícias da atualidade política, cultural, social são publicadas, por meio da imprensa, em grande quantidade de revistas ilustradas e jornais.

As inovações vindas da revolução científico-tecnológica, intensificadas nas últimas décadas do século XIX, inovam as formas da impressão, deixando de se

trabalhar com as ilustrações litografadas, pelas ilustrações fotográficas, melhorando a qualidade das impressões da época, uma vez que as “ilustrações foram criadas para capas, sumários, publicidade, letras de música, poemas, contos, expedições científicas […] charges políticas, caricaturas e histórias em quadrinhos” (Lima, 2009, p. 30-31).

As primeiras publicações do livro ilustrado no campo da literatura infantil no Brasil apresentam as seguintes publicações relevantes: “Leonardo Arroyo (2011 [1968]), reeditado até hoje; Cecília Meireles (1984 [1950]), Nelly Novaes Coelho (1981) e Regina Yolanda (1977), para mencionar alguns dos mais conhecidos” (Lima, 2009, p. 37). Assim, a criação literária do livro ilustrado, formada pelo texto verbal e o texto visual, traz muitas possibilidades de encontros e interpretações; o leitor deve estar sempre atento aos detalhes desde um traço, cor, formato, título, guardas, folha de rosto, espaço, folha dupla. A diversidade de estilos torna essa narrativa singular.

Ora, importa dizer que livro ilustrado abrange outros gêneros literários, pois “acolhe uma pluralidade de gêneros que não se prestam a comparação” (Linden, 2018, p. 47). Outra característica é a de constituir em suas narrativas diferentes suportes (papel, papelão, madeira, tela, plástico etc.) e materialidades (formatos, tamanho, papel, textura, costura, peso etc.), para a surpresa do leitor que consegue, por meio dele, interagir, criar, descobrir novas abordagens e narrativas. Para tanto, deve ter um olhar atento para as possíveis interpretações, já que “o livro ilustrado gera então novas maneiras de ler […] faz escolhas, estabelece, aproximações, antecipa, busca e constrói, ele próprio, o sentido (Linden, 2018, p. 101). Portanto, há interação entre textos e imagens, ou entre imagens se torna imprescindível para a sua composição. Para o ilustrador Odilon Moraes (2019) no livro ilustrado:

> As palavras podem até se retirar da cena e deixar que tudo aconteça em silêncio, só com imagens. Mas essas imagens, ainda assim, estarão narrando, contando algo, amarradas pela sequência. No termo livro ilustrado o adjetivo não denota apenas uma qualidade do substantivo - a de conter ilustrações. Ele o transforma em outra coisa. Num livro ilustrado é preciso muita atenção às imagens e à maneira como elas se entrelaçam, não só com as palavras (se as houver), mas também com as outras imagens com as quais ela se relaciona, pois a unidade narrativa se dá com a contribuição de múltiplos elementos. Nele, a palavra altera o sentido das imagens, as imagens alteram o sentido das palavras e a unidade do todo é maior do que a soma dessas partes (Moraes, 2019, p. 27).

Após breve diálogo sobre a relevância do livro ilustrado e suas diversas narrativas, retomo o percurso histórico dos livros com ilustrações e dos livros ilustrados a partir da década de 1920.

3.2.3 Um breve diálogo acerca do percurso histórico do livro infantojuvenil e a perspectiva de uma literatura negra

Os primeiros passos para adentrar na literatura no Brasil foi na década de 1920, pelas mãos do escritor José Bento Monteiro Lobato, localizado na cidade de São Paulo, o início da fabricação e produção de livros. Assim, temos o primeiro livro editado no Brasil. Contudo, segundo Gouvêa:

> Ausência do negro nas cenas sociais descritas no período remete à sua marginalização após a abolição. O apagamento do negro nos textos da época reflete uma mentalidade dominante voltada para os ideais de progresso e civilização (Gouvêa, 2005, p. 84).

Na década de 1930, houve a criação das gráficas, a importação e, consequentemente, a expansão da indústria gráfica.

> É na perspectiva de resgate folclorizado das raízes nacionais que os contadores de história negros eram recuperados nas narrativas, como depositários de uma tradição situada no passado, a ser registrada e resgatada através da literatura infantil. É interessante observar que Lobato em Histórias de Tia Nastácia ironizava impiedosamente tal produção (Gouvêa, 2005, p. 84)

Sobretudo em relação aos personagens negros em suas narrativas, percebe-se estereótipos, como na obra *Histórias de Tia Nastácia.* Nessa passagem em que personagem Emília fala: “Parecem-me muito grosseiras e bárbaras — coisa mesmo de negra beiçuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto” (Gouvêa, 2005, *apud* Lobato,1937, p. 31). Como se vê, nas histórias infantis também é possível notar o preconceito e a discriminação racial em torno de personagens negros, naturalizando e reforçando estereótipos.

Dando continuidade ao percurso histórico, conforme, Lima (2009) na década de 40, surgem mais ilustradores. Nos anos 1950 ocorre a criação da indústria gráfica, entre 1950 e 60. Em sequência, houve a interrupção abrupta pelo regime de política-economia da época, a ditadura militar de 1964. Na década de 1970, houve um aumento dos projetos gráficos; os livros passaram a ter tratamento

de produto voltado ao público infantil […] de narrativa visual com pequenos textos de fácil compreensão (Lima, 2009, p. 33).

Em 1975, no Rio de Janeiro, foi fundada a Editora Pallas valorizando as temáticas afrodescendentes como a religiosidade, saberes africanos, linguísticos e filosóficos, entre outros. Também se destacam duas grandes mulheres nessa época pela representatividade na área de edições. Em 1972, nascia a Livraria Contexto, fundada por Nair Theodora Araújo e a Mazza edições, inaugurada em 1981, por Maria Mazarello Rodrigues, com livros relevantes para a cultura afro-brasileira. Ambas surgem em meio à ditadura militar (golpe ao governo de João Goulart, que por insatisfação da elite da época, foi acusado de comunista, por favorecimento de projetos como reforma da base). A iniciativa dessas mulheres negras foi fundamental, pois, ao dar voz e vez aos escritores e ilustradores negros, contribuiu para a divulgação e a produção de temáticas importantes sobre a cultura negra.

Outro ponto relevante da historicidade foi a forte influência dos movimentos sociais da época, como o Movimento Negro, que esteve em constante luta pela igualdade racial e pelos direitos humanos. Tanto que em 1978 surgia os C*adernos Negros*, literatura brasileira, escritas por escritores negros, sendo considerado um marco histórico para a literatura afro-brasileira.

Na década de 1980, o escritor, ilustrador e professor Rui de Oliveira, após estudar no Instituto Superior de Artes Industriais (Hungria), volta ao país, trazendo novas ideias e perspectivas sobre a arte de ilustrar, sobretudo com foco no livro infantil. Nessa mesma década, “Juarez Machado apresenta seu livro *Ida e Volta,* inaugurando a produção de livros de imagens” no Brasil (Lima, 2009, p. 33).

Todavia, pude evidenciar uma gama de escritores (as) negros(as) como Geni Guimarães (1979), Joel Rufino dos Santos (1985), Rogério Andrade Barbosa (1987) e Inaldete Tristão (1989), com produções de literatura negra em destaque histórias africanas e protagonistas negros. Ainda, conforme Graça Lima, na década de 1990, os livros apresentam-se com maior qualidade por causa da nova tecnologia de produção. Houve, também, um aumento na produção das obras literárias de escritores negros com viés nas relações étnico-raciais.

No século XX, temos como grande destaque o professor, escritor, artista plástico, dramaturgo, ator, político e ativista pelos direitos humanos, Abdias do Nascimento (1914-2011) que se destacou como uma figura central no movimento literário e político brasileiro. Abdias foi pioneiro na criação do Teatro Experimental do

Negro, em 1944; em 1981, fundou o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, Ipeafro. Sua dedicação à luta pelos direitos humanos e pela cultura negra rendeu-lhe diversas honrarias, incluindo o Prêmio Unesco de Direitos Humanos e Cultura da Paz, em 2001, além de ter sido indicado ao Prêmio Nobel da Paz em 1978 e 2010. Abdias esteve sempre à frente do Movimento Negro no Brasil, deixando um legado indelével.

No capítulo treze do seu Livro *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*, disserta sobre a estética da brancura nos artistas negros aculturados.

> Os africanos e seus descendentes, os verdadeiros edificadores da estrutura econômica nacional, são uns verdadeiros coagidos, forçados a alienar a própria identidade pela pressão social, se transformando, cultural e fisicamente, em brancos (Nascimento, 2016, p. 153).

A assimilação cultural foi, de fato, uma forma de controle com a única finalidade, a da manutenção de privilégios e por consequência, poder. Conforme os escritores Fanon (1967; 2020), Nascimento (2016), Freire (2021), “o grupo social racionalizado tenta imitar o opressor e assim desracializar-se” (Nascimento, 2016, p.155-156). Somente no século XXI houve uma moderação nos estereótipos em relação à caracterização de personagens negros na literatura infantil, vistos como sujo, feio, tolo, ignorante, submisso, escravizado, inferiorizado, animalizado, ingênuo, enfim desumanizado.

> A literatura é, portanto, um espaço não apenas de representação neutra, mas de enredos e lógicas, onde “ao me representar eu me crio, e ao me criar eu me repito”. E se verticalizarmos, nesse contexto, o tema das relações raciais no Brasil, o livro infanto-juvenil torna-se um documento importante para uma análise. Por ele, avista-se a rearticulação de ideologias, através de estratégias específicas […] a construção ideológica do corpo dos personagens, vestimentas, hierarquias frente aos demais personagens não negros, fala, religião, concepções de civilização envolvidas, raciologias, associações encontradas com a África, tratamentos nessas associações, o grotesco, a sexualidade, etc. (Lima, 2005, p. 102).

Todavia, surge uma nova geração de ilustradores e escritores negros(as), comprometidos em continuar a ressignificar os corpos negros por meio da arte, são referências, por contribuírem no que tange à aceitação, a autoestima, o reconhecimento, a identidade. Uma criança é uma criança, independentemente da cor da pele, etnia ou religiosidade. As ilustrações nas obras de literatura negra

carregam em si, tanto no conteúdo quanto na forma, ao encontrar esse outro com diferentes penteados, vestimentas, cabelos e cores, linguagem, refletem e transformam-se em memória ancestral que se torna viva.

Na literatura negro-brasileira, as ilustrações são um sinônimo de humanização. Ao encontrar o leitor, muitas vezes, ganham vida e se personificam. O projeto de um livro materializa posicionamentos do enunciador, que pode ser espaços de transgressão e resistência em confronto com a hegemonia presente nas bases privilegiadas. As vozes outras, presentes nas obras literárias, podem refletir os sujeitos, que em movimento se posiciona de forma responsável e responsiva. No entanto, o acabamento, essa estética, ou seja, esse processo consciente, a ação muitas vezes está intrínseca, à imaginação e à realidade que lhe é exterior, exotópica. Para Bakhtin (2020, p. 47), “o dever é uma categoria original do agir-ato”. Agir no mundo singular e único do existir, inconsciente de que não há pensamentos solitários, pois as múltiplas vozes estão presentes.

Nesse processo de mediação e interação imersas pelos signos sociais, ideológicos, as palavras adquirem entonações que refletem as narrativas tanto verbal como a não verbal. E esse “eu” tão pequeno, inocente e desprotegido, transforma-se pela amorosidade e alteridade dos traços, linhas, contornos e formas dos ilustradores negros. O signo é decodificado em “ética” enquanto ato responsivo responsável.

Nesse sentido, a ética e a estética se entrelaçam nas trocas verbais e não verbais entre o leitor e a obra literária. As narrativas têm um papel fundamental, são como pontes entre o mundo exterior e o interior que se materializa pela ação do leitor, que sofre transformação constante, e no diálogo com o outro ressignifica a própria história. Após uma breve análise sobre o percurso histórico do livro com ilustração e do livro ilustrado, apresento a obra *O Pequeno Príncipe Preto* com o direcionamento as várias possibilidades de encontros como, por exemplo, as estratégias de leitura, a identidade, a empatia e a ancestralidade negra.

3.3 O livro com ilustrações de autoria negra

Trago a presente obra *O Pequeno Príncipe Preto* no sentido de um possível reencontro com a ancestralidade negra. A obra estabelece uma conexão profunda com a ancestralidade por meio de suas narrativas (verbal e não verbal). Essa conexão não apenas toca crianças e adultos, mas também leva a uma reflexão sobre a relevância da família e dos antepassados.

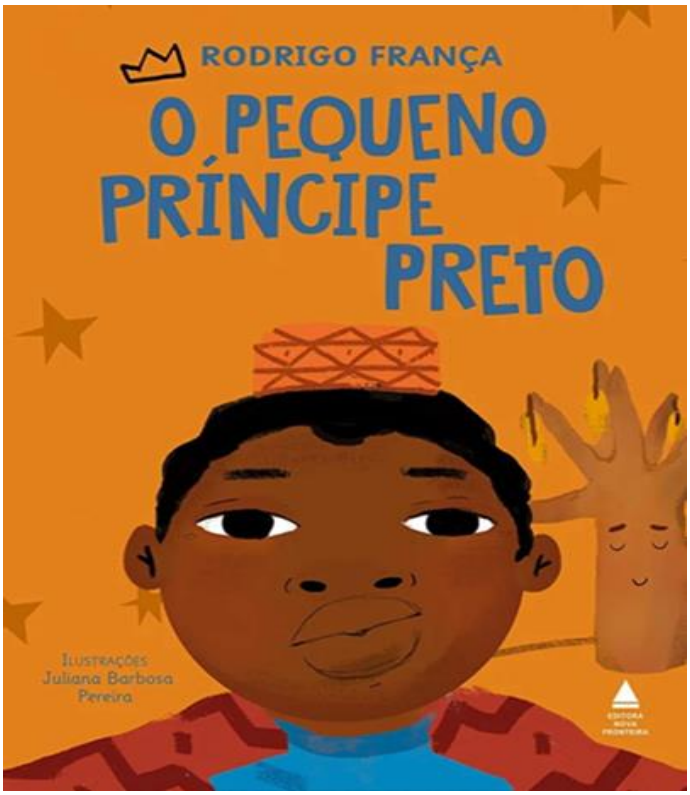
A ênfase na ancestralidade desperta memórias de infância e sentimentos afetivos, enriquecendo o reconhecimento identitário. A estética assume um papel relevante para a formação de leitores antirracistas por meio de suas narrativas que celebram a ancestralidade. Esta abordagem é coerente com uma Educação para as Relações Étnico-Raciais, encorajando crianças e jovens a questionarem estruturas opressivas como o preconceito e a discriminação racial. A obra *O Pequeno Princípe Preto* surgiu por meio do espetáculo teatral de mesmo nome, produzido e dirigido pelo escritor em 2018.

Essa peça teatral recebeu mais de 60 mil espectadores em três anos de cartaz. O escritor Rodrigo França cresceu em um contexto familiar, em que foi educado para compreender e valorizar a sua cultura negra e a filosofia Iorubá; é, atualmente, articulador cultural, ator, diretor, dramaturgo e artista plástico, cientista social e filósofo político e jurídico, já atuou como pesquisador, consultor e professor de direitos humanos. É ativista pelos direitos civis, sociais e políticos da população negra. As ilustrações são da designer Juliana Barbosa Pereira. Conforme, escreveu na folha da guarda, a ilustradora embarcou de corpo e alma desde o início do projeto, desenha desde pequena, entrou em contato com a criança que vive dentro dela para realizar as ilustrações do livro. Foi um processo leve, gostoso e muito importante.

Essa obra, publicada em 2020, recebeu vários elogios e críticas positivas. *O Pequeno Príncipe Preto* é uma adaptação do clássico *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry. Nessa versão da história, o autor quebra todos os paradigmas, quando entra em cena um menino negro como protagonista, em uma perspectiva única e inclusiva. A narrativa gira em torno do Pequeno Príncipe Preto que vive em um pequeno asteroide sozinho com uma amiga que, ao invés de ser representada pela rosa-vermelha, sua fiel amiga do clássico *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, nessa versão a árvore de Baobá toma toda a cena.

Dessa maneira, o leitor faz conexão texto-texto e estabelece a relação de uma obra atual com a outra obra. Ele inicia em uma jornada pelo universo, visitando diferentes planetas e encontrando personagens peculiares, cada um deles representa uma faceta da sociedade contemporânea. Ao longo de suas viagens, *O Pequeno Príncipe Preto* aprende valiosas lições sobre amizade, empatia, solidariedade e a importância de cuidar do outro e do planeta. Também compartilha suas próprias experiências e valores com as pessoas que encontra em sua jornada. Essa adaptação contemporânea e inclusiva, atemporal, destaca a diversidade étnica e promove mensagens de igualdade, respeito e inclusão, tornando-o uma leitura importante e educativa para crianças e jovens.

Figura 5 - Capa do Livro *O Pequeno Príncipe Preto*



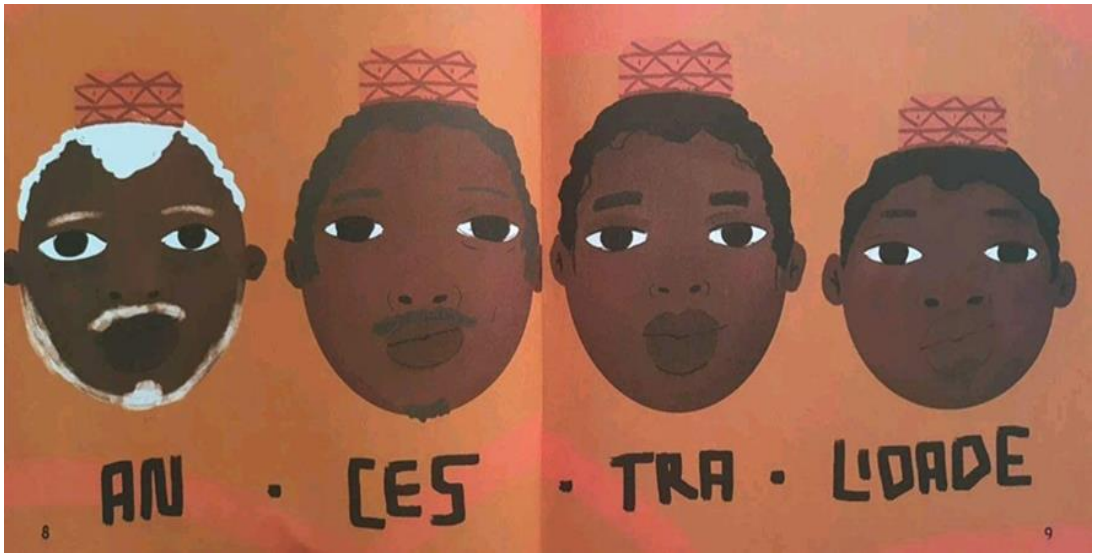
Fonte: França (2020)

A obra vem ao encontro das crianças negras através da ancestralidade; já na capa o autor escreve: “Para toda a minha ancestralidade com respeito e gratidão”. A obra potencializa a narrativa, quando coloca um “príncipe preto” como protagonista. Quantas obras de contos de fadas apresentam um menino preto como príncipe ou uma menina preta como princesa? O pequeno príncipe preto mora em

um minúsculo planeta em que só há espaço para uma amiga ancestral, a gigante Baobá.

É uma espécie sagrada considerada a árvore-da-vida por todo continente africano. Nessa inter-relação de amor, o menino recebe o seu alimento e a sabedoria ancestral. Assim, a narrativa africana transcende de empatia, afeto, respeito mútuo e generosidade.

Figura 6 - Página dupla: *O pequeno Príncipe Preto*



Fonte: França (2020, p. 9)

O autor, ao realizar essa conexão texto-leitor, faz com que crianças e jovens reflitam sobre a importância da família e de suas respectivas gerações. Nessa conexão ancestral, as memórias da infância transbordam afeto e identidade negra. Nessa perspectiva, a narrativa promove a ruptura decolonial e a superação dessa visão eurocêntrica que impõe conceitos e perspectivas impostas sobre os povos submetidos à escravização e a indústria cultural, utilizam-se para a manutenção do seu poder sobre o outro através da desumanização com base na discriminação racial, religiosidade, etnia ou ideologia existente.

E nesse ato responsivo da narrativa, a estética se torna curativa, quando os textos escritos têm conexão se tornando um texto-mundo. A narrativa verbal e não verbal surge para contribuir com a formação de leitores antirracistas, comprometidos com a ancestralidade, a identidade, a representatividade para uma educação

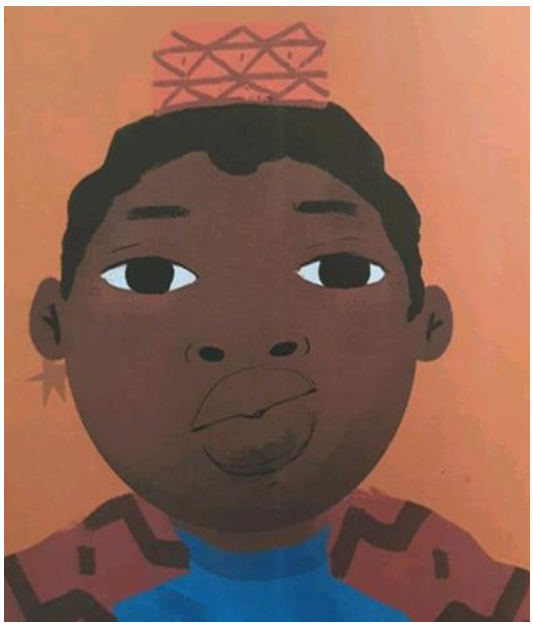
antirracista, na luta e no empoderamento das crianças e jovens contra qualquer tipo de discriminação e preconceito.

Figura 7 - O Pequeno Príncipe Preto



Fonte: França (2020, p. 11)

Figura 8 - O Pequeno Príncipe Preto



Fonte: França (2020, p. 22)

Vemos a representatividade e o protagonismo negro do personagem em que as ilustrações completam os textos literários. A obra, por várias vezes, faz essa

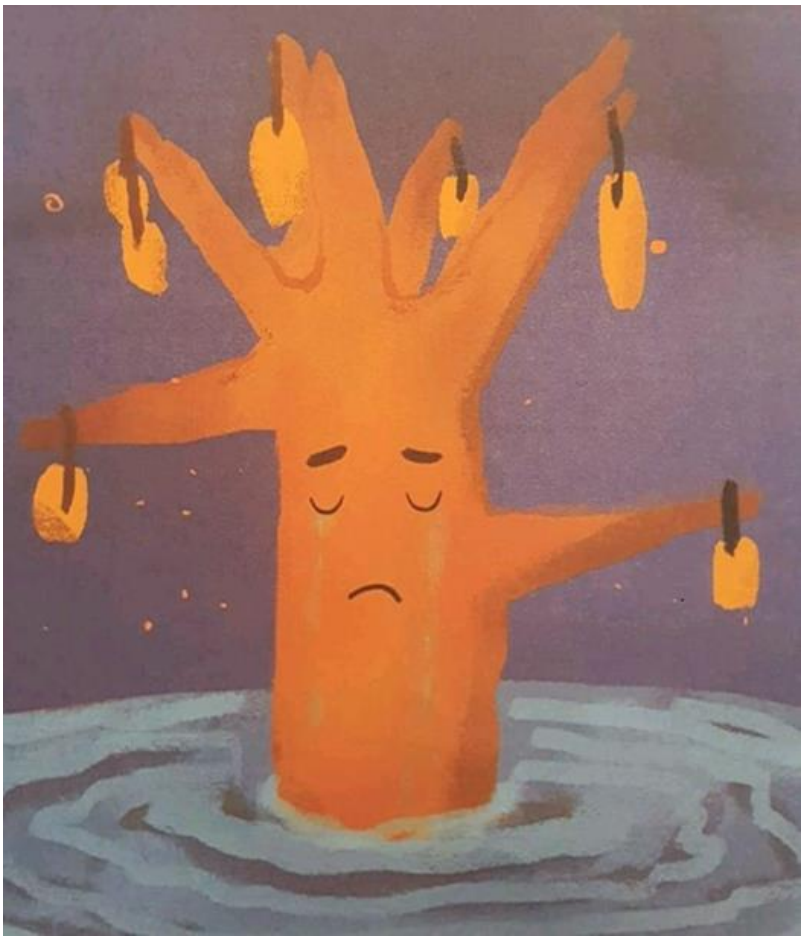
conexão texto-leitor. Outro exemplo disso está no parágrafo em que ele se descreve: "Eu sou negro um pouco mais claro que alguns negros e um pouco mais escuro que outros. É como a cor verde-escuro é o verde-claro, mas nenhum dos dois deixa de ser verde. Eu gosto muito da minha cor e dos meus traços" (França, 2020, p. 11).

O Pequeno Príncipe Preto viaja pelo mundo através dos ventos em uma pipa, espalha o amor, por meio das sementes de Baobá, para os planetas que visita. Em cada planeta aprende e ensina algo sobre o amor e a empatia.

No planeta Terra, apesar de encontrar muitas pessoas diferentes, sente que falta algo? Seria afeto! E, assim, o protagonista sai novamente de viagem, após deixar algumas sementes de baobá e encontra o Planeta Terra da raposa, nele aprende a cativar e o poder de uma amizade sincera. Quando retorna à Terra, o Pequeno Príncipe não se sente acolhido, as pessoas não conversam mais entre si, estão habitualmente com o olhar fixo em uma caixinha iluminada, ou brincam com jogos eletrônicos como acontece com muitas das nossas crianças. O autor busca a todo momento com seu texto mostrar a necessidade de parar e atentar-se para o outro, respeitando seus limites, suas diferenças, suas crenças, para o professor há um vasto campo a ser percorrido.

De acordo com Girotto (2010, p. 55) “o professor [...] estabelece a possibilidade do leitor de, enquanto lê, ativar explicitamente, por meio das estratégias, o conhecimento prévio, estimulando-o a fazer conexões entre suas experiências, seu conhecimento sobre o mundo e o texto”. Em um trecho o pequeno príncipe é visto como um ser anormal, pela sua voz que parece cantada, seu sotaque, sua vestimenta longa e esquisita “não é roupa de menino” […] e quiseram tocar no meu cabelo, sem pedir licença. “Não toquem no meu cabelo!” (França, 2020, p. 23). Ele chega à conclusão que as pessoas vão precisar de muitas sementes da Baobá, precisam praticar UBUNTU, na filosofia africana, “Eu sou porque nós somos! UBUNTU significa nós por nós'!” (França, 2020, p. 25).

Figura 9 - *O Pequeno Príncipe Preto*



Fonte: França (2020, p. 28)

Quando retorna ao seu planeta, pede bênção a Baobá, como respeito aos seus mais velhos, ancestrais. A história acaba quando a Baobá o deixa “olhei para baixo e vi uma muda no solo” (França, 2020, p. 29). Nesse momento, na narrativa, temos novamente a conexão texto-leitor, em que a perda da amiga traz questões e experiências dolorosas que todos os seres humanos terão que enfrentar um dia.

Entretanto, a obra retoma a importância da família e de seus mais velhos, além das pessoas que já se foram, mas que permanecem presentes no coração dos seus entes queridos. E assim a história termina com o nascimento de outra Baobá, representando um novo recomeço. Na escola, podemos nos tornar *Griots*: contadores de histórias, que utilizam a musicalidade, as ilustrações, a corporeidade, a oralidade e escritas literárias, são tradições passadas de geração a geração que asseguram a identidade de um povo. A abordagem literária apresentada na obra não apenas desafia conceitos euro centrados arraigados, mas também propõe um

caminho para a desconstrução das normas opressivas que perpetuaram a discriminação e a desigualdade. A estética, nesse contexto, surge como um meio curativo, capaz de proporcionar uma educação de valor inestimável – uma que forja leitores antirracistas, conscientes da riqueza da ancestralidade e da importância da representatividade, portanto, responsável pelos seus atos. Na narrativa, o autor não apenas nos convida a explorar a profundidade de nossa própria história, mas também nos fortalece para o enfrentamento das estruturas sociais que perpetuam desigualdades. A compreensão crítica de questões, como diversidade e etnia, é crucial para preparar crianças e jovens para serem agentes de mudança e empoderamento diante da discriminação racial.

O engajamento dessas narrativas, centrado na ancestralidade e na inclusão, não é apenas uma celebração da diversidade, mas um ato de resistência contra as normas que marginalizam. A contribuição da obra é, portanto, um convite a todos nós a nos unirmos na busca por um mundo em que a literatura seja uma força unificadora e transformadora, capacitando gerações presentes e futuras a romperem barreiras a construírem um futuro mais justo e equitativo.

Em suma, criaram e inventaram a raça com a única finalidade: a de desconstrução do outro e assim a população foi subdividida, manipulada por um sistema que aprisiona mentes. Conforme Paulo Freire (2021, p. 211), “renunciar ao ato invasor significa, de certa maneira, superar a dualidade em que se encontram [...] é renunciar a todos os mitos de que se nutre a ação invasora e existenciar uma ação dialógica”. Nessas relações dialógicas constitui um novo projeto de dizer, composto pelos fios ideológicos interior e exterior (mundo). Contudo, ouvir vozes outras é se colocar de forma inacabada nesse movimento dialógico, e ser responsável, pois “existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo e modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes,* a exigir deles novo *pronunciar”.* (Freire, 2021, p. 108).

Nesse sentido, o fazer dialógico dos ilustradores e escritores negros vem ao encontro da ação e reflexão. Assim, a literatura dialoga com a ancestralidade, reconstituindo valores e saberes da diáspora africana. Contudo, escritores e ilustradores negros são a ponte para que crianças e jovens possam refletir e valorizar a diversidade étnica e a história dos seus antepassados, restabelecendo, assim, a memória ancestral. Após tantos percursos e a análise do livro com ilustrações de autoria negra, *O Pequeno Príncipe Preto,* de Rodrigo França e Juliana

Barbosa Pereira, retomo o ponto focal da pesquisa, compreender a qualidade estética de livro ilustrado de autoria negra, como meio de contribuição para a formação do reconhecimento identitário das infâncias negras.

4 O LIVRO ILUSTRADO DE AUTORIA NEGRA

Nesta parte do trabalho, diálogo com quatro livros ilustrados, obras de escritoras e ilustradoras que representam a literatura negro-brasileira, como o livro ilustrado de autoria negra e, por meio da sua arte, reverberam ancestralidade, representatividade e o reconhecimento identitário. Desse modo, pude demonstrar e compreender a qualidade estética de livros ilustrados de autoria negra, como meio de contribuição para a formação do reconhecimento identitário das infâncias negras.

Pensar acerca da identidade é muito mais complexo do que se imagina. Abrange muito mais fatores externos e internos como diz Munanga (2024). Estamos tão distantes de descobrir realmente quem somos na questão racial, imposta pela branquitude desde o período colonial até os dias atuais. Para uma criança negra começar a se descobrir, a literatura é uma ponte essencial para o reconhecimento identitário das infâncias negras.

Na primeira obra, *Fevereiro,* da escritora e ilustradora Carol Fernandes, uma criança negra conduz a narrativa e, a partir do momento que adentramos a história, vamos nos perfumando com o Afoxé, filhos de Gandhi, num encontro com as tradições, o pertencimento e a memória ancestral.

Já na obra *Se eu fosse uma CASA,* também de Carol Fernandes, ressoam memórias da infância. Nela, a casa passa a ser um corpo templo que transcende poesia, evoca a ancestralidade, a família, a força da natureza, a cultura, evoca a vida. Outra obra fascinante é *Os Dengos na Moringa de Voinha,* de autoria da escritora Ana Fátima e da ilustradora Fernanda Rodrigues. Deslumbramos a matriarca, ou melhor, uma Moringa, como ser onipresente por estar em toda a narrativa, em todos os momentos e lugares e, pela amorosidade, somos conduzidos às raízes ancestrais, à representatividade e à identidade negra, além de todo amor familiar que envolve a narrativa.

Por último, destacamos a obra *O Adeus do Marujo*, da escritora e ilustradora Flávia Bomfim. Essa obra de arte, inteiramente desenvolvida com a técnica de cianotipia em tons de azul, revela, por meio da beleza do bordado, os desafios e as

lutas vivenciadas por João Cândido, um marujo negro que buscou justiça em uma época marcada por castigos e chibatas. A narrativa carrega a força de nossos ancestrais, que trabalharam arduamente para construir este país, e destaca elementos como resistência, identidade e representatividade.

4.1 O livro ilustrado para as infâncias negras

O livro de literatura negra tornou-se um símbolo de resistência e luta, inclusive porque o meio editorial ainda é embranquecido e patriarcal, como foi possível constatar na pesquisa que realizei sobre as grandes premiações. Digo sempre que a literatura negra infantil é fascinante, é, de modo geral, curativa, como diz Oliveira (2022), e em especial o livro ilustrado. Quando fui apresentada ao livro ilustrado pela primeira vez, as imagens me tocaram profundamente, tantas possibilidades e a cada virada de página, ficava mais curiosa com o enredo, a narrativa, os personagens. E por meio da pesquisa foi possível constatar uma escassez mercadológica de livros ilustrados de autoria negra. Ao mencionar a autoria negra, digo que, tanto o escritor quanto o ilustrador, são indivíduos negros e se assumem como tais.

Diante da pesquisa sobre livros ilustrados, emerge uma questão crucial: onde estão as obras de autoria negra? São muitos os desafios enfrentados pelos ilustradores negros. É um tema a ser aprofundado, mas pude compreender pelos estudos realizados que ainda estamos longe de uma equidade racial. E não é diferente nas produções editoriais.

O livro com ilustrações de escritores (as) negros(as), somente tem uma maior demanda após a Lei 10.639 e 11.645[17]. Ao pensar no livro ilustrado de autoria negra, destaco alguns pontos que demandam atenção, como o alto custo para a formação e especialização dos profissionais da área, o acesso a cursos e capacitações. Além disso, há uma perspectiva limitada da demanda de mercado, que, aliada à falta de oportunidades para profissionais negros, torna ainda mais difícil a inserção desses artistas no campo editorial.

17 Tal Lei tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena nos currículos dos estabelecimentos de ensino públicos e particulares da Educação Básica, juntamente com o Conselho Nacional de Educação, Conselho Pleno, Resolução n.º 1, de 17 de junho de 2004, a qual institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Conforme Bento (2022, p.62), “[...] há silêncio e ocultação em torno dessas práticas culturais”, visto que a ausência dessa literatura somente foi identificada mediante a pesquisa. Ou seja, o fato de não termos a presença de autores (as) negros(as) na construção de tal literatura foi normalizado, como também acontece com a literatura indígena.

Outro ponto importante é a questão do território a ser desbravado: os ilustradores negros precisam conquistar espaço em um mercado que, historicamente, os marginaliza: “não é realista esperar que um grupo racial domine toda a produção do saber e seja a única referência estética” (Ribeiro, 2019, p. 27). O alto custo de produção das obras e a dificuldade de acesso do público a essas publicações são também barreiras significativas. Por fim, o impacto da colonização e a desvalorização da população negra se refletem diretamente na falta de reconhecimento e valorização dessas produções, perpetuando uma narrativa excludente.

> […] particularizando o Brasil, a matriz europeia é predominante. Nossa produção, nesse campo, nasceu, desenvolveu-se e continua seu curso tendo como paradigma a produção europeia. Dizer “branca”, nesse caso, é redundância. Imitar, citar, ler, comentar autores europeus sempre trouxe e traz aura de respeitabilidade para quem assim age e para o trabalho que porventura desenvolver. Verniz ou conteúdo absorvido (Cuti, 2010, p. 50).

Essas condições dificultam o acesso à formação e à expansão do livro ilustrado de autoria negra, perpetuando as barreiras que esses profissionais enfrentam para terem suas obras reconhecidas e valorizadas. Por outro lado, podemos compreender o quanto o livro ilustrado de autoria negra se mostra potente em sua capacidade de representar e celebrar identidades negras, oferecendo narrativas visuais que desafiam estereótipos e promovem a diversidade.

Em um contexto de resistência étnica e cultural, essas obras se tornam ferramentas essenciais para a valorização das histórias e das experiências do povo negro, contribuindo para a construção de um imaginário mais inclusivo e representativo. No entanto, quando um livro ilustrado de autoria negra é publicado, nele está contida a intencionalidade do escritor/ilustrador, que pode, naquele momento, registrar o seu reconhecimento identitário, marcado pela luta contra o preconceito e a discriminação racial.

A linguagem textual e imagética presente na obra torna-se ferramenta de resistência. Materializa-se uma obra que poderá contribuir para um fazer dialógico na produção de sentidos, durante a leitura pela criança negra, já que, pela leitura, as crianças podem se reconectar com suas raízes, com sua ancestralidade, com sua cultura, resgatando sua autoestima, forjando seu autoconhecimento, por meio dos saberes e dos valores presentes nas obras.

A alteridade mostra-se presente nessa apreciação, nessa contemplação estética, em que as imagens nos transportam para outra dimensão de tempo e espaço, onde diferentes contextos e vozes (consciências) se comunicam e se entrelaçam em uma única frequência: a de ressignificar. Nessa relação de alteridade, há momentos de trocas dialógicas em que as experiências são passadas, como os *gritos,* de geração a geração. Ademais, as ilustrações, no livro ilustrado de autoria negra, procuram evidenciar a historicidade e a etnia de um povo.

Esse é um projeto de dizer que confere às obras literárias um eixo valorativo, nesse lugar sociocultural único e singular das infâncias negras. Nessa conjuntura, vamos adentrando ao mundo imagético. As emoções são constantes, visto que, ao ler o livro ilustrado, “começamos pelo signo ou verbal, ou visual, um gera expectativas sobre o outro, o que, por sua vez, propicia novas experiências e novas expectativas” (Nikolajeva; Scott, 2011, p. 14).

Essas experiências mostram como as ilustrações de um livro ilustrado devem ser em relação ao texto verbal, “sempre uma paráfrase visual do texto, sempre uma pergunta, nunca uma resposta” (Oliveira, 2008, p. 49). Para a contemplação da obra literária e as suas múltiplas narrativas, escolho, com o intuito de realizar a análise, a princípio, quatro obras, utilizando os pressupostos de Linden (2018), por se tratar de uma produção contemporânea sobre o livro ilustrado.

1. A primeira obra a ser analisada é *Fevereiro* (2023, Caixote editora);

2. A segunda financiada coletivamente e reconhecida com o Selo Seleção Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio 2021, *Se eu fosse uma CASA* (2020, Tuya Edições), ambas da escritora, ilustradora e pedagoga Carol Fernandes;

3. A terceira é a obra *Os dengos da moringa da Voinha*, da escritora Ana Fátima (2023, Brinque-Book) e ilustrações de Fernanda Rodrigues;

4. A quarta *O adeus do Marujo*, da escritora e ilustradora Flávia Bomfim, (2022, Pallas editora). Em 2021, recebeu o prêmio Green Island pelo Nami Concours

com ilustrações para o livro “O adeus do Marujo” (Pallas, 2022) e, em 2023, recebeu o Prêmio FNLIJ Malba Tahan como o Melhor Livro Informativo.

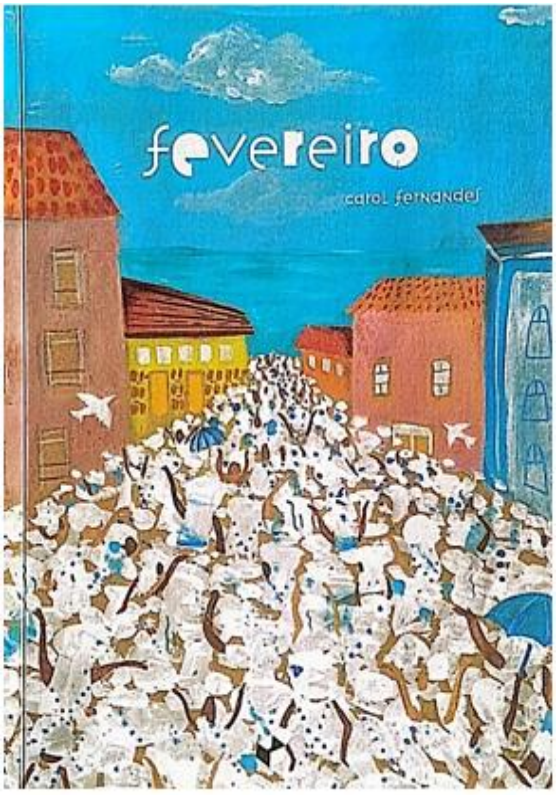
4.1.1 Fevereiro

A obra *Fevereiro* tem como autora, como já mencionado, a escritora, ilustradora e pedagoga Carol Fernandes, que nasceu em 1987 em Belo Horizonte–MG, cidade onde mora e trabalha como artista, autora e ilustradora de livros ilustrados para todas as idades. Aproximou-se da literatura para crianças durante a graduação em Pedagogia na Faculdade de Educação da UFMG. Depois especializou-se em Literatura para a Infância pela *A Casa Tombada*. Ela cria utilizando técnicas em aquarela, acrílica, guache e digital. Escreveu e ilustrou também o livro *Coração do Mar* (2019, Crivo Editoria). Ao pensar em *Fevereiro* sinto o cheiro do mar. A obra é uma festa de carnaval, de cheiros e de emoções, ao celebrar a família, a ancestralidade, a partir dos Filhos de Gandhi.

Nessa produção, é valorada a ancestralidade dos protagonistas negros. Para a construção da obra, a autora utilizou a técnica acrílica fosca sobre papel Kraft, “a aquarela joga sobretudo com a transparência e a luminosidade, mas também com a densidade das cores” (Linden, 2018, p. 36). O livro é dedicado a Gilberto Gil, compositor, multi-instrumentista, produtor musical, político e escritor brasileiro, reconhecido nacional e internacionalmente, vencedor de prêmios Grammy Awards, Grammy Latino e galardoado pelo governo francês com a Ordem Nacional do Mérito. O artista faz parte da história do Afoxé Filhos de Gandhy. O bloco foi fundado em 18 de fevereiro de 1949, por estivadores portuários de Salvador e tornou-se o maior Afoxé do Carnaval da Bahia. Afoxé tem origem na língua iorubá “*àfosé*” e significa *encantação*.

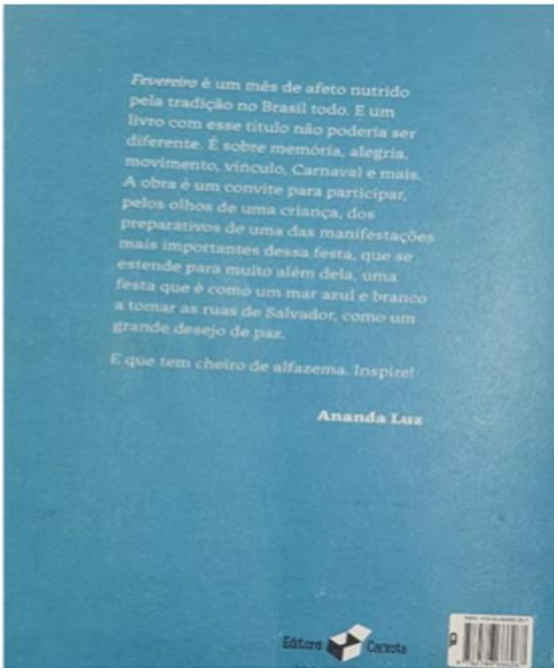
Logo na abertura do livro, Fernandes (2023) escreve: “Para Gilberto Gil, por sua voz e poesia”, mas ao final da obra, há uma carta para Gilberto Gil, nela consta toda a admiração da autora pelo cantor. A partir de um documentário *Tempo Rei* (1996), foi possível sentir o envolvimento do cantor pelo Afoxé Filhos de Gandhy. Em um trecho da carta escreve: “quando enfim pude associar as suas poesias e os seus relatos às minhas lembranças de afeto, surgiu o desejo de criar este livro, que narra um dia na vida dessa criança” (Fernandes, 2023, p. 43).

Figura 10 – Capa de *Fevereiro*



Fonte: Fernandes (2023)

Figura 11 – Quarta capa de *Fevereiro*



Fonte: Fernandes (2023)

A capa do livro estabelece, de imediato, o “pacto da leitura […] transmite informações que permitem apreender o tipo de discurso, o estilo da ilustração, o

gênero […] situando o leitor numa certa expectativa" (Linden, 2018, p. 57). A capa de *Fevereiro* como qualquer outro livro é "constituída pela primeira e a quarta capa. Elas podem ser independentes, mas, também, podem se relacionar formando uma única imagem, separada pela lombada em dois espaços distintos" (Linden, 2018, p. 57). Em *Fevereiro,* as capas são independentes e nos transportam ao cortejo do bloco 'Afoxé Filhos de Gandhy' nas ruas de Salvador, Bahia. Nele há todo um ritual acerca da religiosidade e da representatividade negra, todos os homens saem vestidos de branco e costumam borrifar aromas como alfazema ou lavanda, durante o evento, nas pessoas. Para eles, o perfume purifica e atrai boas energias na avenida como veremos na obra tudo tem um significado.

Durante o evento, as ruas de Salvador transformam-se em um lindo tapete branco, manifestação cultural de paz, inspiradas no líder político e espiritual indiano Mahatma Gandhi (1869–1948), o ativista indiano mundialmente conhecido por liderar os indianos na luta pela independência, contra os ingleses. Seguindo as raízes afro-brasileiras, o bloco tem cunho religioso de matriz africana. Em si, a obra de Carol Fernandes nos remete a singularidade da cultura africana, em específico a religiosidade, alvo de grande intolerância.

A resposta dada pelo bloco Afoxé Filhos de Gandhy à sociedade baiana se dá por meio do desfile de carnaval registrado (texto) e ilustrado (imagem) na obra. Para o grupo o carnaval é mesmo uma manifestação artística, que conta a história sociocultural de um povo. Quanto às guardas nas obras literárias, em específico no livro ilustrado, o leitor precisa estar atento, ser observador, porque elas, muitas vezes, são tão misteriosas que dificilmente não surpreendem o leitor.

> A primeira função das guardas é sobretudo material. Elas ligam o miolo à capa e recobrem a parte interna desta, de modo que poderiam se ater simplesmente à estrita funcionalidade, como nos romances. Se for esse o caso, em geral, ostenta sua neutralidade por meio da cor branca. No livro ilustrado, as guardas são em geral coloridas. Isso para conduzir o leitor a uma certa disposição de espírito. Na relação com o livro, trata-se de um momento importante, o da abertura em duas acepções: de um objeto de duas dimensões passando para uma terceira, e abertura do assunto. Daí vem o uso recorrente de cores escuras ou em contraste com a capa. Alguns criadores, particularmente preocupados com a coerência plástica do conjunto dos componentes do livro, e conscientes de que aberto numa página dupla sempre deixa aparecer um pedaço da guarda, escolhem cuidadosamente a cor de maneira a harmonizá-la com as tonalidades do miolo (Linden, 2018, p. 59).

As guardas em *Fevereiro* tanto a inicial, quanto a final exibem pinceladas em branco, prateado, azul e verde; à primeira vista, são muito parecidas com as ondas do mar, mas com uma observação mais atenta, fica mais evidente a presença de escamas de peixe.

Figura 12 - Guarda inicial e final do livro *Fevereiro*



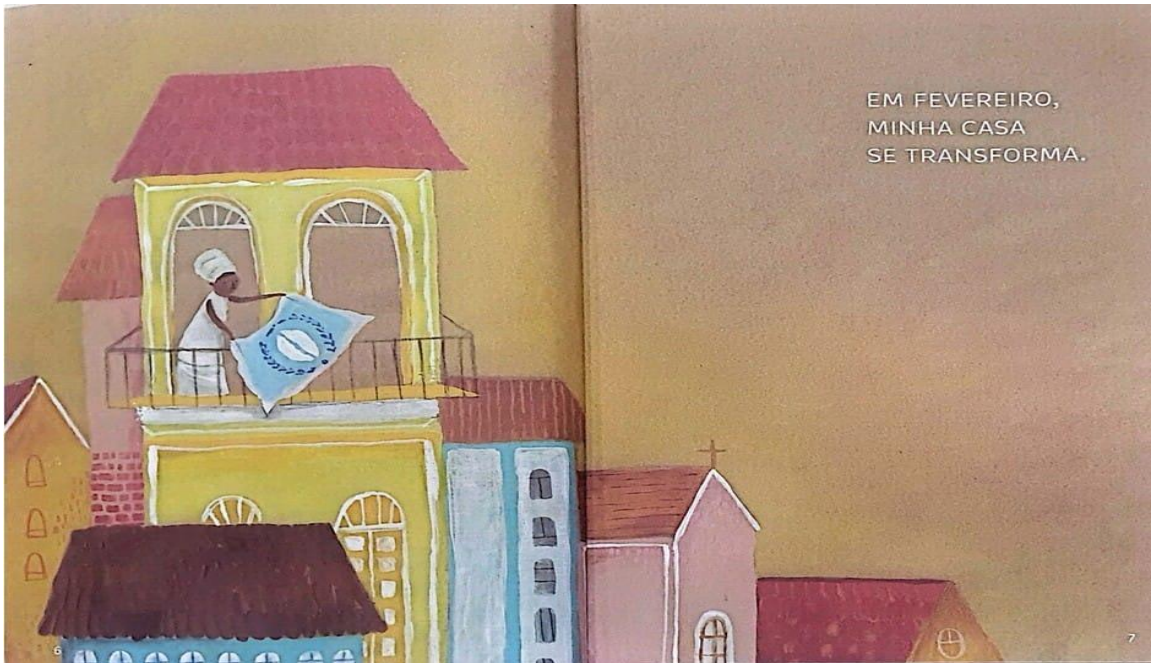
Fonte: Fernandes (2023)

Na obra, a relação com a cultura africana e a religiosidade está implícita nas guardas. Nelas está contida a presença da rainha das águas, Iemanjá, Odoyá, a orixá da religião Iorubá do Candomblé e/ou Umbanda, seu nome deriva da expressão Yé-yé Omó Ejá, que significa “mãe cujos filhos são peixes”.

A Iemanjá é a mãe dos orixás, a rainha do mar, protetora dos marinheiros, pescadores e jangadeiros, cuida dos lares e da família, é força da natureza.

Ainda, para Linden (2018, p. 59), as guardas podem apresentar-se “[...] de duas dimensões passando para uma terceira, e abertura do assunto”. As guardas relacionam-se com o conteúdo do livro sem transparecer a sua historicidade, o leitor pela posição exotópica (fora), que ocupa, pode ou não encontrar o acabamento, em que a imagem passa a ser o fio condutor do reconhecimento identitário e o caminho para a sua ancestralidade.

Figura 13 - Página Dupla do livro *Fevereiro*

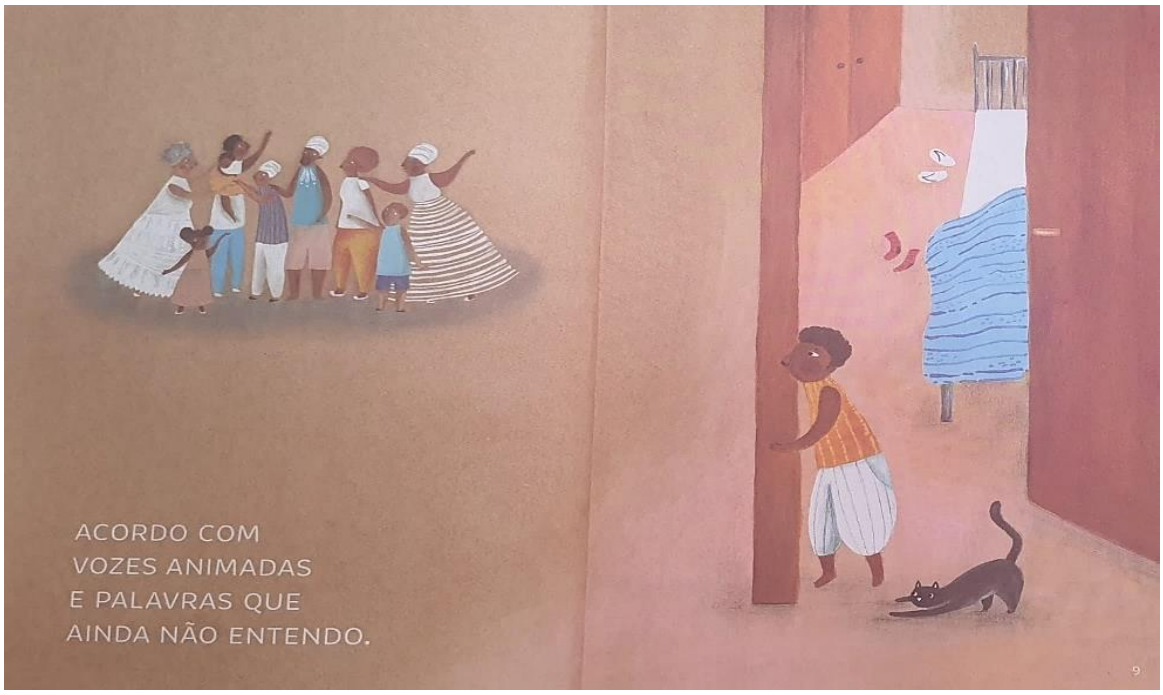


Fonte: Fernandes (2023, p. 06 - 07)

E é na arrumação da casa que se inicia o festejo. Conforme adentramos a obra, as páginas vão apresentando ao leitor a demarcação de tais escolhas da autora-ilustradora, conforme suas crenças e valores, remetendo-nos a “abstração da ação-ato singular […] daquele que pensa teoricamente, contempla esteticamente e age eticamente” (Bakhtin, 2020, p. 79). É nele, no festejo, que durante a ditadura militar, o bloco Afoxé Filhos de Gandhy encontrou refúgio. A festa de carnaval era o pretexto para celebrar a religiosidade, especificamente o Candomblé. As figurações sequenciadas são denotativas desta celebração. Assim, Fernandes apresenta a rua principal de Salvador em que a beleza arquitetônica abraça a obra, com seus coloridos casarões coloniais. Por se tratar de uma cidade fundada no século XVI, o seu estilo conta com influências Indígena, Africana e Europeia.

Em toda parte, podemos ver casarões com molduras nas janelas, falsos arcos entre outras formas arquitetônicas da época. Na abertura do evento aparece um homem negro, em uma sacada acenando com uma bandeira azul e branca. Nota-se que no centro da bandeira tem uma grande concha de búzios, símbolo da cultura africana e espiritualidade. A concha de búzios, além de ser considerada um amuleto de proteção, carrega muitos significados, representa a história, as tradições afro-brasileiras, bem como a sua identidade cultural e ancestral.

Figura 14 - Página dupla do livro *Fevereiro*



Fonte: Fernandes (2023, p. 08-09)

Levando isso em conta, no mês de fevereiro, a casa literalmente se transforma em festa. Na página 09, o protagonista, um menino negro, está em seu quarto e olha pela brecha da porta, tendo como companhia um gato preto. Parece que o menino tem dificuldade para compreender o que se passa ao seu redor, algo muito importante está acontecendo e ele está curioso.

O seu olhar está atento no encontro de seus familiares, crianças, adultos e os mais velhos. Nesse caso, a ilustradora amplia a imagem para o leitor focar no menino. No entanto, o verdadeiro foco está na página 08, em que a cena vai para além de uma simples confraternização familiar. Nota-se que todos os olhares estão sincronizados, direcionados para uma única pessoa, o “bebê”, no colo de seu provedor.

Em seguida, vemos que os braços de todos se estendem em sua direção, como se estivessem abençoando-o e agradecendo aos ancestrais por sua vida. As crianças, diferentemente do que ocorre em outras culturas, participam da celebração. Para o filósofo Bakhtin (2020, p. 89) “[...] toda consciência viva encontra os valores culturais como já dados a ela, e toda sua atividade se resume a reconhecer a sua validade para si”. Portanto, no existir-evento singular, posso

vivenciar a experiência cultural, já herdada pelos meus antepassados, porque esse “relacionar a experiência a mim como ativo tem um caráter valorativo-sensorial e volitivo-realizador e é, ao mesmo tempo, responsavelmente racial” (Bakhtin, 2020, p. 91).

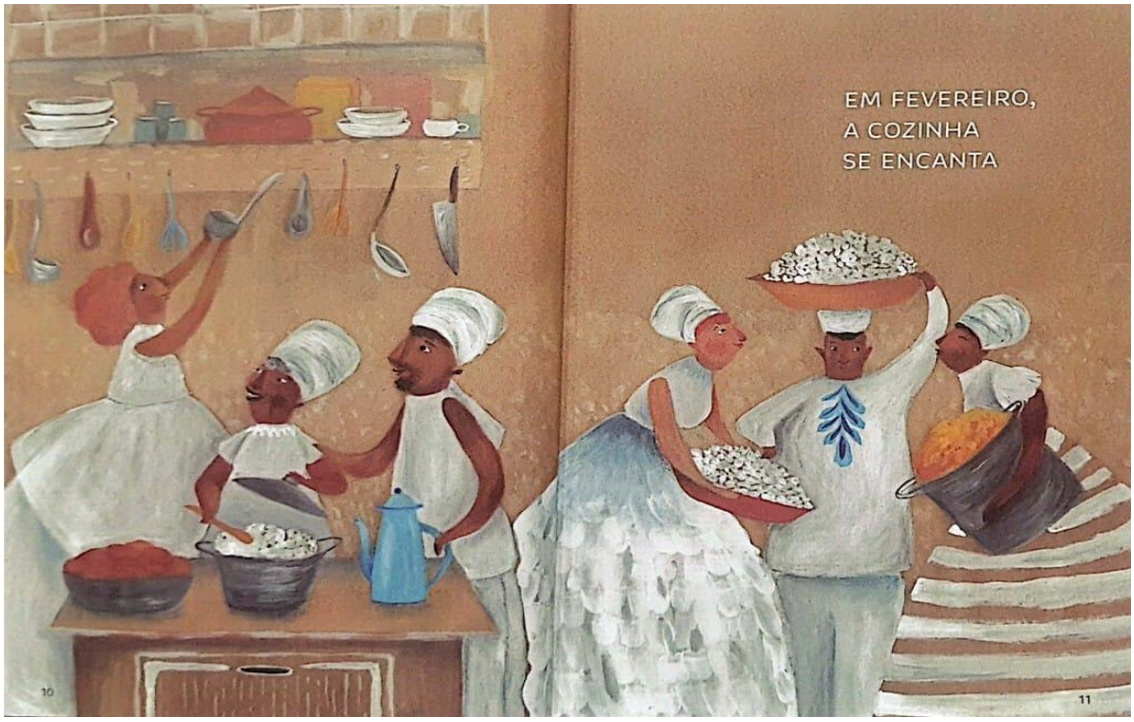
Fernandes (2023) consegue transpor a essência dessa festa familiar, resgatando a memória ancestral por meio de diversos elementos. “Em fevereiro a cozinha se encanta”, a cozinha se encanta por fazer os alimentos, mas também se torna um ente vivo, e se encanta por aqueles que estão fazendo o seu alimento.

Na página 10, as ilustrações nos remetem a uma cozinha ancestral com pratos e panelas logo acima do fogão num suporte de alvenaria com talheres pendurados como nos casarões antigos. Ali encontramos dois homens negros vestidos com calças e camisas brancas, na cabeça carregam o turbante ao lado uma mulher negra, saia rodada e comprida, roupas brancas de celebração.

A baiana pega uma concha, enquanto um homem usa uma colher de pau para mexer os alimentos; o outro homem está segurando um bule de café com uma das mãos e a outra está em cima do braço do colega num ato de respeito e apoio ao trabalho realizado. Já na página 11, temos duas baianas segurando nas mãos duas travessas cheias de alimento, e um homem com uma bacia de pipocas na cabeça; todos almejando sair. A família toda se reúne em volta do fogão para cozinhar, preparando delícias gastronômicas como o acarajé, o vatapá e a pipoca.

Na cultura de origem africana, o ato de cozinhar está ligado à espiritualidade, e alguns pratos típicos da culinária são oferendas aos Orixás. Assim, a gastronomia torna-se ritualística, valorizando a natureza, e a Mãe Terra que gesta e concebe essa alimentação. O alimento que nutre o corpo, nutre os Orixás, nutre a alma. Assim, fortalece o reconhecimento identitário de todos. Nessa conexão ancestral, cada gesto tem um significado, desde as roupas usadas pelas baianas e pelos homens, até os ritos passados de geração em geração.

Figura 15 - Página dupla do livro *Fevereiro*

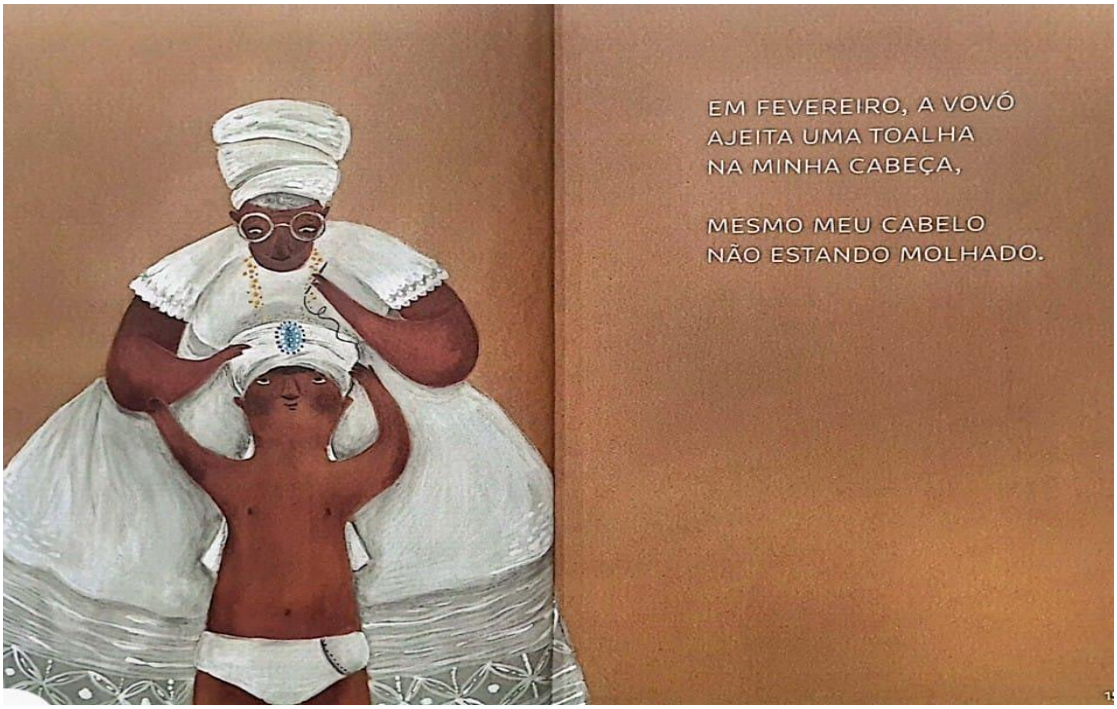


Fonte: Fernandes (2023, p. 10-11)

Todo alimento tem um significado. A pipoca, por exemplo, “é uma comida de santo do Orixá Obaluaiê, mas também é um importante catalisador de energias negativas – eles atribuem ao milho o poder de sugar as energias dissonantes” (Viana, 2022, p. 182). Logo na página abaixo, a matriarca da família está com seu neto, pois “em fevereiro, a vovó ajeita uma toalha na minha cabeça, mesmo meu cabelo não estando molhado” (Fernandes, 2023, p. 14).

A vovó coloca em sua cabeça uma toalha branca, mas não é uma simples toalha. Conforme essa toalha, com toda amorosidade, vai sendo costurada em sua cabeça com agulha e linha, eles se olham e, intrinsecamente, naquele momento, parece que se vai tecendo memórias, histórias e valores ancestrais, vai se concretizando um ritual de passagem, em que o menino passa a compreender e a ressignificar a sua história.

Figura 16 - Página dupla do livro *Fevereiro*



Fonte: Fernandes (2023, p. 14-15)

A roupa do festejo é composta de vários adereços, além do turbante com broche, temos os colares e guias, um bracelete chamado *contra-egum*; um frasco de perfume; um lençol já ajustado no corpo com fitas, luvas; meias e sandálias. Conforme Viana[18],

> Na frente do lençol vem estampado o tema do ano. O lençol, em sua origem, como vimos, foi uma homenagem ao pacifista indiano Gandhi e seus trajes que representam a humildade. A cor, branca, simboliza pureza, limpeza astral, sendo uma das cores do orixá Oxalá (Viana, 2022, p. 184).

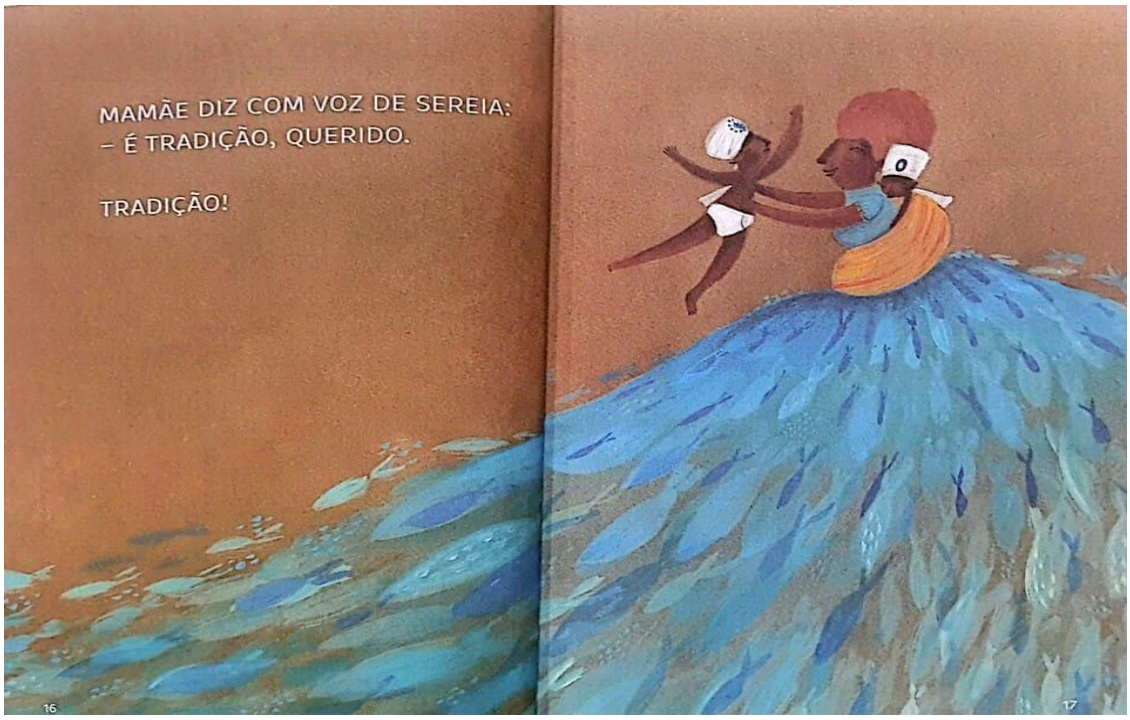
O traje é composto pelas cores branca e azul, representando as cores dos Orixás. Nesse contexto, o pequeno folião vai descobrindo, gradualmente, com a paciência dos mais velhos, a religiosidade, costumes e valores passados de geração em geração.

---

18 Fausto Viana, Universidade de São Paulo.

É professor de cenografia e figurino na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP) desde 2003. É bacharel em Artes Cênicas pela USP (1992), onde também obteve seu mestrado (2000) e doutorado (2004). Obteve outro doutoramento em Museologia (2010), na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Portugal.

Figura 17 - Página dupla do livro *Fevereiro*



Fonte: Fernandes (2023, p. 16-17)

A escritora retoma a Iemanjá em que o texto e a imagem remetem a uma sereia. No texto, a sereia é mencionada, enquanto nas imagens temos uma mulher negra vestida com uma saia comprida belíssima, formando uma espécie de cauda rendada, tom sobre tom entre as cores azul, branca, verde e prata. As ilustrações trazem, assim, uma fluidez que temos a impressão de estar vendo um riacho cheio de peixes. Nessa circunstância, o texto diz “é tradição, querido. Tradição!”. A mãe se transforma em sereia, e a palavra tradição vem com a sonoridade de um canto de sereia, com a força e as raízes ancestrais. E essa mãe amorosa, honra as suas raízes, os seus mais velhos, a vida. Nas ilustrações, essa mãe segura pelos braços o menino amado e nas costas, enrolado por um tecido laranja e amarelo, carrega um bebê.

Essa família se mostra ao leitor cada vez mais comprometida com as tradições e a educação das crianças desde a primeira infância. É notório, portanto, que a herança ancestral é ressignificada pelo Afoxé Filhos de Gandhy. Nas ilustrações da página dupla, a seguir, temos várias gerações, participando das tradições, o bisavô, o avô, o pai e seus filhos, todos vestidos a caráter e “em

fevereiro a festa desce do armário" (Fernandes, 2023, p. 19). Vamos percebendo o quanto a festa de carnaval foi instituída pelos Filhos de Gandhy como uma celebração familiar que valoriza os membros mais velhos pela ancestralidade e, por meio dos Orixás, conecta e ressignifica a vida dos jovens.

Figura 18 - Página dupla do livro *Fevereiro*



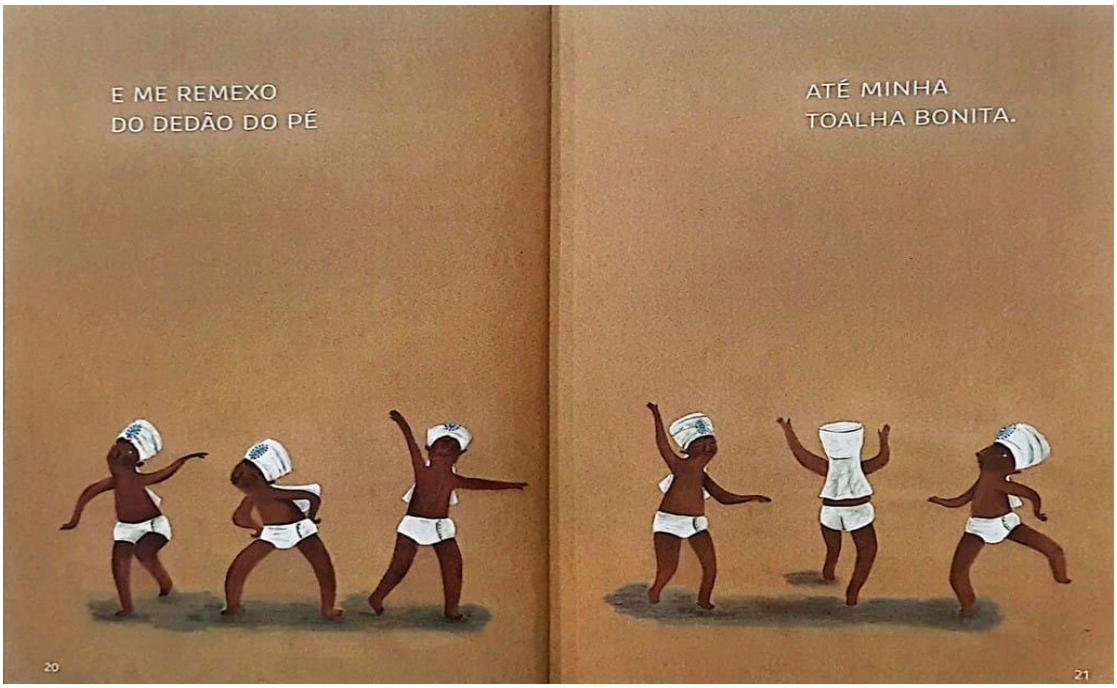
Fonte: Fernandes (2023, p. 18-19)

Nessa composição, as ilustrações trazem os Filhos de Gandhy prontos para o festejo, os instrumentos musicais possuem o dom de invocação aos Orixás, eles representam o cuidado e a força da natureza.

É importante acentuar que os instrumentos musicais são utilizados em cerimônias e rituais, por ajudarem a invocar os Orixás e a manterem a conexão com o sagrado. Carol Fernandes apresenta o Atabaque, um instrumento de percussão; o agogô, outro instrumento de percussão de metal com duas campanas; o xequerê, um instrumento feito de uma cabaça coberta com uma rede de miçangas ou sementes que é sacudido e tocado em conjunto com os atabaques.

Cada instrumento adiciona uma textura rítmica ao batuque. O canto, a música, a dança são formas de voltar as raízes; tudo faz parte das tradições e nela que se cultua e homenageia os orixás. Na figura 19 a seguir, veremos o quanto essa religiosidade perpassa pelo corpo em movimento.

Figura 19 - Página dupla do livro *Fevereiro*



Fonte: Fernandes (2023, p. 20-21)

O protagonista dança, canta, assobia feliz em saber que participará com toda família dos festejos, evento étnico, único e singular. Em cada movimento o ritmo do batuque atravessa a aura negra, e a dança (re)conecta aos antepassados, enquanto a sensação de alegria transcende corpo e alma.

Nesse momento emotivo-volitivo, de alegria, podemos concluir como “o primeiro momento da atividade estética, é a compenetração: eu devo vivenciar – ver e inteirar-me – o que ele vivência, colocar-me no lugar dele, como que coincidir com ele [...]” (Bakhtin, 2011, p. 23). Conforme a filosofia da linguagem, esse percurso de se colocar no lugar do outro é permitir-se ter o excedente de visão.

> O conceito de excedente de visão, contudo, não ocorre em Bakhtin apenas no contexto de sua estética. Sua reflexão sobre o princípio criativo fundamental leva-o a desenvolver uma complexa filosofia da alteridade (cf., em especial, seu texto Para uma filosofia do ato responsável). O conceito de excedente de visão vale, assim, também para suas reflexões sobre a vida e participa de uma articulação de coordenadas que fundamentam sua filosofia geral: a singularidade de cada um, a alteridade, a interação. E, ao articular por dentro essas coordenadas, Bakhtin sustenta toda uma ética. É no excedente de visão – em seu sentido, pressupostos e consequências – que vamos encontrar o chão comum para a estética e a ética em Bakhtin (Faraco, 2011, p. 24).

Ainda, para haver atividade estética, o leitor deve retornar a si e voltar ao seu próprio lugar de fora do evento, assim ocorre o momento de objetivação, em que o leitor se posiciona de forma valorativa.

Figura 20 - Página Dupla do livro *Fevereiro*



Fonte: Fernandes (2023, p. 22 a 29)

Nessa sequência, temos quatro páginas duplas em que podemos verificar o desaguar de um lençol branco. A ilustradora trabalha com a diversidade e a flexibilidade para intrigar o leitor que, atento, consegue perceber que o mesmo lençol perpassa pelas quatro páginas no mesmo tempo/espaço, tecendo a narrativa.

Figura 21 - Página Dupla do livro *Fevereiro*



Fonte: Fernandes (2023, p. 22 a 29)

Dessa forma, o “[...] o livro ilustrado é o espaço de todas as possibilidades” (Linden, 2018, p. 67), e, assim, compreendo o porquê de se chamar diagramação esse processo de organização dos elementos textuais e imagéticos de um livro. Nesse caso, chamamos de imagem sangrada, a forma como a imagem ocupa toda a extensão da página, chegando até as bordas.

> A diversidade formal do livro ilustrado não oferece tipos de organização fáceis de classificar, o que vemos acima é um tipo de diagramação chamada de dissociação na qual “o texto é geralmente impresso sobre um fundo homogêneo. A imagem, por sua vez pode “sangrar” no espaço da página ao lado como (caso mais frequente), ou ser emoldurada (Linden, 2018, p. 67).

Na primeira página dupla (22 e 23) temos enquadrado dois homens negros escolhendo qual parte do lençol será usada para a confecção do traje “em fevereiro o branco forra a entrada” (Fernandes, 2023, p. 23). Nesse sentido, fica evidente que o branco para o Afoxé Filhos de Gandhy significa paz, e boas energias. Em fevereiro, quando os Filhos de Gandhy passam, formam um tapete branco nas entradas das casas, por isso o branco forra a entrada.

Figura 22 - Página Dupla do livro *Fevereiro*



Fonte: Fernandes (2023, p. 22 e 23)

Na segunda página dupla (24 e 25) duas crianças estão lendo debaixo de um lençol como se fosse uma tenda ou barraca de acampamento. Logo ao fundo, em destaque, há uma janela aberta, temos a visão do mar agitado, o céu azul com algumas nuvens brancas e um farol nas cores branca e vermelha. Salvador possui alguns faróis, mas com essas características apenas o farol de Itapuã, que é um marco arquitetônico da cidade de salvador. Na ilustração, é possível observar uma luz amarela intensa saindo do farol, apesar de ser durante o dia.

O farol é fundamental para os navegadores, orienta os marinheiros, os navegantes por prevenir possíveis acidentes e colisões dos navios que ali atracam, símbolo de orientação e proteção. Se pensar que a segurança de um povo está na sua ancestralidade, os mais velhos, são tal como o farol, que conecta terra e mar. Se o farol é o ponto focal de luz, os mais velhos, metaforicamente, conectam o passado e o presente, o corpo e o espírito, são a um só tempo orientação e proteção. Os anciões são os guardiões da sabedoria ancestral.

Por essa vertente, quando as ilustrações são delimitadas, como a janela da página 25: “ao delimitar um espaço narrativo, ela assimila uma fronteira entre a ficção e a realidade” (Linden, 2018, p. 74). Na imagem não temos necessariamente uma borda, mas a imagem que de certa forma traz uma moldurada sutil, a iluminação em pastel e azul faz transcender a narrativa. Por olhar desapercebido, menos atento, temos a ilusão de ótica de estar vendo apenas um retrato na parede, uma fotografia, e não uma janela real e metafórica para a vida da geração mais nova.

Figura 23 - Página dupla do livro *Fevereiro*

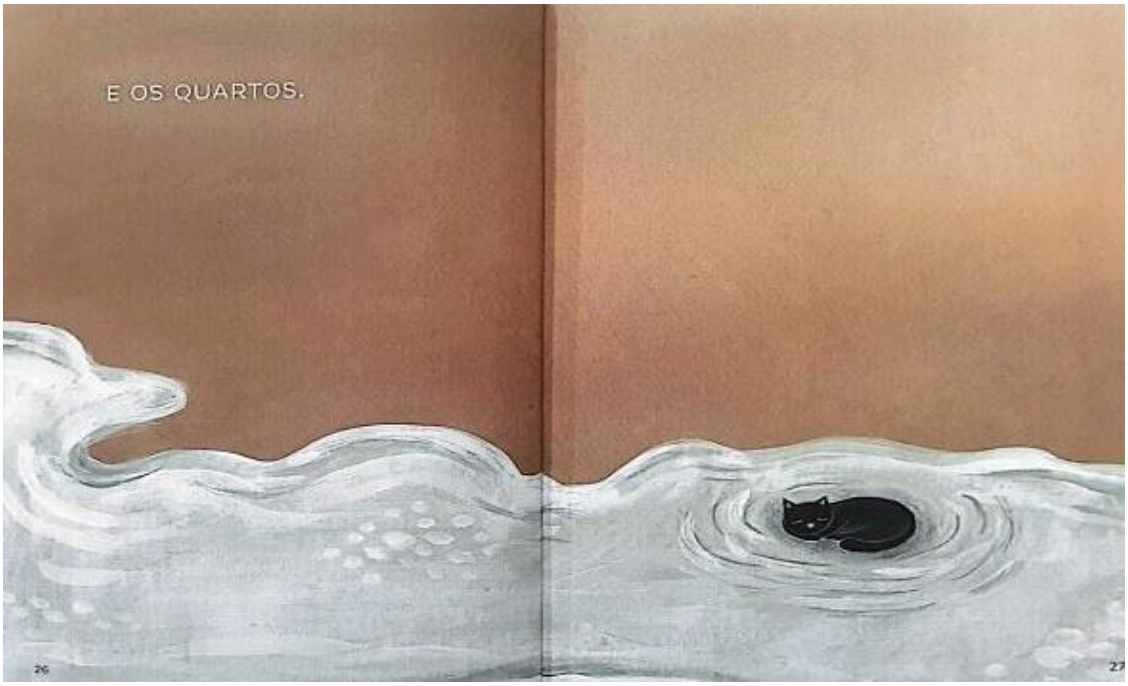


Fonte: Fernandes (2023, p. 24 e 25)

Linden (2018, p. 72) nos revela que: “Esse tipo de moldura efetua aproximações com a fotografia, mas, principalmente imita um antigo efeito cinematográfico que consistia em começar ou terminar um plano com abertura, ou fechamento de íris”. Também se encontra envolta dessas janelas “Traços de movimento ou efeitos de vaporosidade [que] tentam trazer para a imagem o registro da ação, ou ainda a passagem do tempo. Nesses esforços para adquirir temporalidade e movimento, a imagem fixa aspira à imaginação”. (Linden, 2018, p. 105).

Em seguida, na terceira página dupla (26 e 27) vemos um lençol branco que atravessa o quarto, suavemente pelo chão. Sobre ele o mesmo gato da página 9 dorme serenamente. Os gatos são seres espiritualizados, afastam as más energias da casa, e são protegidos por um orixá. Esse lençol, que será usado como traje pelos Filhos de Gandhy, não é apenas um tecido; ele carrega a memória, o aprendizado, a história e a cultura de um povo. É o fio que liga o passado ao presente, e, ao ser utilizado, significa e ressignifica para os mais jovens o seu reconhecimento identitário.

Figura 24 - Página dupla do livro *Fevereiro*



Fonte: Fernandes (2023, p. 26 e 27).

Já na quarta página, a 28, temos de um lado duas crianças brincando no chão com a ponta do lençol, um menino e um bebê. Assim, o leitor vai percebendo que em toda a narrativa há a presença de crianças que representam, em si, a continuidade da cultura, da história de um povo, concluindo, no conjunto, a sequência da página sangrada. Nessa sequência, vemos nas quatro páginas duplas, conforme dito anteriormente, em que o lençol passa pelos espaços entre as páginas anunciando a continuidade da narrativa, podendo-se verificar que todas as páginas apresentam um fundo homogêneo, dando ênfase ao texto.

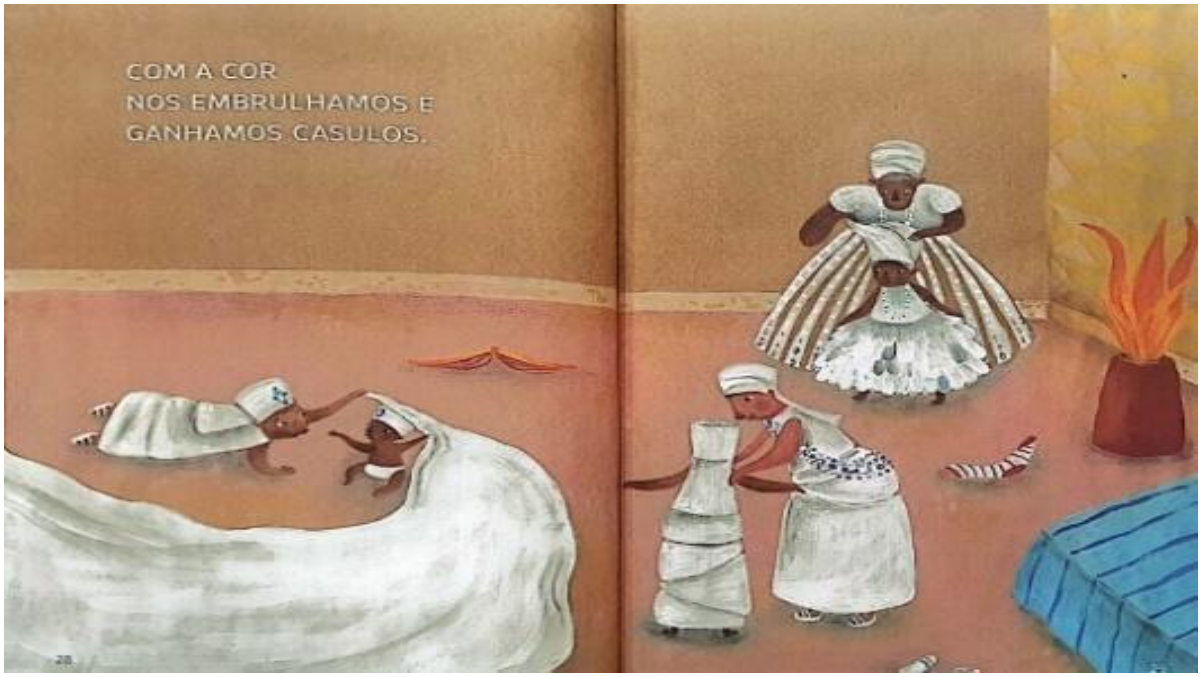
> Os livros ilustrados também trazem imagens que sangram a margem do livro, preenchendo integralmente o espaço da página ou da página dupla, o que gera muitas vezes uma espécie de “espetacularização”, em particular nos grandes formatos.[...] Quando o livro ilustrado propõe uma sucessão de imagens sangradas, a página dupla pode então ser assimilada a uma tela: o suporte é uma moldura invariável sobre a qual se estendem as representações.[...] As imagens sangradas causam essa impressão de poderem se estender para além da página dupla (Linden, 2018, p. 73-74)

Somente percebi essa sucessão de imagens sangradas, quando me detive no enquadramento das páginas que, a depender do formato das ilustrações e do tamanho do livro ilustrado, podem passar despercebidas.

Na página 28, a cena do quarto continua: “com a cor nos embrulhamos e ganhamos casulos”. Esse contexto remete a borboletas em que o casulo é um lugar seguro onde ocorre a metamorfose, ou seja, a transformação. O embrulhar-se na cor branca pode simbolizar o envolvimento em uma camada de proteção espiritual, renascer. Conforme as religiões de matriz africana, o branco é símbolo de pureza, paz, transformação, renascimento e proteção espiritual.

Na página 29, com cuidado e delicadeza, homens, mulheres e crianças se arrumam para a festa. Uma mulher vestida de baiana costura o turbante de uma menina; no mesmo ambiente temos um homem dando os últimos toques na roupa de um menino. Assim, cada peça de roupa e acessório são ajustados, como se prepara o corpo para um ritual sagrado. Porém, as crianças e mulheres participam da organização do evento, no entanto, o bloco Afoxé Filhos de Gandhy desde a sua fundação, é composto somente por homens, as mulheres auxiliam na organização e na alimentação dos foliões, durante toda a festa.

Figura 25 - Página dupla do livro *Fevereiro*



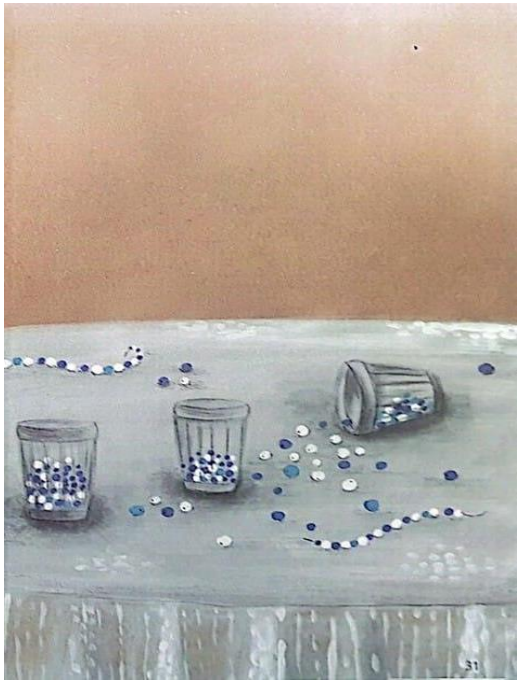
Fonte: Fernandes (2023, p. 28 e 29)

No chão próximo as crianças brincando, vemos um livro. Provavelmente, as crianças estavam lendo na página dupla anterior. Essa sucessão de páginas duplas dá a sensação de continuidade, o mesmo tempo e espaço. Essa expressão temporal, “[...] reside na capacidade que a imagem tem de criar a ilusão de duração [...]” (Linden, 2018, p. 102). Todavia, o que vemos nas páginas duplas (22 a 29) é esse movimento, essa temporalidade e espaço são definidos pelas imagens sequenciais.

> Quando duas imagens se relacionam, surge a possibilidade de expressar uma progressão. Ao ligar, por meio da leitura, uma imagem à seguinte, o leitor as inscreve dentro de uma continuidade. Mais que isso, imaginando o que ocorre entre as duas, ele preenche o lapso temporal [...] O recurso da sequencialidade se impõe como uma ferramenta à disposição dos criadores de livros ilustrados que não hesitam em recorrer a ela de acordo com suas necessidades. (Linden, 2018, p. 107)

Dessa maneira, cabe ao leitor observar essa organização sequencial, que pode ocorrer em diferentes locais, personagens, molduras, cenários, plano de fundo. “Cabe observar, porém, a destreza com que os criadores desses livros se apropriam da linguagem sequencial [...]” (Linden, 2018, p. 107-108).

Figura 26 - Página do livro *Fevereiro*



Fonte: Fernandes (2023, p. 31)

Figura 27 - Página do livro *Fevereiro*



Fonte: Fernandes (2023, p. 32)

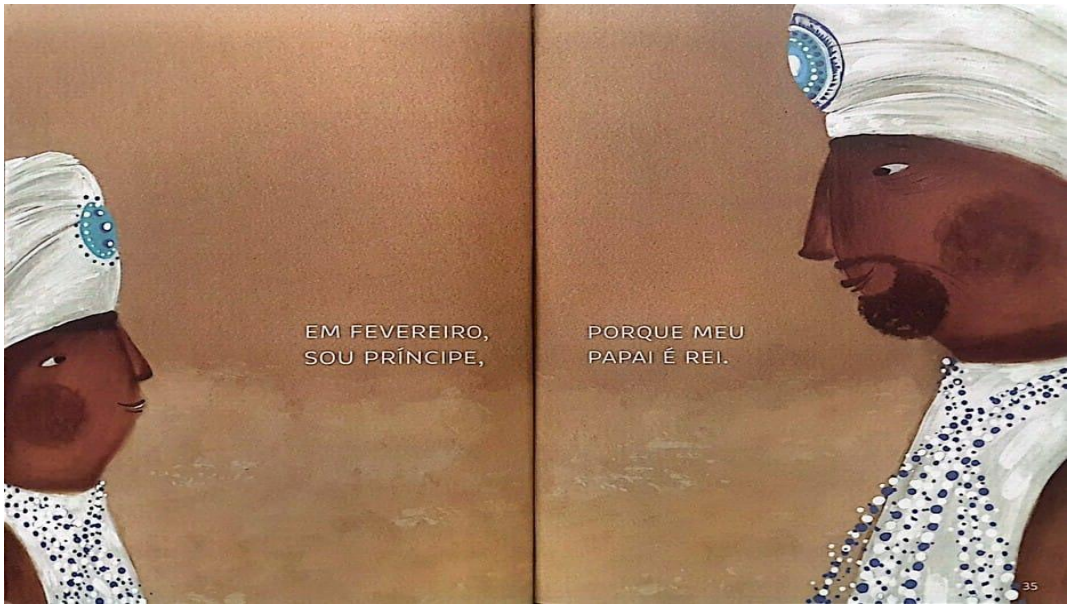
Na página 31, em cima da mesa, encontram-se espalhadas diversas contas azuis e brancas de grande relevância para a cultura da família do menino. “Os colares, nas cores azuis e brancas, são uma reverência aos orixás Oxalá e Ogum.

Durante o desfile, os colares têm um significado além daquele de simplesmente compor um figurino ou vestir uma fantasia" (Adeílson, 2012, p. 2019).

Na página 32, o tio está sentado em uma cadeira majestosa, geralmente essas cadeiras são utilizadas pelo Pai de Santo, homem ou mulher que tem a sabedoria ancestral e é responsável por todas as demandas religiosas do terreiro, cuida dos seus e dos orixás. Com o sobrinho sentado sobre seu colo, inicia a confecção de um colar. De um lado temos o fio e do outro o menino com um copo que deixa transparecer as contas azuis e brancas. Em outra página aparece somente o texto "mas titio ajuda soprando uma canção antiga" (Fernandes, 2023, p. 33).

Ora, o tio passa a ser como os *griots* utiliza das cantigas, histórias antigas para rememorar os antepassados. Daquele momento em diante, o Afoxé Filhos de Gandhy, tornam-se príncipes e reis, como na imagem seguinte.

Figura 28 - Página Dupla do livro *Fevereiro*



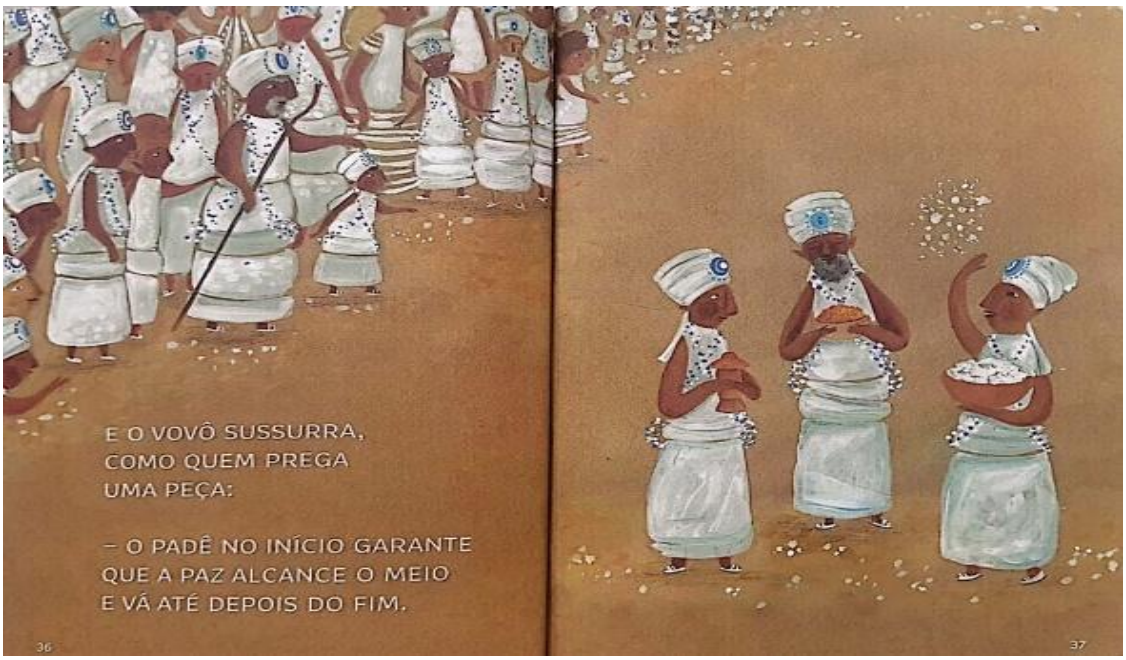
Fonte: Fernandes (2023, p. 34-35)

Um dos momentos únicos na obra é representado por essa imagem.

A transição de valores e crenças é passada de pai para filho. Nela, a espiritualidade, a religiosidade e etnia se entrelaçam, revelando o vínculo profundo de gerações. No olhar entre o pai e o filho há um reconhecimento mútuo em que ambos enxergam a importância dos mais velhos, da ancestralidade. Na filosofia da

linguagem, a autoavaliação e a autoconsciência só são possíveis na presença desse outro, que constitui e me completa.

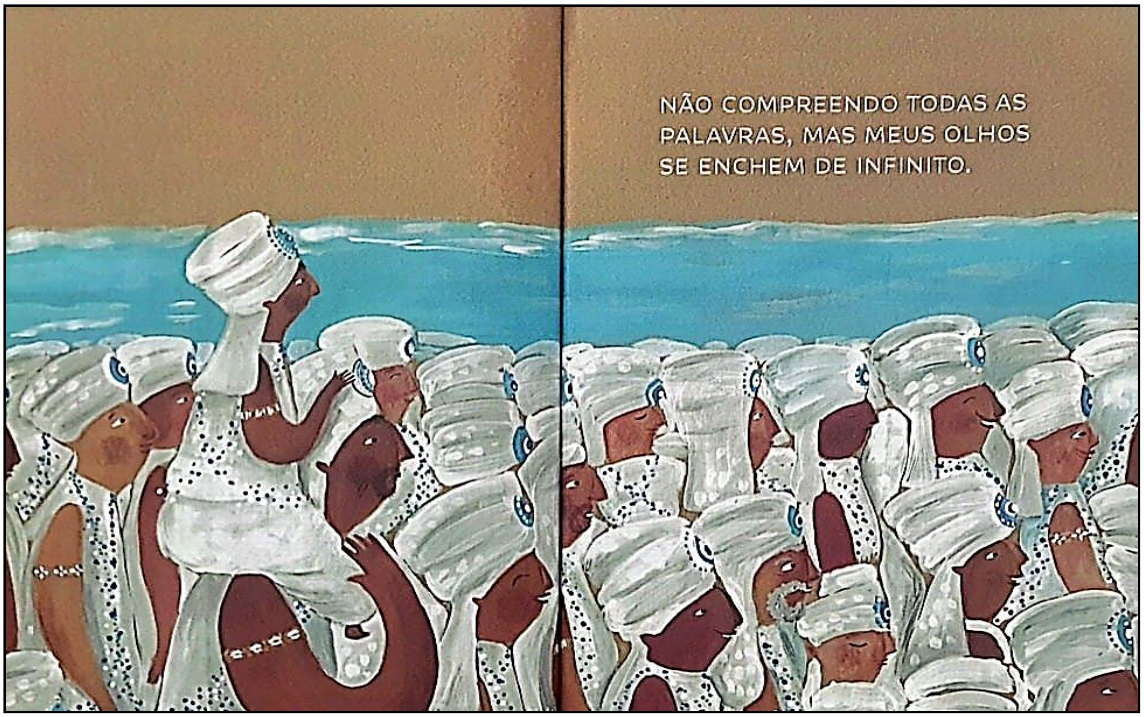
Figura 29 - Página dupla do livro *Fevereiro*



Fonte: Fernandes (2023, p. 36-37)

Todo início de festa os foliões do bloco, o afoxé Filhos de Gandhy, executam a mesma cerimônia de abertura, “e a vovó sussurra, como quem prega uma peça: o padê no início garante que a paz alcance o meio e vá até depois do fim” (Fernandes, 2023, p. 36). Nesse sentido, o padê citado pela escritora é “[...] uma oferenda para abrir os caminhos e para que tudo transcorra em paz e harmonia” (Viana, 2022, p. 179). Também para garantir um percurso de harmonia e paz. Alguns participantes jogam pipoca na avenida, como vemos nas ilustrações e outros soltam pombas brancas durante o percurso, simbolizando a paz.

Figura 30 - Página dupla do livro *Fevereiro*

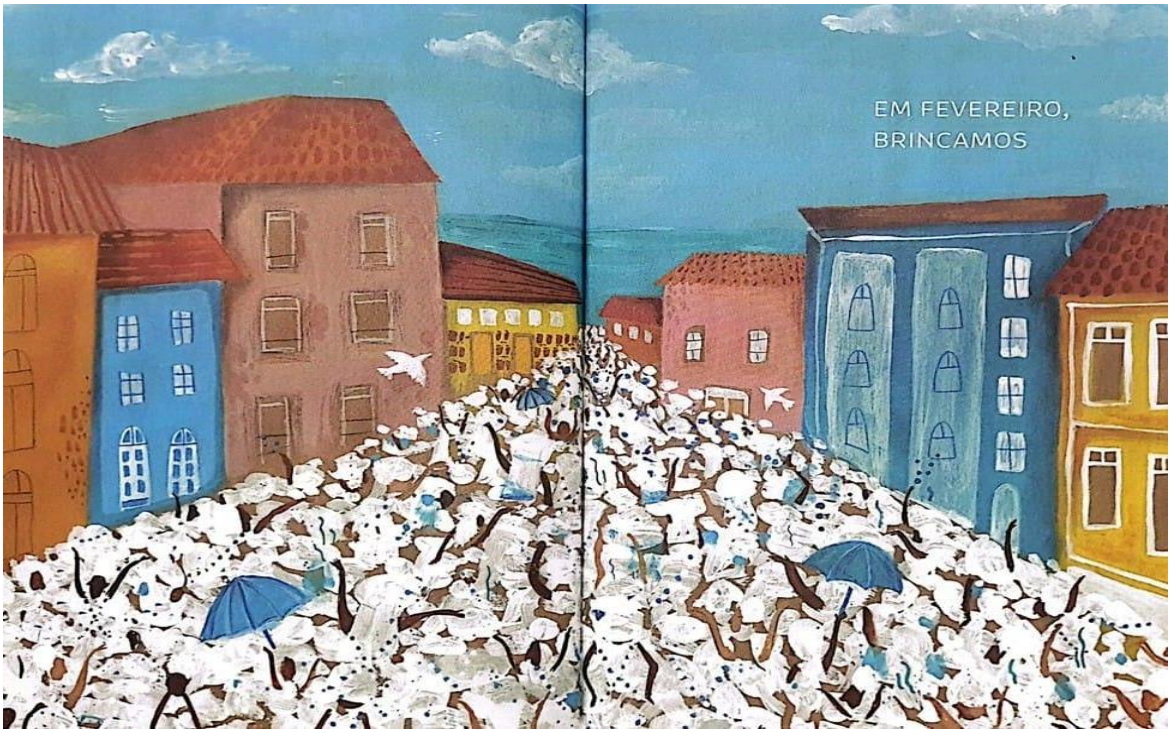


Fonte: Fernandes (2023, p. 38-39)

Desse modo, começa o cortejo como um mar azul e branco, as crianças também participam, o menino, como o nosso protagonista, já está em cima das costas do seu pai, ele pensa poeticamente “não compreendo todas as palavras, mas meus olhos se enchem de infinito” (Fernandes, 2023, p. 39). O pequeno protagonista segue o cortejo com o seu pai e seus familiares, como os mais velhos cantam muitas vezes na língua Iorubá, ele não compreende todas as palavras, mas sente a emoção.

Segundo Viana (2022), além de trazer as pombas brancas para soltar durante a festa para representar a paz, também estava presente em algumas das festividades um camelo símbolo de força e resistência, além de um elefante que simboliza a resistência de Gandhi contra os ingleses.

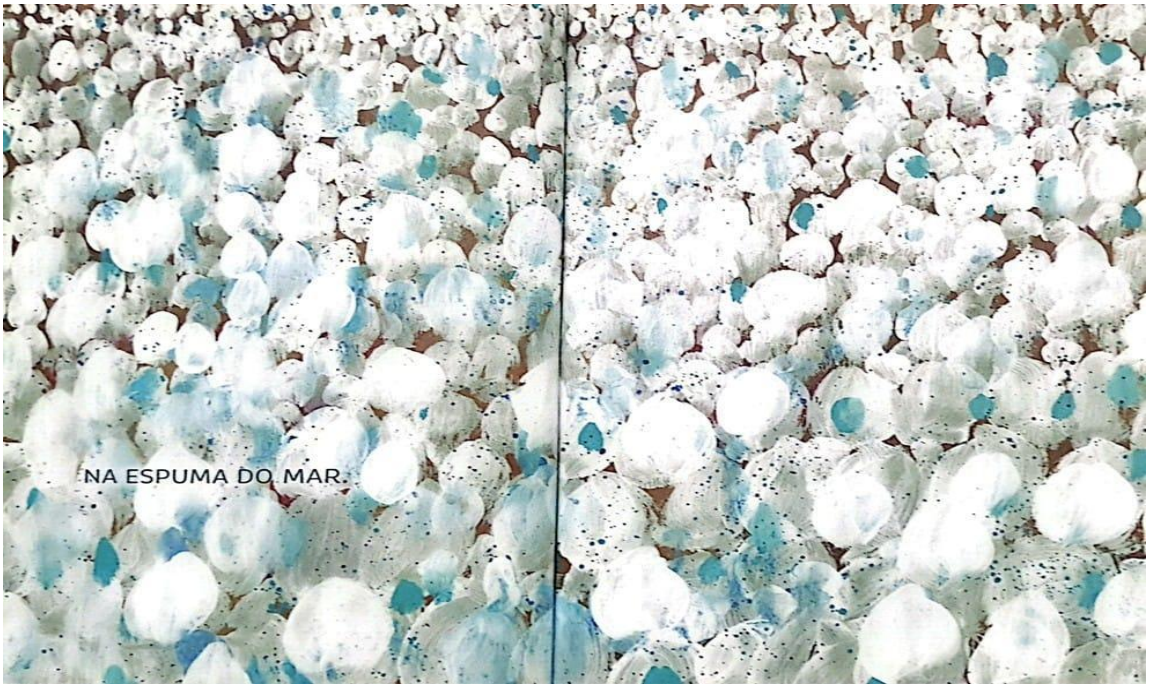
Figura 31 - Página dupla do livro *Fevereiro*



Fonte: Fernandes (2023, p. 40-41)

Para as crianças “em fevereiro brincamos” (Fernandes, 2023, p. 41). A escritora e ilustradora Carol Fernandes em seu livro ilustrado *Fevereiro*, portanto, nos transporta para dentro da folia de carnaval na cidade de Salvador, Bahia, com o Afoxé dos Filhos de Gandhy. Nesta linda página dupla, que por sua vez também é a capa do livro, é tomada pela música, dança e o cortejo de carnaval, passa a ser uma festa também religiosa. E a avenida se transforma em cores, cheiros e valores; como o respeito às tradições, os foliões erguem os braços para festejar a paz e agradecer aos orixás.

Figura 32 - Página dupla do livro *Fevereiro*



Fonte: Fernandes (2023, p. 42-43)

Como o cortejo vai em direção ao mar, a escritura termina a obra com a frase “na espuma do mar” e, assim, retornamos ao início do livro. E fica a pergunta: o que ainda podemos encontrar nas águas de Iemanjá? É perceptível o quanto a escritora e ilustradora Carol Fernandes se inspirou na cidade de Salvador e em especial no carnaval e no bloco Afoxé Filhos de Gandhy para enredar essa obra. A benção dos Orixás parece estar sobre ela.

A autora utilizou a diversidade e a flexibilidade, na maioria de suas páginas o fundo é neutro, o que possibilitou uma maior dimensão de temporalidade. A linguagem verbal e visual conduz a narrativa magistralmente. Um menino negro passa a ter conhecimento sobre a importância da tradição, do pertencimento e da memória coletiva e ancestral. Por fim, vale dizer que além da boniteza da obra em si, existe uma conexão profunda entre a espiritualidade, a ancestralidade e a etnia.

4.1.2 Se eu fosse uma CASA

Embora seja uma obra de literatura infantil, o contraste do texto poético e das ilustrações de Carol Fernandes, trazendo em seu contexto memórias de

infância, toca profundamente em qualquer adulto. Os enunciados nos remetem a situações do cotidiano que atravessam a vida de uma criança deixando cicatrizes. No livro a autora dialoga com o leitor sobre como seria “se eu fosse uma CASA”. A obra foi gestada em 2020, durante o período do afastamento social causado pela pandemia.

> Em março de 2020, de tanto reparar nas paredes que me cercavam - e que também me fitavam -, uma pergunta passou a povoar, insistentemente, meus pensamentos de confinada: e se eu fosse uma casa? A partir daí, outras palavras, acompanhadas de seus significados, seus sons, e suas imagens, ocuparam papéis e desejos, resgataram memórias e encontraram outras moradas com a Tuya. Assim, nasceu este livro ilustrado (Fernandes, 2021).

Ao tocada pela obra, analiso o percurso da história da casa, em relação às minhas próprias memórias de infância, que podem ser semelhantes ou diferentes das suas, leitor. Somos sujeitos singulares e temos a […] “constituição da subjetividade e da consciência, as questões da peculiaridade da palavra literária, o característico da linguagem verbal e sua relação com outros sistemas sígnicos […]” (Miotello, 2018, p. 167). Nesse caso se nota como os signos estão intrinsecamente presentes na obra, desde a técnica utilizada, a linguagem verbal e imagética.

Em consonância com os estudiosos da filosofia da linguagem, podemos encontrar dois tipos de ideologias, a “ideologia oficial” tida como dominante, que apresenta uma concepção individualista, portanto única, como ideia já prescrita e posta. E a ideologia outra, que para o círculo Bakhtiniano é a “ideologia do cotidiano”, aquela “[…] que brota e é constituída nos encontros casuais e fortuitos, no lugar do nascedouro dos sistemas de referência, na proximidade social com as condições de produção e reprodução da vida” (Miotello, 2018, p. 169). Contudo, a ideologia do cotidiano ocorre somente no processo de interação, no diálogo entre os sujeitos.

Se o signo ideológico está impresso na obra, pois nele a autora expressa valores e sentidos sócio-históricos da sua realidade cotidiana, adquirida pelas trocas dialógicas, com outros sujeitos em seu meio social, podemos dizer que a ideologia do cotidiano, que se opõe como contra palavra à ideologia oficial, também está impregnada no conjunto da obra *Se eu fosse uma CASA*.

Linden (2018, p. 51) expressa “ [...] convém ter em mente a diferença entre a intenção dos ilustradores e as exigências ligadas à fabricação e comercialização”,

posto que a literatura infantil “alcança o seu público principalmente por meio de mediadores [...]”. É nessa condição também de mediadora de obras sobre a ancestralidade literária e de conteúdo contribuidor ao reconhecimento identitário das crianças negras, que analiso a obra. É certo que a linguagem verbal e a linguagem visual podem se relacionar a um lugar valorativo em um determinado contexto e grupo social, portanto, o “ponto de vista, o lugar valorativo e a situação são sempre determinados sócio historicamente.” (Miotello, 2018, p. 170).

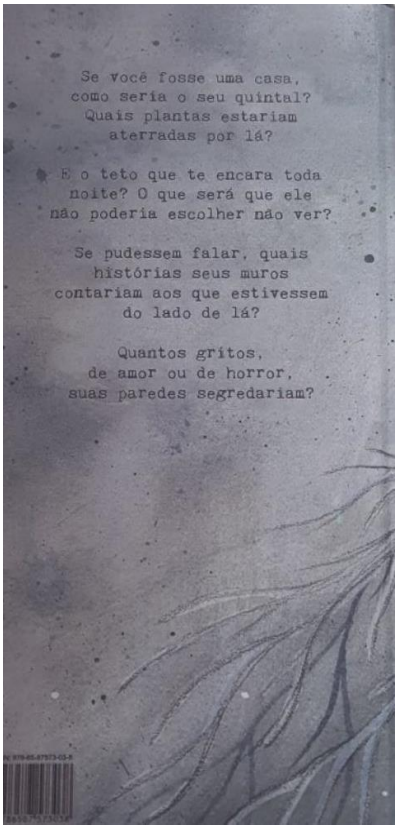
Ao folhear a obra e começar a leitura, me coloco nesse grupo já determinado por todo um sistema capitalista, excludente e embranquecedor. Por outra perspectiva, a autora também se encontra em condição similar, em que a menina negra que habita a mulher adulta preta, determina suas intencionalidades em contra palavra à ideologia oficial e faz emergir nas páginas de *Se eu fosse uma CASA* tramas poéticas e imagens profundas, potentes na lembrança de muitas crianças.

Figura 33 - Capa do livro *Se eu fosse uma casa*



Fonte: Fernandes (2020)

Figura 34 – Quarta capa do livro *Se eu fosse uma casa*

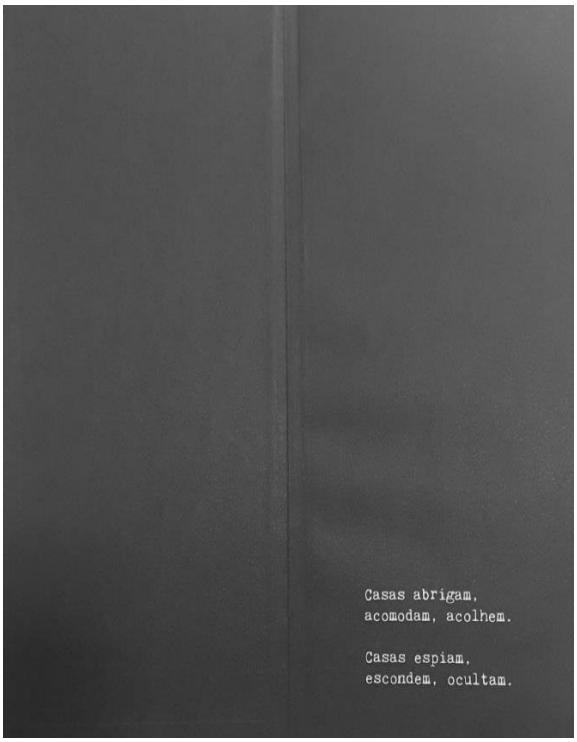


Fonte: Fernandes (2020)

A autora Fernandes escreveu e ilustrou: *Se eu fosse uma CASA,* editora Tuya 2020, com formato comprido de 14,7 cm x 31,7 cm, um livro grande, que foge aos padrões comerciais. A técnica utilizada foi aguada de nanquim e aquarela, as ilustrações buscam retratar uma casa úmida. As cores predominantes são cinza, preto, verde. A capa e a quarta capa fechadas não formam nenhuma imagem, mas, quando abertas, juntas, como página dupla, formam uma imagem. Na quarta capa temos um resumo da obra. Como se pode observar o título "*Se eu fosse uma CASA"* instiga o leitor a saber o que se passa. Linden afirma que "ao orientar a leitura, num primeiro momento, o título antecipa necessariamente o conteúdo." (Linden, 2018, p. 58).

A capa já impressiona pelo seu enunciado, as janelas da casa não possuem o mesmo enquadramento. Seria uma casa monstro? Com a iluminação, a porta e as janelas ficam destacadas, dando a impressão de que essa moradia tem boca e olhos. Desses orifícios, aparentemente humanos, saem galhos, raízes, folhas. "A casa está viva e se move?", o leitor poderá se perguntar.

Figura 35 – Quarta capa do livro *Se eu fosse uma casa*



Fonte: Fernandes (2020)

As guardas são escurecidas, podendo sugerir a sensação de que algo assustador pode estar por vir, ou então o que está velado, encobertado, já que, “Casas espiam, escondem, ocultam” (Fernandes, 2020), podendo, assim, ser um local de segredos, mistérios, omissões, conflitos ocultos do mundo externo, que vão para o mundo interno de cada criança, revelando, poeticamente, a complexidade das relações interpessoais. Por outro lado, nessas guardas iniciais, Fernandes (2020) escreve para acalmar e situar o leitor “Casas abrigam, acomodam, acolhem”.

A casa por metáfora, pode se transformar em lar, lugar de aconchego, descanso, paz, harmonia, de familiares, pais, amigos, esposo(as), namorados, enfim, a casa pode ser um lugar de acolhida, cuidado, conforto, e de pertencimento, abrigo e segurança emocional. Na próxima página, conjugada à folha de rosto há o contraste das cores preta e cinza objetivados em respingos de água sobre o papel.

A folha de rosto, nas cores verde e cinza, é mais clara que as cores das páginas anteriores. Nela contém o nome do autor, título da obra e demais dados que caracterizam a edição e a editora.

Também está presente na obra a folha de dedicatória, “para Francisco, nossa pequena morada” (Fernandes, 2020, p. 2), ilustrada na figura 37. Nela está a imagem de um peixe. A ilustradora faz a imagem de um peixe com sombra. Há uma mistura de cores com o verde, azul, cinza e preto e com vários respingos de água em tamanhos diferentes. Simbolicamente, o peixe é um elemento de significado positivo, de vida, abundância e prosperidade, mas também está relacionado à ideia de fé, buscando a conexão com o mundo do invisível, seja ele espiritual, onírico ou imaginativo. Desse ponto de vista, o leitor vai sendo encaminhado para perscrutar mais sobre a obra, não se ligando à aparência inicial da escuridão e do sombrio.

Figura 36 - Folha de rosto do livro *Se eu fosse uma casa*



Fonte: Fernandes (2020)

Figura 37 – Dedicatória do livro *Se eu fosse uma casa*



Fonte: Fernandes (2020, p. 1-3)

Quanto à diagramação, Carol Fernandes escolheu o formato comprido, retangular, na vertical. Os formatos diversos são escolhas do autor conforme o seu objetivo. A imagem das páginas iniciais é a mesma apresentada na capa e quarta capa. A diferença está na sua posição: a casa está de ponta cabeça. “Se eu fosse uma casa eu teria raízes. Meu alicerce, também feito de pedras, seria a base sólida do meu firmamento” (Fernandes, 2020, p. 4-5).

Conforme as ilustrações, as raízes saem da casa em direção ao céu extremamente estrelado. A imagem parece, a todo momento, estar flutuando no espaço celeste, e ao mesmo tempo pode representar que o firmamento é sua

âncora de existência. A casa, a morada se seu próprio ser vivente, firma-se a partir dos céus, do próprio firmamento. A relação entre a linguagem verbal e a linguagem visual transcende em poesia. Parece evocar a ancestralidade, a força da natureza, a conexão com suas origens, a família, a cultura, os saberes ancestrais, tudo está relacionado a se ter uma base sólida, uma sustentação.

Talvez por isso “se eu fosse uma casa eu teria raízes” apesar dos antepassados estarem distantes nas estrelas, as raízes ancestrais não deixam de existir, e a conexão profunda com os antepassados pode acontecer. As marcas deixadas pelos antepassados africanos, ainda queimam, forjadas pelo fogo cruel da escravidão, e as raízes são fonte de amorosidade, cuidado, alento nos dias frios e trazem a esperança.

Figura 38 - Página dupla *Se eu fosse uma casa*



Fonte: Fernandes (2020, p. 4-5)

As páginas da obra permanecem úmidas, como se fossem gotas de lágrimas caindo sobre o papel – talvez de tristeza ou quem sabe de alegria. A ilustração dessa casa é diferente das outras em relação ao tamanho, o telhado. Em cima do telhado o leitor identifica um dente. Um dente pode ter vários significados, transformação, desafios, crescimento. Quem, quando criança, não passou por isso, a retirada de um dente de leite? Em casa, todas as vezes que caía um dente, meus pais pediam para jogar em cima do telhado. A tradição de jogar o dente de leite no telhado está associada à lenda de que o ato permite fazer um pedido e que o novo dente nascerá bonito e rapidamente. O ato de fazer o pedido e a expectativa de realizar o desejo são representativos do esperançar.

> É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo [...] (Freire, 2021, p.5).

Conjugadas ilustrações e escrita “Eu seria espaçosa, para guardar na memória, todas as memórias daqueles que passassem por mim” (Fernandes, 2020, p. 6-7) permite ao leitor talvez pensar no esperançar, especialmente junto daqueles que cruzarem o seu caminho para fazer a vida acontecer de um outro jeito, pois uma casa é um lugar para se habitar, e, portanto, necessita de habitantes.

Como Larrosa (2004) afirma, uma casa necessita ser parte de uma vizinhança, é uma das necessidades não somente do corpo, mas da alma. É preciso convidar os amigos e introduzir a sorte em sua própria casa em comunhão com o outro.

Figura 39 - Página dupla do livro *Se eu fosse uma casa*



Fonte: Fernandes (2020, p. 6-7)

Na minha condição de leitora, são muitas as memórias, porém, as mais significativas quando falo de minhas raízes, são aquelas que advêm das vivências com minha avó. Durante o frio, ficávamos sentadas perto do fogão a lenha, na primavera, embaixo do pé de amora, conversávamos no quintal, trocava segredos no jardim, saboreava causos no pomar de casa... todas estas memórias permanecem vivas: a voz, o cheiro, os cabelos, os olhos negros, o jeito de andar, o sorriso, a felicidade de minha avó. Algumas memórias bastam, já que as memórias ancestrais foram usurpadas, perdidas, mas ainda assim fazem parte de mim.

Fernandes (2021), em entrevista à A Casa Tombada, disse o porquê ilustrou a imagem da página dupla 6 e 7.

> As cenas escolhidas, que se manifestam como turvas fotografias, ou, em algumas passagens, em curtas sequências, fazem parte de um acervo de memórias reais ou fabuladas. Despertadas pela poesia verbal e não verbal do livro, muitas pessoas me procuram para contar como algumas ilustrações acenderam antigas lembranças e acordaram sentimentos. A cena do dente no telhado é bastante pronunciada e reflito, recorrentemente, sobre a força lúdica do ritual de oferenda que propõe a entrega de uma parte da criança para a casa, como quem alimenta de matéria orgânica o seu próprio abrigo.
> Durante a minha infância, eu e meus irmãos lançávamos muitos dentes ao telhado do antigo barracão em que morei com minha família. Quando meu pai decidiu construir uma nova casa no mesmo território, desfazendo a antiga estrutura, procurei pelos dentes nos escombros e não encontrei nenhum. Me senti confusa e traída pelas telhas que abrigavam o amor dos gatos, lagartixas e passarinhos, mas que não foram capazes de guardar nem mesmo o menor pedaço de mim. Mais tarde as perdoei, porque observei o tempo e percebi que elas não podiam resistir a força dos ventos e das chuvas, por isso entregavam todo seu tesouro de miudezas (Fernandes, 2021)[19].

Entre acender lembranças e acordar sentimentos seguimos com a autora-ilustradora. Nas ilustrações a seguir, o dia parece nebuloso, talvez porque vai chover, o sentimento é de estar nas nuvens, e entre elas descansar.

Figura 40 - Páginas do livro *Se eu fosse uma casa*



Fonte: Fernandes (2020, p. 8-9)

19 Entrevista da escritora e ilustradora Carol Fernandes concedida A Casa Tombada. Disponível em: https://acasatombada.com.br/livros-a-mao-paredes-chao-telhado-porao-o-que-compoe-uma-casa-por-carol-fernandes/?cn-reloaded=1 Acesso: 21 de set. 2024

Quanto a essa metáfora, “também seria alta. Comprida o suficiente para me alimentar de nuvens” (Fernandes, 2020, p. 8-9), penso sobre as emoções e os sentimentos humanos. E, nessa relação consigo mesmo e com os outros, o leitor é convidado, paulatinamente, a ver-se como casa, como morada para tornar seu mundo mais habitável. Alimentar das nuvens, talvez, represente o processo de busca de si mesmo, de furtar-se do mundo real para uma reflexão amorosa de autocuidado, de sondar suas imperfeições e incursionar para dentro de si explorando seus desejos, fraquezas, forças, medos e perspectivas futuras.

O leitor se depara, então, com o saber quando parar ou seguir em frente, conhecer suas emoções, sentimentos, limites pensamentos, comportamentos e, acima de tudo, valores. Ao esquadrinhar suas qualidades, surge a força para enfrentar os desafios da vida com mais atitude, perseverança e resiliência, conhecendo seus objetivos.

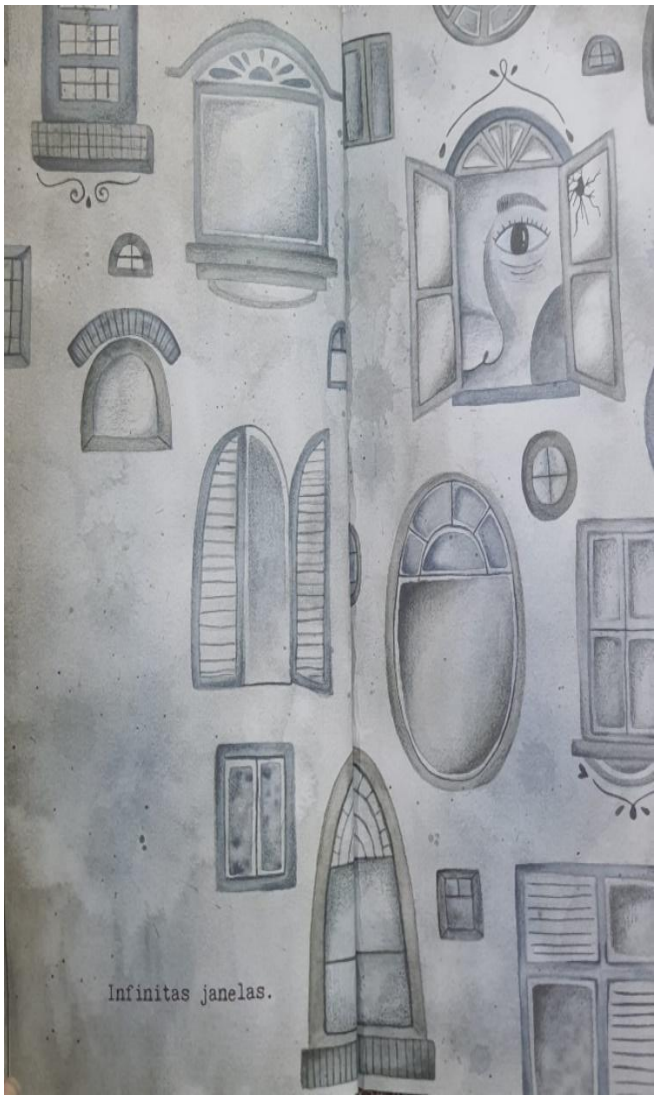
Respeitar-me e respeitar o outro como pessoa negra e ser comprometida com os ideais de vida é fundamental. Por outro lado, é difícil ter uma relação emocional completamente adequada com as pessoas que cruzam nosso caminho, mas a criança preta tem o direito de ir se aproximando de obras que a faça, aos poucos, reconhecer e valorizar sua identidade. São muitas as camadas de leitura possíveis, e o nível de reflexão dependerá da conversação literária concretizada entre os participantes, a partir do olhar cuidadoso do mediador de leitura.

A criança tem mais chance de se animar do que se desinteressar quando as experiências acumuladas vão lhe ampliando o repertório de vivências leitoras. Quando penso na população negra, que vive à margem da sociedade, e enfrenta constantemente situações de discriminação racial e estereótipos, me pergunto: como é possível ter autocontrole, autoestima diante da fome, da exclusão, do preconceito?

> Como marginalizados, "seres fora de" ou "à margem de", a solução para eles estaria em que fossem "integrados", "incorporados" à sociedade sadia de onde um dia "partiram", renunciando, como trânsfugas, a uma vida feliz. Sua solução estaria em deixarem a condição de ser "seres fora de" e assumirem a de "seres dentro de". Na verdade, porém, os chamados marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram fora de. Sempre estiveram dentro de. Dentro da estrutura que os transforma em "seres para outro". Sua solução, pois, não está em "integrar-se", em "incorporar-se" a esta estrutura que os oprime, mas transformá-la para que possam fazer-se “seres para si”. (Freire 2021, p. 84-85).

E importante destacar que o célebre filosofo Freire (2021), refere-se a um sistema capitalista, patriarcal e neocolonial que se utiliza da apropriação indevida, para alienar e distorcer a visão das pessoas e do mundo. Sermos ‘seres para si’ requer um processo de educação humanizadora, pois trata-se de uma conquista árdua e nada tranquila para pessoas pretas. Muito mais do que integrar-se, as crianças negras necessitam de professores que criem situações promotoras para seu aprendizado e desenvolvimento humano, espaços-tempo revolucionários, de transformação, de nova ótica sobre a negritude com o apoio dos elementos da cultura afrodescendente como sustentáculo do reconhecimento identitário.

Figura 41 - Páginas do livro *Se eu fosse uma casa*



Fonte: Fernandes (2020, p. 18-19)

Na página dupla seguinte, há “infinitas janelas” apresentadas pela autora-ilustradora em vários formatos: redonda, quadrada, retangular, fechadas, abertas, com molduras, sem molduras, pequenas e grandes. Apenas um vidro está trincado, que pode representar que algo muito profundo não foi resolvido, sanado, curado, ou seja, que ainda dói. E é, através desta janela, que aparece um grande nariz, uma sobrancelha e um olho negro, como se alguém estivesse observando, vendo o mundo além de si mesmo. Todavia, essas janelas representam também a memória, os sentimentos, o conhecimento, a liberdade. É por meio delas que vemos o mundo. Quero sair e me libertar, ter as minhas próprias escolhas, tendo a chance de construir minhas boas memórias. Quero sentir, saber de tudo, tudo o que foi retirado de mim. Muitas exclusões, muitas expropriações.

Figura 42 - Páginas Duplas do livro *Se eu fosse uma casa*

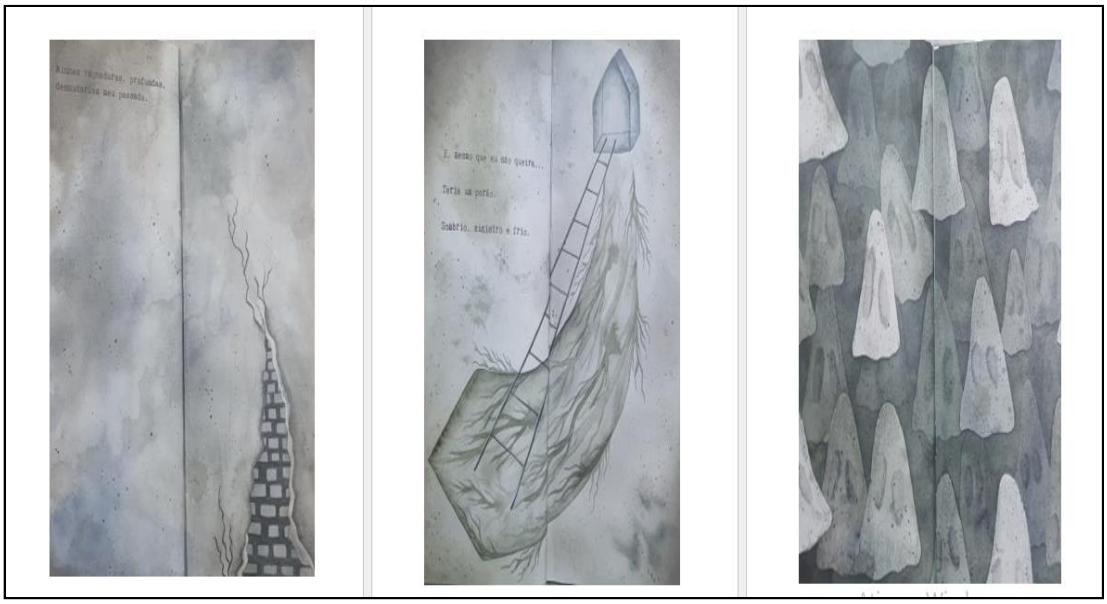


Fonte: Fernandes (2020, p. 24-25)

Nessa casa não tem chaminé, mas, “Inventaria uma chaminé” (Fernandes, 2020, p. 24-25). Talvez essa chaminé possa representar uma boca, e ao invés de sair fumaça e fogo, saíssem muitas palavras linguageiras, muitas histórias colhidas de experiências diversas, espalhando perfumes da oratória e da literatura, moraria nessa casa um *griot* contador de histórias? Como já mencionado, os *griots* representam a cultura africana e desempenham o papel muito importante e tradicional no continente africano, são contadores de histórias, historiadores, músicos e guardiões da memória coletiva de suas comunidades, por meio de canções, poemas e narrativas.

Atuam também como conselheiros, mediadores e transmissores de sabedoria ancestral. Se voltasse a ser criança hoje, jogaria novamente um dente de leite em cima do telhado de casa, e o meu pedido seria encontrar as histórias dos meus antepassados perdidos pela escravização. E se fosse a voz de uma “criança-casa”, quantas histórias e novidades gostaria de contar em uma escola que pouco valoriza sua experiência da meninice preta, por vezes tão sofrida? Uma escola que silencia vozes, interdita a formação de leitores, encarcera vontades, limita movimentos?

Figura 43 - Páginas duplas do livro *Se eu fosse uma casa*



Fonte: Fernandes (2020, p. 28 a 33)

A metáfora da casa é ‘forte’ a casa como nos diz Larrosa (2004) é um lugar do habitat humano, casa como um lugar para se habitar, morar, um lugar na terra com todo seu enraizamento. Com todas estas camadas de reflexões, posso dizer casa como lugar de encontro, de reflexão, de ação e lugar onde se guardam seus tesouros e seus fantasmas, tem sótão e tem porão, onde escondemos muitas dores. As imagens e a poesia completam-se na analogia com a casa. Na figura 43, “Minhas rachaduras, profundas, desnudariam meu passado” (Fernandes, 2020, p. 27-28).

O que não foi revelado, dito? O leitor poderá pensar. O que está no meu subconsciente? E se eu fosse uma casa… por isso a autora expressa no texto escrito: “E, mesmo que eu não queira. Teria um porão. Sombrio, sinistro e frio” (Fernandes, 2020, p. 30-31). E os fantasmas que ali estão será que buscam um lugar para descansar ou o porão seria um esconderijo para deixar somente as dores, as aflições, os estereótipos, as desilusões familiares e amorosas, o sofrimento de todos os antepassados? Nas ilustrações da figura 43, observo na página dupla, a porta do porão, uma escada muito comprida e entrando por detrás da porta, há raízes que descem como fantasmas até o porão. E na página dupla seguinte, mais fantasmas como lençóis brancos, cinzas, verdes, todos flutuando.

Quais signos ideológicos estão presentes nessas imagens? A desigualdade social, a destruição da natureza e da humanidade também estão refletidas na rachadura da casa? Cada fissura revela os impactos profundos da opressão, do abandono e da exclusão, assim como a dor acumulada ao longo do tempo, desestabilizando tanto a casa, quanto aqueles quem nela habitam. O ilustre professor com sua voz portentosa, argumenta:

> Logo vê que não cabe a possibilidade de tratar a ideologia como falsa consciência, ou simplesmente como expressão de uma ideia, mas como expressão de tomada de posição determinada. Não dá para aceitar que a desigualdade seja natural, por exemplo, como defenderia a ideologia em uma sociedade capitalista, afirmando que uns nasceram mais inteligentes que outros, ou mais espertos; tal ideologia dominante também defenderia que o capital é fruto do trabalho, e apagaria o fato de que é fruto do trabalho dos outros (Miotello, 2018,169-170).

Nesse contexto, os signos ideológicos presentes entre diferentes sujeitos e em determinados grupos são constituídos por relações cotidianas, refletindo as dinâmicas de poder, de exclusão e resistência. Sendo assim, “Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico,

isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social” (Volóchinov, 2021, p. 95). Nessa vertente, as imagens verbais e visuais são contidas de signos ideológicos e observa-se, no decorrer da narrativa, justamente, consciências outras.

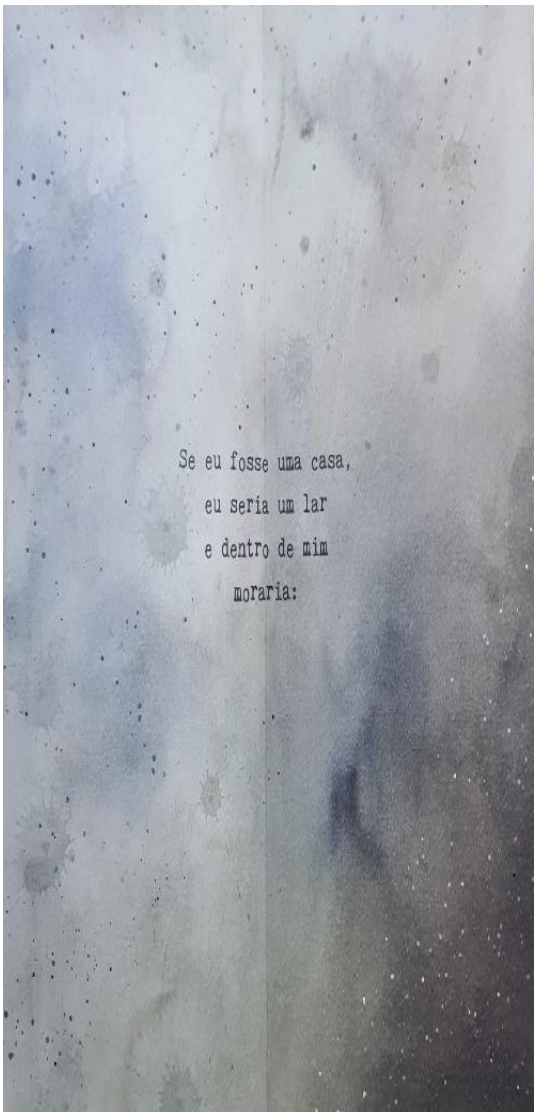
Na próxima página dupla, a autora apresenta a linguagem verbal, no centro da página, como se fosse seu coração e então escreve: “Não importa! Seu eu fosse uma casa, eu te convidaria a entrar e reparar minha bagunça. A bagunça dos sons, das gentes, dos bichos e das coisas invisíveis” (Fernandes, 2020, p. 34-35). Apesar de a vida ser esse turbilhão de emoções, com desafios a serem superados diariamente, a autora nos lembra que há beleza e significado na desordem cotidiana, tornando-a parte essencial da nossa humanidade.

Figura 44 - Páginas do livro *Se eu fosse uma casa*



Fonte: Fernandes (2020)

Figura 45 - Páginas do livro *Se eu fosse uma casa*



Fonte: Fernandes (2020, p. 34-37)

A autora-ilustradora externou com as ilustrações, na figura 44, diversas casas, todas escuras nas tonalidades cinza e preto, no entanto, a sua casa destaca-se das outras ao ser azul. E esse convite demonstra como a humanidade prefere se despir de suas fragilidades na presença do outro, ao invés de ser solidário, esse princípio da filosofia da linguagem do quem sou eu, sem o outro. É partir das trocas dialógicas que o eu-outro se constitui na alteridade, eu-para-mim, eu-para-o-outro, o outro-para-mim, e ao se constituir ele se altera. Somos parte de algo maior — da sociedade sim, mas ainda mais do universo, da natureza. Na nossa frágil

humanidade, o que há de mais significativo é a capacidade de aprender sempre uns com os outros.

Em vista disso, “Se eu fosse uma casa, eu seria um lar e dentro de mim moraria” (Fernandes, 2020, p. 36-37) e, nesse momento, a imagem da página dupla se transforma em um pôster que quadriplica de tamanho.

Para a escritora:

> Uma vida criança, negra, em simbiose com a casa, que se expande, afeta o observador e reclama existência. Que, embora esteja no final, é um convite ao princípio, um chamado para que os leitores e leitoras, agora familiarizados com o ambiente, entrem em estado de intimidade. Que reparem no varal que expõe, nos paradoxos espaciais, nos rastros e elementos acumulados durante o percurso e inscritos no longo corpo morada, que vai do solo encharcado pelas tempestades até o firmamento (Fernandes, 2021).

Figura 46 - Página dupla do livro *Se eu fosse uma casa*



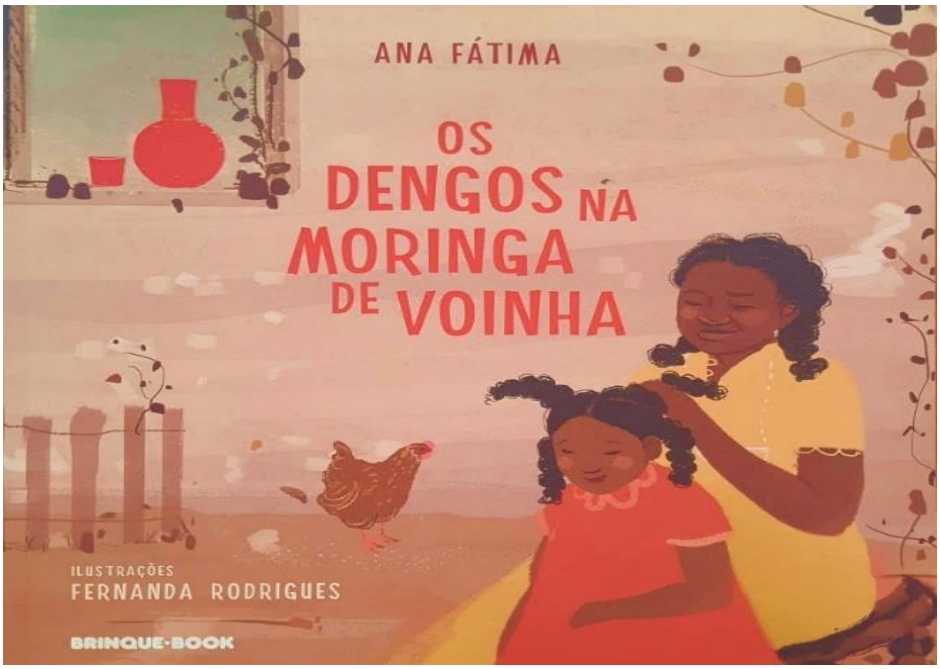
Fonte: Fernandes (2020, p. 38,39)**.**

Surge assim, a criança negra dentro da casa. Essa criança está despida, tem cabelos ondulados-crespos, bochecha corada, está com os olhos semicerrados. Possui um fio amarrado no braço e no dedo da outra mão, formando um varal; nele contém uma calça marrom, um par de meias coloridas, uma blusa de frio amarela e uma cueca. É um menino, está descalço, logo vemos nos seus pés um rio com peixes e muitas raízes. Ele está despido, a casa estava toda úmida, molhou sua roupa, suas vestimentas estão secando, a fim de que ele possa vestir-se novamente com todas as suas memórias, com toda sua cultura afro.

Tentaram encharcá-lo pelas rachaduras com a água do esquecimento, despindo-o de sua ancestralidade, mas a criança resiste e cresce em sabedoria outra, a partir de tantas outras vozes que passaram a habitar sua casa e fazê-la recobrir-se de coragem, força, certezas e ancoragens identitárias. No céu escuro e estrelado, o texto escrito inscreve em letras grandes: Vida. E a casa guarda o que tem de mais bonito e importante, a vida.

4.1.3 Os dengos na moringa de Voinha

Figura 47 - Capa do Livro: Os dengos na moringa de Voinha



Fonte: Fátima (2023)

A escritora Ana Fátima nasceu na Bahia, é professora, poeta, contista, escritora, licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Mestra e Doutoranda no Programa de Crítica Cultural - Letras/UNEB (2020) realiza estudos em Literatura negro-brasileira infantojuvenil, premiada em concursos literários, participa de antologias poéticas nacionais e internacionais, além de ter 5 livros publicados: uma organização de Antologia poética, um livro de poemas autorais “Já fui água um dia”, dois livros infantis e dois infantojuvenis. É CEO da Editora Ereginga Educação que publica autorias negras com protagonismo negro em suas produções.

]A obra foi Ilustrada por Fernanda Rodrigues, nasceu em Curitiba, Paraná. É uma artista visual e ilustradora autodidata. O livro foi lançado pela editora brinque – book em 2023. Vamos aos paratextos, primeiro o título um pouco diferente, confuso? Os dengos na Moringa de Voinha. Será que foi proposital? “Nos livros ilustrados, os títulos podem tanto esclarecer como contradizer a dupla narrativa” (Nikolajeva e Scott, 2011). Quanto ao título, se fosse uma peça teatral, seria A cortina do Teatro, em que ao abrir, todos os espectadores permanecem em absoluto silêncio, aguardando ansiosamente o virar de cada página dupla. O livro Os dengos na Moringa de Voinha, não apresenta guardas, se tivessem guardas certamente estariam nelas ilustradas muitas moringas de diferentes tamanhos e formas.

> A escolha das ilustrações da capa reflete a ideia dos autores […] sobre o episódio mais dramático ou atraente na história. Seria razoável esperar que o enredo e o conflito do livro não fossem revelados na capa. No entanto, é espantoso como muitos livros ilustrados destroem a expectativa criada pelo título atraente apresentando o cenário ou o antagonista na capa [...] (Nikolajeva; Scott, 2011, p. 313).

Nessa obra em análise, capa e quarta capa juntas aguçam a curiosidade do leitor. O que é uma moringa? – o leitor mirim poderá indagar. Mas, lá está ela, já presente desde o início, antes mesmo das primeiras páginas, refletindo a ideia da autora, bem como presentes estão as personagens principais e o grande tema abordado no livro. Na capa e quarta capa, quando abertas, podemos ver a delicadeza das ilustrações, o afeto e a ancestralidade, ali presentes. Nesse contexto, cabe destacar:

> Em muitos livros ilustrados a quarta capa continua a imagem da capa, de forma que, quando abertas, constituem uma ilustração inteira. Entretanto, é raro encontrar detalhes essenciais, na quarta capa complementando ou contradizendo a história. Provavelmente, isso se baseia em nossas

> convenções de leitura: quando terminamos de ler o texto verbal do livro, supomos que a história acabou e não prestamos muita atenção na quarta capa. (Nikolajeva; Scott, 2011, p. 319).

Mas nessa obra há, evidentemente, elementos centrais dispostos de forma cuidadosa pela autora, como comento logo a seguir. Outro paratexto externo é o resumo da obra, encontrado nos livros em sua maioria na quarta capa.

Figura 48 - Capa e quarta capa do livro Os dengos na moringa de Voinha



Fonte: Fátima (2023)

Em entrevista ao *podcast* "Ancestralidade Literária", em 10 de novembro de 2023, a escrita narra:

> Sentia falta de falar dos seus mais velhos. “Assim, saudei a minha avó Marina já ancestral. E quis trazer uma história dos momentos de carinho […], então os dengos na moringa de Voinha, trouxe elementos como relicário […] Moringa não é só um objeto, é um personagem que observa tudo o que acontece na casa (Fátima, 2023).

Assim, é possível ver que na capa e na quarta capa, há uma janela antiga com uma folhagem que a cerca, ramos aliás, que no contorno, vão realizando, assim, uma moldura *abraçante* para as personagens principais da obra; e é nesse cenário, bucolicamente impassível, que vemos uma das protagonistas, a Moringa de barro que tudo vê e tudo observa, colhendo fatos/vivências para ficarem guardados

na memória – predição que o leitor poderá constar na leitura do miolo da obra, justamente ao longo do desenrolar da história narrada. Nelas, na capa e contracapa, há ainda, uma cerca de madeira, duas galinhas, uma delas procurando minhocas na terra, revelando o quintal, o ‘terreiro’ da casa de Voinha.

Nessa percepção, as ilustrações nos revelam uma certa tranquilidade e calmaria, a ideia de uma vida pacata, sossegada. A menina usa um vestido vermelho com detalhes nas mangas e na gola, o cabelo é acariciado e cuidadosamente penteado, trançado e arrumado por sua avó, que está vestida com um vestido todo amarelo, com renda na gola e nas mangas.

As cores vívidas das ilustrações do livro, sempre em amareladiço, terracota, avermelhado/alaranjado dão um tom memorialístico e marcante para a história. Ademais, como cores quentes, parecem remeter o leitor à ideia de calor humano presentificado nas ações destes adultos que compreendem a infância, acolhendo calorosamente as crianças. A cadeira, ali, talvez, represente o descanso no final da tarde pela avó, e/ou um convite ao leitor para sentar-se após acompanhar a história e, quem sabe, deleitar-se com a imperturbável rotina de Voinha, fazendo-se espectador dos fatos ocorridos, tal como a moringa.

Outro elemento paratextual é a página da dedicatória, que muitas vezes antecipa a narrativa para o leitor. Nela, está duas meninas, duas irmãs como descobriremos ao longo da narrativa. As dedicatórias de Ana Fátima são: “às mulheres da minha família, que teceram o caminho para minhas vivências no Àiyé. Às meninas que se tornaram mulheres e continuaram mantendo as nossas histórias vivas” (Fátima,2023, p. 3). A menina, na ilustração seguinte, dança com a sua irmã mais nova, identificam-se os dengos uma com a outra, e, logo abaixo, inscrita está a dedicatória.

Figura 49 - Página dedicatória do livro *Os dengos na Moringa de Voinha*



Fonte: Fátima (2023, p. 3)

Figura 50 - Página dupla do livro *Os dengos na Moringa de Voinha*



Fonte: Fátima (2023, p. 4-5)

Na primeira página dupla, 4 e 5, a menina está de braços abertos indo ao encontro da sua avó que está sentada com os braços cruzados e de olhos fixos para baixo, talvez descansando o olhar na contemplação do seu artesanato, revelador de

muitos momentos de tessituras de tecidos e memórias em sua artesania; os óculos estão no seu pescoço e a colcha de fuxico, em seu colo, esparrama-se pelo chão, como caminho aberto para o acolhimento da neta. Logo atrás dela, há uma mesa com uma toalha branca de renda, uma planta em um vaso e uma moringa de barro.

Na parede, dois porta-retratos, possivelmente de membros amados da família, pendurados e um vaso com plantas com folhas amarelas da mesma cor do seu vestido. A simplicidade e singeleza trazem um toque de aconchego e amorosidade à cena. Em destaque, encontra-se a Moringa, esse objeto ancestral construído artesanalmente com a terra, com o barro, que sacia a sede, e aguça a curiosidade de quem ainda não a conhece, e pode, aqui, representar a memória ancestral. No aconchego da casa da avó, Marina colhe muitas emoções e sentimentos e vai ficando repleta de memórias. Na próxima página dupla, uma menina com vestido amarelo, a irmã, sorri e aponta com o dedo para uma janela.

Nela está uma mulher de óculos sentada no quintal, a escolher feijão preto. No batente da janela que se abre para o quintal é possível ver uma chaleira feita vaso para mudas de pé de feijão talvez, ou uma trepadeira, e seus ganhos percorrem pelo chão. À frente da menina, em cima de uma mesa, aparece a moringa de barro, dessa em forma ampliada, como um ser vivente adulto, o texto escrito reforça tal ideia com os seguintes dizeres: “A moringa de barro de Voinha parecia uma pessoa de pé sempre a vigiar nossos passos pela casa” (Fátima, 2023, p. 7).

Essa relação de redundância entre texto e imagem, ocorre quando “Uma das duas vozes narrativas pode ser amplamente dominante sem que a outra contrarie seu desenvolvimento”, chamado por congruência do discurso (Linden, 2018, p. 120). Nesse sentido, não se trata apenas de repetir o texto escrito na imagem, mas de enaltecer ainda mais o objeto inanimado que ‘ganha vida’ na narrativa. Ao olhar para a página dupla, de imediato nossa visão vai ao encontro da moringa.

A moringa, portanto, recebe as energias de todo o ambiente, a água nela contida é primordial para a vida. Nas religiões de matrizes africanas, a água é um elemento fundamental, de purificação, de matriarcado, de fertilidade, de riqueza, representa o feminino.

Figura 51 - Página dupla do livro *Os dengos na Moringa de Voinha*



Fonte: Fátima (2023, p. 6-7)

Ao prosseguir, na página 8, a menina de vestido vermelho, a irmã mais velha, com chinelos nos pés, está em cima de uma árvore de baobá, que, para muitos povos africanos é sagrada. Assim, para Ana Fátima, as memórias estão na moringa de Voinha, como na árvore de baobá, que é símbolo de memória e ancestralidade.

O texto verbal traz essa relação “desde sempre, vi a moringa de Voinha lá. Nunca perguntei quantos anos ela tem, nunca pareceu envelhecer, sempre com a mesma cor avermelhada igual a dendê e uma barriga imensa que mais lembra a baobá do quintal” (Fátima, 2023, p. 8).

Na página 9, ao lado, a mesma menina de vestido vermelho está sentada na cadeira e uma mão gigante segura o seu cabelo. O que se pode notar pelas imagens é que são diferentes momentos presentes na memória dessa menina, “quando olho para a moringa de Voinha, lembro do cafuné que mainha faz nos meus cabelos crespos com nós que só ela sabe desatar” (Fátima, 2023, p. 9). Talvez ‘nós’ dos cabelos, não somente, mas metaforicamente ‘os nós’ que a vida pode impor mesmo ainda na meninice, que presentes na mente da menina, a irmã mais velha,

podem ser desatados com a experiência acolhedora de sua mãe; a mão descomunal, desproporcional é denotativa dessa leitura possível.

Figura 52 - Páginas do livro Os dengos na Moringa de Voinha



Fonte: Fátima (2023, p. 8-9)

Ao virar a página, me deparo, novamente, com suas possíveis lembranças. Na página 10, a avó está em pé na cozinha com uma travessa na mão, e a menina de vestido amarelo, a caçula, está em cima de um banquinho segurando uma colher verde. Sobre a mesa há uma xícara e um guardanapo. E atrás dela uma prateleira de madeira com uma tábua de carne, um castiçal pequeno, um vaso de plantas na cor branca com flores amarelas, tudo muito singelo e acolhedor, notadamente relevador da receptividade e do calor humano presentes na casa de Voinha.

Na página 11 ao lado, a menina de vestido vermelho, a mais velha, escorada na mesa, quase deitada – expressando a ideia popular ‘em casa de avó tudo se pode’ – mira na direção da moringa que está sobre a mesa, quase num diálogo com a observadora onisciente e onipresente, que parece ter o dom da ubiquidade[20].

A ilustração mostrando o ‘*tete à tete’* das duas personagens*,* dá a antever ao leitor um possível diálogo da menina com a moringa. É possível perceber que, ao olhar a moringa, surgem memórias. Essas lembranças estão ditas por vezes, no

20 Na literatura fala-se de narrador onisciente, que é um tipo de narrador que conhece todos os detalhes da história, incluindo os pensamentos e sentimentos dos personagens. Ele é também conhecido como onipresente. Moringa não narra, parece muda, mas colhe e guarda histórias.

texto verbal “Quando olho para a moringa de Voinha, sinto o cheiro do angu temperado por tia” (Fátima, 2023, p. 11).

Figura 53 - Páginas do livro Os dengos na Moringa de Voinha



Fonte: Fátima (2023, p. 10-11)

Nas páginas 12 e 13, no quintal da casa está o pai, a filha mais velha, a irmã caçula e o cachorro. Enquanto o pai toca cuíca, a caçula dança e a filha mais velha observa com um ar de alegria. Temos flores no quintal, parecem ser margaridas, por serem brancas com o miolo amarelo, enfeitando o cenário, ou melhor ‘a roda de samba brincante’ criada por painho.

Há, também, uma vassoura branca, afinal, o quintal foi limpo para a festaria de brincança com muita música boa, enriquecida com um melodioso instrumento, a cuica, que expressa a ancestralidade e as riquezas de sua cultura. A linguagem verbal, mais uma vez, nos demonstra que são memórias de um dia feliz. “Quando olho para a moringa de Voinha, ouço painho tocando cuíca na beira da varanda, cantando sambas para minha irmã caçula dançar”. (Fátima, 2023, p. 12).

Figura 54 - Página dupla do livro *Os dengos na Moringa de Voinha*



Fonte: Fátima (2023, p. 12-13)

Nas páginas 14 e 15, a festa continua, as duas irmãs se divertem: brincam cantam e dançam; o bicho dessa narrativa é o cachorro, a simbologia do animal doméstico mais companheiro do humano, o amigo inseparável da família, dedicado e brincalhão, que está de barriga para cima pedindo carinho.

Figura 55 - Página dupla do livro *Os dengos na Moringa de Voinha*



Fonte: Fátima (2023, p. 14-15)

O enunciado verbal iniciado no canto da página dupla nos diz “quando olho para moringa de Voinha, corro para a cama em noite de trovoada e me cubro com o lençol de fuxico que ela costurou só para mim” (Fátima, 2023, p. 16).

A saudade é expressa no texto verbal e demonstra a proteção da avó contida, simbolicamente, no cobre leito de fuxico ilustrado lindamente. No quarto, em cima da mesa de cabeceira, temos um vaso com flores brancas e amarelas. A menina, agora, deitada em sua cama, brinca com a boneca “Abayomi”, cujo significado na língua loruba é “meu presente”. A boneca foi criada em 1987, pela artesã maranhense Waldilena Lena Serra Martins. Na linguagem visual, a menina se aconchega no lençol de fuxico, que foi todo costurado à mão por sua Voinha em sua artesania de sentimentos materializados em amorosidade de furta cor.

Outra importante memória é o fuxico construído com pedaços de tecidos. Minha tia costumava fazer esse tipo de artesanato. Curiosa, pesquisei um pouco mais sobre esse belo objeto artesanal e encontrei uma Tese recente, *A Pedagogia do Fuxico: saberes e vivências de um Griô Aprendiz ao ritmo de Sirley*, Programa de Pós-graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas, 2022. O pesquisador, Martins (2022, p.13) fala sobre a história de uma mulher memorável:

> Sirley Amaro, a Dona Sirley, (1936- 2020), foi uma mulher negra, costureira de profissão, representante e defensora da memória e da história do povo negro na cidade de Pelotas e reconhecida por esta função, local, regional e nacionalmente, principalmente, através do título de Mestre Griô, conferido pelo Programa Cultura Viva [...].

Nesta dissertação em que falo sobre os *griots*, encontrar Dona Sirley foi uma surpresa e um presente. O fuxico tem a sua criação atribuída às mulheres negras africanas escravizadas. A técnica se tornou mais conhecida a partir do século XX. A narrativa da escritora Ana Fátima é intensa e potente. A partir dessas relíquias, como a moringa de barro, a dança, o fuxico, a cuia, a árvore de baobá, o fogão a lenha, os avôs, o afeto e a família da amorosidade, somos conduzidos às raízes ancestrais.

Figura 56 - Página do livro Os dengos na Moringa de Voinha



Fonte: Fátima (2023, p. 16-17)

E a menina, sonhando ou lembrando, abraçada pelos fuxicos de Voinha, reconduz o leitor ao quintal [21] , este espaço-tempo em que tudo acontece numa família, pois mais do que um pedaço de terra adjacente a uma casa, é mundo real das vivências infantis, igualmente reais, mas onírico da menina. É mesmo como diz Manoel de Barros, nosso notável poeta cuiabano pantaneiro, 'meu quintal é maior que o mundo', mostrando tudo que existe em seu quintal, a sua grandeza, e que, para ele, contém todo o seu mundo particular[22]. Assim, a cena do quintal sonhada ou rememorada, traz a irmã caçula que aponta os braços em direção ao seu avô que dança, como se estivesse jogando capoeira. Ao mesmo tempo que a menina, vestida de vermelho, abraça uma galinha, enquanto seu avô dança.

---

21 O quintal é a parte de uma residência localizada na área externa da casa sendo composta por uma área ampla, geralmente apresentando algum tipo de vegetação ou jardim e normalmente é desprovida de construções e às vezes de pavimentação.

22 Os quintais urbanos brasileiros, particularmente os cuiabanos, representam parte do passado e do presente de seus moradores, especialmente porque o homem mato-grossense é culturalmente ligado à natureza. Sua vivência, em grande parte de descendência indígena ou cabocla, está ligada à mata, ao pantanal, aos rios e igarapés, sendo fortemente influenciada pelo *modus vivendi* rural ou do pantanal, mesmo quando habita nas cidades. Na região, os quintais são muito mais do que um espaço funcional e utilitário. Eles têm múltiplos significados para a vida privada e coletiva. Portanto, para que se compreenda a importância e o papel dos quintais urbanos nas diferentes regiões do Brasil é necessário entender a natureza e as funções que são desempenhadas, em cada momento histórico, no espaço residencial, de um modo geral, e o significado que este espaço assume em dada região.

Na concepção de Linden (2018, p. 118), “[...] a experiência ilusionista de tempo e movimento, o espaço fictício não raro tende a se sobrepor ao espaço de composição”. Então, mediante esse espaço de composição podemos perceber outras possíveis nuances da história, diferente da descrição anterior, vista de outra forma.

O avô está caminhando pelo quintal, de repente, começa a cantar e a dançar próximo a sua neta mais velha que, envergonhada, pega rápido a galinha no colo, assim, não precisará dançar. E o avô continua a bailar, ginga e joga capoeira, até que a sua neta mais nova se aproxima e pede por colo. O livro ilustrado é, assim, singular, potente e em sua plurissignificação permite que cada leitor intérprete a obra de forma única, a partir da sua perspectiva de vida.

Figura 57 - Página dupla do livro O*s dengos na Moringa de Voinha*



Fonte: Fátima (2023, p. 18-19)

Nas páginas 20 a 25, exatamente na cozinha, temos 3 gerações de mulheres negras: a avó, a filha e a neta. A avó ajeita o avental branco como se tivesse acabado de chegar. A neta mais velha se aproxima da mesa, estende as mãos para pegar as travessas e auxiliar a avó na cozinha. Enquanto sua mãe está mais próxima do fogão a lenha, segurando um bule de café nas mãos.

Esse cenário é edulcorado com ervas e flores que bailam no teto. Penduradas em um varal para secar, aromatizando o ambiente, tornam mais doce a ambientação apresentada ao leitor. Essas mulheres estão cozinhando, e a arte de cozinhar nos aproxima. Ali estão presentes as lembranças, as conversas, os abraços, os dengos, o amor e o cuidado com a família. “Quando olho para a moringa de Voinha, me envolvo na dança de fumaça vinda do fogão a lenha, que nos aquece nas manhãs de inverno”. (Fátima, 2023, p. 23)

Figura 58 - Página dupla do livro *Os dengos na Moringa de Voinha*



Fonte: Fátima (2023, p. 20-21)

Minha avó tinha uma moringa muito grande. Era, na verdade, um pote de barro com alças, ficava sempre em cima de uma mesma cadeira na cozinha. Ela dizia que aquele pote veio com ela e meu avô, na mudança de Pernambuco para o interior de São Paulo, em cima de um pau de arara. Para minha avó não existia água melhor. Quando criança, ao aproximar do pote, a mim dizia: “Cuidado! Vai quebrar o meu pote, moleca”. A água para os meus avós, vinda daquele pote, tinha com certeza outro gosto, o gosto da saudade e da esperança de um dia poder voltar a sua tão querida terra natal.

Nas páginas duplas 26 e 27, na sala, a janela está aberta e a moringa está presente em seu peitoril, a observar o interior da casa de Voinha, mas também o

externo, o quintal. Na conjugação metafórica, temos o interno e o externo, as emoções e os sentimentos internalizados a partir das relações entre as pessoas da casa, mediante as trocas familiares tão afetivas quanto memoráveis.

A avó está sentada na cadeira com sua neta no colo a ninar, coberta com o lençol de fuxico feito por ela. O sofá, por mais aconchegante que seja, não é o mesmo que o colo de sua avó.

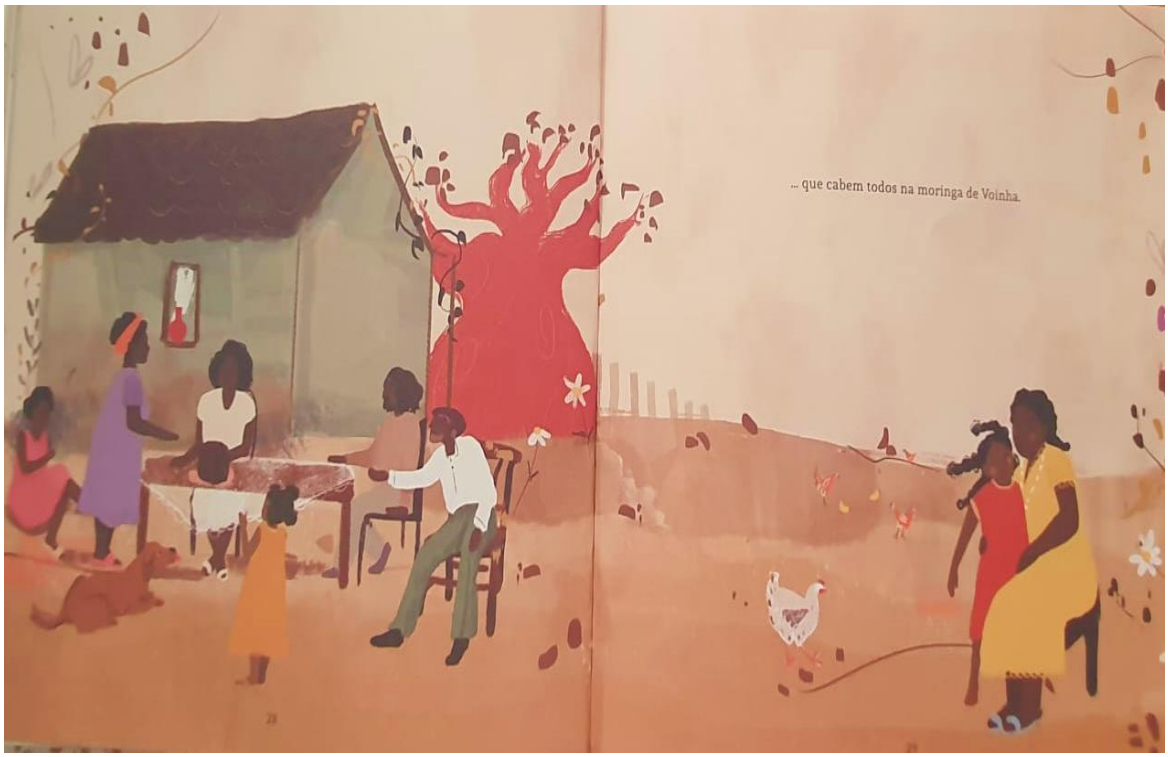
Figura 59 - Página dupla do livro *Os dengos na Moringa de Voinha*



Fonte: Fátima (2023, p. 26-27)

Novamente vemos, nas páginas seguintes, o quanto o quintal é importante nessa narrativa; a árvore de baobá, a trepadeira, as galinhas, o cachorro, e, um pouco afastada da multidão, a avó sentada na cadeira abraçando sua neta mais velha, em amorosidade, nessa relação de troca escuta.

Figura 60 - Página dupla Os dengos na Moringa de Voinha



Fonte: Fátima (2023, p. 28-29)

Ao fim da tarde, muitas pessoas estão no quintal ao redor da mesa, inclusive o avô, provavelmente a tia, o pai, a mãe, sua irmã caçula e outros familiares. Em cima da mesa, após o almoço de família, temos a sobremesa, um bolo de chocolate. E, lá na casa, exatamente na janela, observando tudo, está a moringa da Voinha, “que cabem todos na moringa da Voinha” a grande matriarca da casa, e, assim seguem as memórias de uma família negra, afrodescendente.

4.1.4 O adeus do Marujo

> “O mar é um portal onde nasce a vida, lugar onde ondulam memórias, sonhos e também batalhas” (Bomfim, 2022, p. 4).

Para compreender o percurso de Flávia Bomfim, navego entre os diversos meios midiáticos, assuntos e temáticas que envolvem o seu nome, sua história e seu amor pela arte. A escritora nasceu em Salvador no ano de 1979, cursou Psicologia na Universidade Federal da Bahia e começou a trabalhar na área da psicologia social comunitária, no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).

Em 2008, foi para a França, onde passou a trabalhar no setor infantil de uma livraria; aprendeu a língua materna do país e acessou outras possibilidades sobre o meio editorial. Bomfim, enredada pela arte literária, produziu vários projetos, dentre eles o *Coletivo Bordar os Sonhos*, um dos projetos mais marcantes no percurso de Flávia, em que ela une o fazer poético e artístico à sua atuação na psicologia social comunitária. Além de organizar a “Feira Ladeira”, de impressos e publicações independentes, é idealizadora do Festival de Ilustração e Literatura Expandido ‘FILEXPANDIDO’ Salvador, Bahia. Desde 2013, a artista, reúne escritores, produtores, ilustradores, demais profissionais, além dos leitores do mercado editorial gráfico, literário e visual em suas ações. Flávia Bomfim é uma mulher que acredita profundamente na humanidade, no fazer poético e na boniteza da vida. Mais do que isso, ela enxerga o livro ilustrado como uma fonte de transformação social e cultural, capaz de conectar diferentes gerações, resgatar memórias ancestrais e incentivar o pensamento crítico. Com uma visão sensível e engajada, a escritora vê na literatura e nas artes visuais o poder de dialogar com temas complexos como identidade, história e resistência, promovendo empatia e uma leitura mais plural do mundo.

O bordado é uma das suas principais técnicas de experimentação e pesquisa. Em 2021, recebeu o prêmio *Green Island* pelo Nami Concours com ilustrações para o livro *O adeus do Marujo* (Bomfim, 2022) e, em 2023, recebeu o Prêmio FNLIJ Malba Tahan. O Melhor Livro Informativo ‘O adeus do marujo’.

A poeta, escritora e ilustradora carrega nos fios do bordado e da ancestralidade a responsividade e a alteridade poética, considerando que a “obra, como réplica do diálogo, está disposta para a resposta do outro (dos outros), para sua ativa compreensão responsiva [...]” (Bakhtin, 2011, p. 279).

Assim, as trocas dialógicas são essenciais para a construção de sentidos. Dessa maneira, o livro ilustrado se torna um receptáculo de múltiplos significados, onde o leitor dialoga com o autor. Neste sentido, o discurso poético de Flávia Bomfim é emerso em palavras outras, ressignificando lembranças e memórias. O livro *O Adeus do marujo*, ganhador de várias premiações, é um livro informativo, então surge uma dúvida, como o livro ilustrado dialoga com o livro ilustrado informativo?

Em conformidade com Linden (2018, p. 29), o livro ilustrado não é um gênero: “o que encontramos no livro ilustrado é um tipo de linguagem que incorpora, ou assimila gêneros, tipos de linguagem e tipos de ilustrações”.

Isto posto, ousamos dizer que o livro informativo possui algumas especificidades pedagógicas mais pontuais, por exemplo, em abordar diferentes temáticas, como ciências, história, arte e cultura, mas, também, é um livro ilustrado. As ilustrações podem ser mais informativas, direcionando o olhar do leitor.

O livro ilustrado informativo não tem como finalidade envolver o leitor profundamente em seu imaginário, na busca de outras possibilidades e encontros, como ocorre no livro ilustrado. Sendo mais comprometido com o conhecimento que dele será gerado, portanto, possui um texto conciso, designer atrativo: organização que guia o leitor, as ilustrações são mais explicativas ao possuírem a função de orientar e explicar o conteúdo a ser trabalhado, são acessíveis para diferentes faixas etárias, como o livro ilustrado.

Um diferencial está na sua interatividade. Alguns livros informativos possuem elementos interativos como, por exemplo, *QR Codes*. O livro ilustrado informativo é relevante por despertar o aprendizado e o interesse dos estudantes pela sua combinação única entre texto e imagem. A autora desse livro ilustrado informativo, Flávia Bomfim, utilizou como técnica para a produção das ilustrações, a cianotipia, além de bordados, fotos de jornais e revistas da época.

A cianotipia é uma técnica antiga de impressão fotográfica manual que produz imagens em tons de azul. Essa técnica foi descoberta em 1842 pelo astrônomo, cientista, matemático, inventor britânico sir John Frederick William Herschel. É um processo fotográfico alternativo que possibilita sua aplicação em diferentes materiais como tecido, vidro, madeira, metal, cerâmica entre outros. Bomfim, também “faz uso da transferência manual de fotografia sobre tecido de algodão, bem como a aplicação de carimbo e colagem” (Bomfim, 2022)[23]. As técnicas, materiais e suporte utilizados pelos artistas nos livros ilustrados são fatores relevantes para a diagramação por ampliarem as possibilidades imaginárias e interativas.

23 Flávia Bomfim em entrevista à Revista Continente **Transgressora e polissêmica.** Texto, Maia, Nanda em 01 de julho de 2022. Disponível em :https://revistacontinente.com.br/edicoes/259/flavia-bomfim- Acesso 04 de set.2024.

Em entrevista ao portal Geledés[24], em 28 de setembro de 2022, Flávia Bomfim revela a concepção inicial para o desenvolvimento da obra.

> Era como se João me contasse algo e os nossos tempos se cruzassem. Assim cheguei na concepção de como desenvolver o livro: a partir da imaginação de duas pessoas bordando, perfurando, dilacerando essa história. A linha atravessa o tecido e fere a trama. Essa trama ferida é a chave para escolher como recontar uma história. Por isso, o avesso. O avesso é aquilo que não se esconde. É todo o caminho tortuoso que a gente traça nesse campo invisível até você olhar a parte de trás do bordado, que é um mapa de tudo isso que está na superfície (Bomfim, 2022).

Nessa analogia, a autora faz alusão ao protagonista e às situações enfrentadas por ele. A agulha atravessa o tecido na contemplação do que segue o bordado, a beleza esconde os desafios, lutas, sofrimentos vivenciados por ele durante a vida. A escritora pesquisou e estudou sobre a vida e a obra de João Cândido (1880-1969), um herói negro conhecido por poucos, em relação ao seu feito histórico.

Para fazer a análise da obra, escrita por Bomfim, pesquisei e assisti alguns documentários sobre o herói brasileiro. Portanto, posso dizer de antemão o quanto o racismo e a revolta impressionam, assustam e faz doer profundamente. Faço outro apontamento ao ressaltar que, das quatro obras analisadas, esse é o único livro ilustrado informativo estudado nesta dissertação.

A obra foi editada pela Pallas editora, por vezes comprometida com a divulgação de obras literárias da cultura afro-brasileira, passando pela sociologia, filosofia e antropologia. O livro é belíssimo, as cores em azul exploram o mar e o bordado de Bomfim completa o enredo, retratando a vida do protagonista com perfeição, deixando tudo em destaque. O leitor será surpreendido.

Proponho ao leitor que navegue comigo entre os elementos paratextuais da obra *O adeus do marujo*, da autora Flávia Bomfim. Iniciemos pelo título que, por si só, já gera muita expectativa. “Como a quantidade de texto verbal nos livros ilustrados é limitada, o título em si pode, às vezes, constituir uma porcentagem considerável da mensagem verbal do livro” (Nikolajeva; Scott, 2011, p. 307).

Por sua vez, o título da obra *O adeus do marujo* sugere uma narrativa de despedida. Será que esse marujo cansou de navegar por águas misteriosas?

24Geledés - Instituto da Mulher Negra trata-se de uma organização política brasileira de mulheres negras contra o racismo e o sexismo, tendo como principal objetivo erradicar a discriminação presente na sociedade que afeta.

Cansou de desbravar águas profundas? O leitor poderá inferir outras hipóteses. Como será que o marujo virou um pirata dos sete mares? Ou ainda, esse marujo resolveu dar adeus ao mar para ficar com a família? Conforme, Linden (2018, p. 58), “[...] o título de um livro ilustrado se relaciona sobretudo com a representação figurada da capa”, como é o caso desta obra.

No limiar da capa e da quarta capa os enunciados em azul se desdobram, nas mais diversas tonalidades azul-celeste, marinho, royal, dentre outras. As imagens na capa destacam o olhar atento e, ao mesmo tempo, desolador do marujo. Que discurso se esconde por trás daquele olhar? De seus olhos emergem fios de luz, como se fossem um farol a guiar o caminho e a vida dos marujos. O protagonista ao centro navega em direção ao firmamento, envolto por um mar profundo de incertezas, parece que guarda segredos. Mas, o mar, por vezes, azul-celeste sussurra esperanças. A linha do bordado se estende em gaivotas, algas marinhas, barcos a navegar, sonhos e desejos de um marinheiro que, ao limiar do olhar, ascende em incompletude.

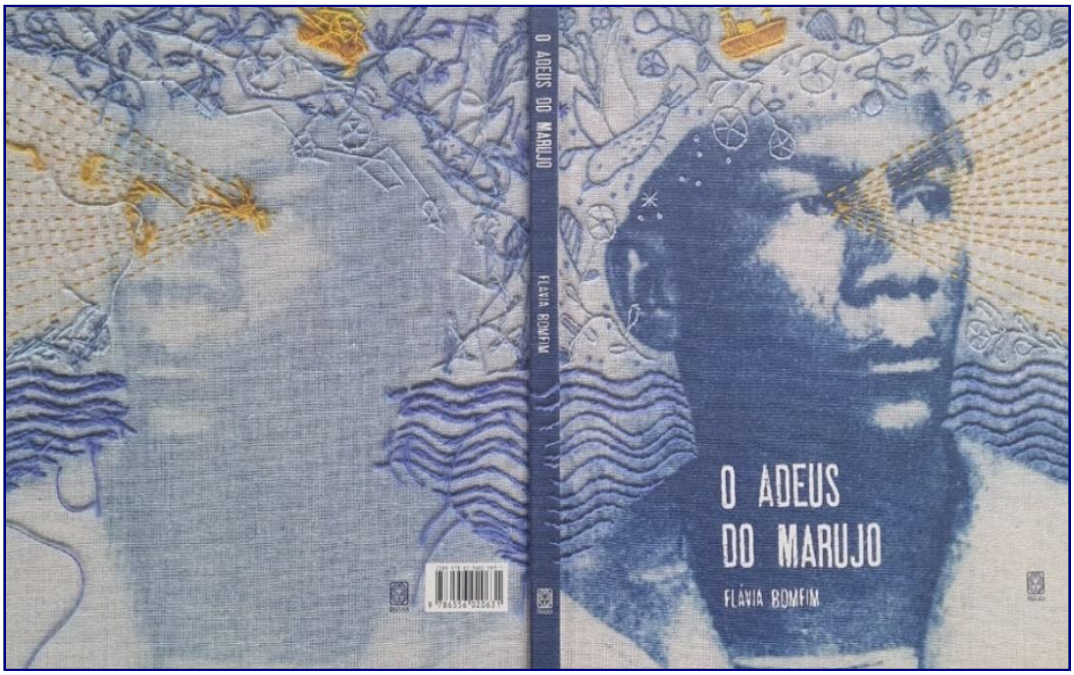
Na quarta capa, temos o avesso do bordado, que ecoa sentimentos profundos, e desafios a serem enfrentados pelo marujo, dando continuidade à narrativa. Em concordância com Nikolajeva e Scott (2011, p.319), “Provavelmente, isso se baseia em nossas convenções de leitura: quando terminamos de ler o texto verbal do livro, supomos que a história acabou e não prestamos muita atenção na quarta capa”. Enquanto na quarta capa costuma-se ter um resumo, ou sinopse do livro, informações editoriais, informações sobre o autor e ilustrador, recomendações de críticos e autores renomados, mas “vários autores contemporâneos de livros ilustrados contestam deliberadamente essa convenção deixando uma pista decisiva da história aparecer na quarta capa” (Nikolajeva; Scott, 2011, p. 319).

A autora de *O Adeus do Marujo* utiliza de forma intensa e poética a quarta capa como uma extensão da narrativa. A imagem da capa se reflete na quarta capa, dando-nos a sensação de estarmos vendo a mesma imagem, mas de forma invertida — como o avesso do bordado, finalizando a obra. Por suposto, o protagonista um marujo aprendeu a fazer diversos tipos de nós, mas qual a sua relação com o bordar? O bordar é um ofício bonito e nobre como qualquer outro. Todavia, o que se pode concluir com o avesso do bordado? Antigamente, as melhores bordadeiras eram conhecidas, não pelo bordado em si, mas pelo avesso do bordado.

Neste sentido, se o bordado fosse um ser existencial, representaria certamente a perfeição, a harmonia, o belo, a nobreza, o cuidado, dentre outros adjetivos. Da mesma forma, o avesso do bordado, como Bomfim coloca na quarta capa, pode ser pensado inversamente. Contudo, o avesso do bordado pode não ser tão bonito, e, em alguns casos, esse avesso pode ter rebarbas “restos de linhas aparentes”.

Consigo, fazer uma correlação com a fragilidade humana, sentimentos e emoções escondidas, invisíveis, guardadas no fundo, de uma caixinha ‘a nossa coexistência’ – coexistir nesse contexto da obra pode indicar, por exemplo, a alegria e a tristeza, ou a luz e a sombra, o mar e a terra. A leitura da imagem já desperta o interesse do leitor, ao mesmo tempo que aguça a curiosidade.

Figura 61 - Capa e quarta capa do livro O adeus do marujo



Fonte: Bomfim (2022)

Para dar continuidade ao texto poético, a ilustradora nos contempla com um oceano azul em suas guardas, com bordados na cor branca. Conduz o leitor a navegar pelo seu imaginário com tartarugas, barcos, algas marinhas, leme, agulhas, linhas, pássaros, ancoras, corações que também enredam o leitor.

Figura 62 - Guarda inicial e final do livro O adeus do marujo



Fonte: Bomfim (2022)

As guardas de uma obra podem ter uma ligação diferente entre a primeira e a última página. “A primeira antecipa a história, enquanto a última remete de volta a ela” (Linden, 2018, p. 60), criando, assim, uma história secundária. *O adeus do marujo* é um exemplo disso. A autora utiliza o anúncio do jornal do início do século XX, para contrastar com bordados e a cianotipia, linhas, navios e nuvens, assim enreda o leitor para a leitura do texto verbal. No jornal está escrito: “Revolta de Marinheiros, informações completas sobre os acontecimentos - O comandante do Minas Gerais e outros oficiais mortos. Os estragos e mortos em terra” (Bomfim, 2022).

Logo, a folha de guarda apresenta enunciados visuais e verbais, com indicações, pistas e expectativas, que envolvem o protagonista nessa história. O leitor poderá fazer outras diversas indagações, em seu imaginário como, por exemplo: Quem foi o responsável pela revolta? Qual o motivo da revolta? Quantos feridos e mortos? Quem são os bandidos e os mocinhos dessa história? Qual foi o desenrolar da história?

Figura 63 - Folha da guarda inicial e final



Fonte: Bomfim (2022)

A folha de rosto apresenta o título da obra, o nome da autora, o local e o ano da sua impressão em azul. No livro ilustrado, esse paratexto pode dialogar com o leitor, mas nesse caso temos somente o texto escrito com algumas referências.

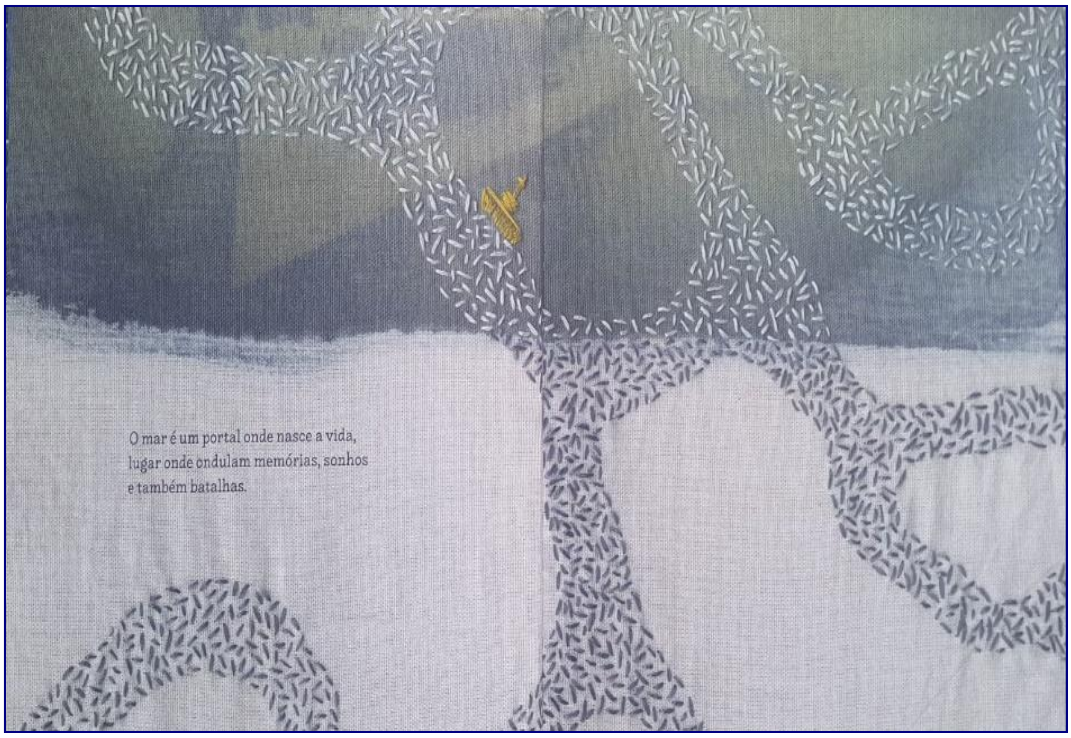
Figura 64 - Página 01 do livro *O adeus do marujo*



Fonte: Bomfim (2022)

A folha de dedicatória é totalmente branca com dizeres em azul “Para Bento, o mar, o azul, o sonho, a luta” (Bomfim, 2022). Na próxima página dupla, proponho adentrarmos na obra em que a linguagem verbal e visual narra as batalhas enfrentadas pelo marujo: “O mar é um portal onde nasce a vida, lugar onde ondulam, sonhos e também batalhas” (Bomfim, 2022, p. 4)

Figura 65 - Página dupla 4 e 5 do livro *O adeus do marujo*



Fonte: Bomfim (2022)

Figura 66 - Página dupla 6 e 7 do livro *O adeus do marujo*



Fonte: Bomfim (2022)

Nas páginas 6-7, poeticamente, Bomfim escreve: “Baía é o mar abraçado pela terra. Nas baías ancoram-se barcos de diferentes tamanhos, e com muitas histórias”. (Bomfim, 2022, p. 6-7). Os caminhos são bordados para que o marujo não se perca e navegue com tranquilidade ao encontro de seus companheiros.

No entanto, mesmo na imensidão do oceano os barcos se cruzam, se encontram e sobrevivem, pois, unidos são mais fortes. Diante disso, rememoro que, “viver a partir de si mesmo, de seu próprio lugar singular [...] não significa viver para si […] antes, é somente de seu próprio lugar único que é possível o reconhecimento da impossibilidade da não indiferença pelo outro” (Bakhtin, 2020, p. 22).

Dessa forma, apesar de estar só no infinito oceano existencial, não se vive de indiferença às dores alheias. Somos conectados pela palavra do outro. A seguir o texto deixa cada vez mais explícito do que se trata o poema.

Figura 67 - Página dupla 12 e 13 do livro *O adeus do marujo*



Fonte: Bomfim (2022)

O cenário dessa narrativa transporta o leitor para o ano de 1910 “e mesmo sendo proibido, a Marinha do Brasil ainda castigava os marinheiros com o açoitamento de chibatas. […] João Candido […] se alimentou de ideias e desejos de mudanças” (Bomfim, 2022, p. 12). O enunciado visual da página 13 do livro em

questão apresenta o protagonista, um homem negro, caracterizado em azul, sem camisa. Em suas costas há cicatrizes profundas, feridas eternamente abertas.

A artesã usa do seu bordado e ilustra, nas costas do marujo, os caminhos por ele antes navegados, mapas bordados com linhas vermelhas, indicando os países em que o povo negro africano foram perseguidos, sequestrados, perderam suas famílias, sofreram violência física, cultural e espiritual, muitas crianças, mulheres e homens morreram nos navios tumbeiros, muitos se suicidaram.

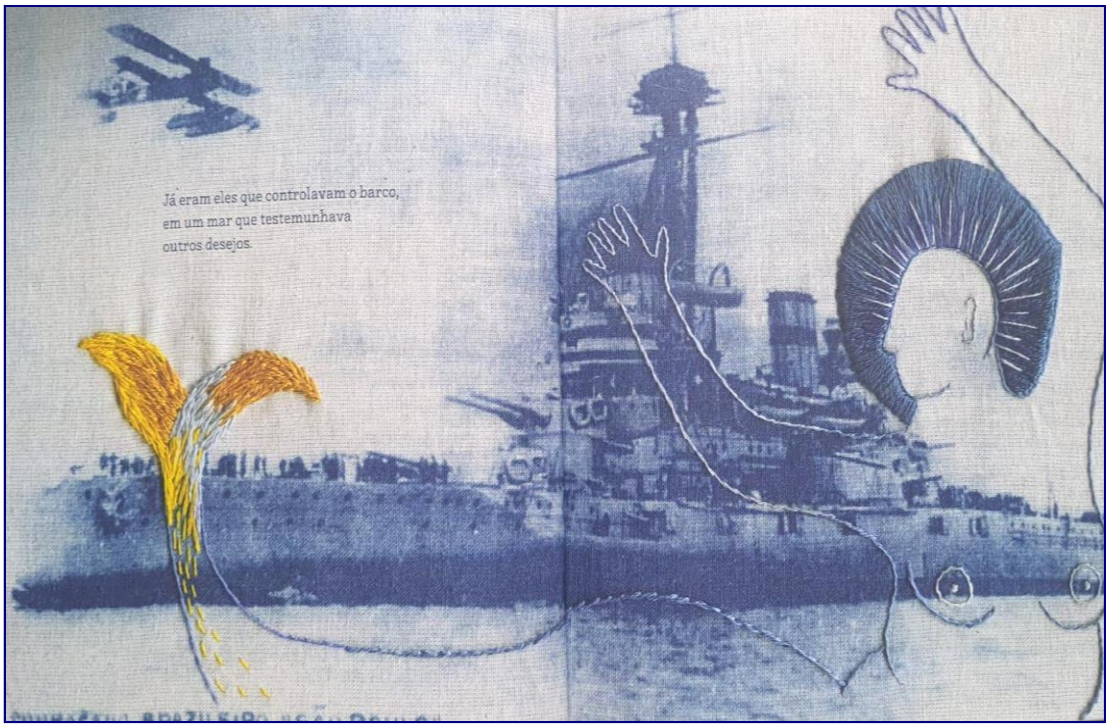
Pesquisadores e historiadores, como o escritor Laurentino Gomes (2019), em sua obra ‘Escravidão’, realizaram apontamentos sobre a rota marítima (cemitérios no fundo do oceano) dos navios negreiros em que mais de um milhão de seres humanos foram mortos. Na página 15, o texto verbal revela o plano dos marinheiros.

> Em uma noite de estrelas, ou talvez de lua cheia, marinheiros se reuniram, conspiraram e decidiram lutar contra a precariedade e os maus tratos. Suas costas já não seriam suporte para os desenhos da violência. Juntos perceberam que os ventos daquele tempo sopravam diferente, e assobiavam sinais para girarem o timão para outra direção (Bomfim, 2022, p. 15).

Essas cicatrizes profundas, tanto no corpo, quanto na alma, simbolizam a dor e a história do sofrimento dos marinheiros negros, mas também do povo negro em diáspora. Continuando a narrativa visual, o homem está sentado no oceano e, como se estivesse subindo ou descendo em seu braço, um navio azul é bordado sobre ele.

A agulha com a linha do bordado perfura o mar como se estivesse perfurando a pele humana, como os castigos corporais que recebiam os marinheiros do Brasil.

Figura 68 - Página dupla 16 e 17 do livro *O adeus do marujo*



Fonte: Bomfim (2022)

Na ilustração, o navio aparece com os canhões apontados para o horizonte. Abaixo da imagem está descrito, Couraçado Brasileiro “São Paulo”. É o nome de um navio provavelmente. A artista plástica, ilustra uma sereia, bordada com linhas nos tons azul, branco e o destaque está na cauda amarela. Sua cabeça parece contemplar uma coroa. Com os braços abertos, convoca os deuses para defender os guerreiros marujos. Bomfim (2020) traz: “Já eram eles que controlavam o barco, em um mar que testemunhava outros desejos” (p. 16), o da liberdade.

A página 18 marca, na obra, o início da Revolta da Chibata, um dia sombrio, como se a tensão estivesse pairando no ar e tudo fica escuro, a imagem apresenta em seu entorno bordas circulares, dando a impressão de temporalidade e movimento da imagem.

Figura 69 - Página 18 do livro *O adeus do marujo*



Fonte: Bomfim (2022)

Essas imagens impressionam por parecer ganhar vida e movimento, em uma página estática, voam em nosso imaginário. O leitor com o livro nas mãos poderá compreender melhor o que condiz a essa sensação de temporalidade e movimento da obra. As pesquisas demonstram que:

> Existem várias técnicas utilizadas em imagens solitárias, bem como diversas alternativas na interação entre palavras e imagens, que sugerem movimento e mudanças ocorrendo com o passar do tempo. [...] Entre ele se incluem características como borrões, linhas de movimento e a distorção de perspectiva. Também se sugere movimento, pela representação da ação em desenvolvimento, daquela ainda não concluída, como personagens com um pé levantado, ou equilibrados no meio do ar no ponto alto de um salto, ou que se inclinam para levantar o objeto (Nikolajeva; Scott, 2011, p. 195-196).

Bomfim borda uma bola de fogo no céu de Guanabara como se fosse um cometa deixando um rastro de luz. Por outro lado, o navio parece estar seguro. Em seu entorno vários peixes se aproximam, como se estivessem protegendo o navio e

a vida dos navegantes. “Todos os jornais estampavam o rosto de João filho de escravos. O João o Almirante Negro” (Bomfim, 2022, p. 20).

Na imagem da página dupla 22-23, João Cândido está com um dos seus companheiros da marinha. Ao fundo dessa imagem temos diversos bordados, nas mãos de João Cândido, o Almirante Negro, uma rede com dois barcos bordados na cor amarela. Ao observar com mais atenção, o leitor perceberá que, por trás da rede bordada, João está lendo a carta redigida pelos oficiais do navio em protesto, contra a falta de condições de trabalho e maus-tratos laborais.

Figura 70 - Página dupla 22-23 do livro *O adeus do marujo*



Fonte: Bomfim (2022)

Em um contexto nacional em que a ideologia oficial prevalece, presume-se ao homem negro a sua derrocada. “Dentro das palavras, em uma sociedade de classes, se dá discursivamente a luta de classe. O signo verbal não pode ter um único sentido” (Miotello, 2018, p. 172), e nessa luta por equidade, os discursos hegemônicos asseguram a exclusão do povo negro, dos espaços de poder e visibilidade, perpetuando uma narrativa de marginalização e inferioridade continuamente.

Outra vez, na página 24, aparece uma imagem bordada ao avesso, assim como na quarta capa. Pode-se imaginar dois barcos navegando sob uma maré elevada e ondas gigantes. Enquanto na página 25, somente o texto verbal narra os acontecimentos em que a tristeza toma conta da poesia: “Mas o mar tem seus redemoinhos e uma grande neblina turvou a visão de muitas pessoas. Medo e fascínio se misturaram na opinião da população, e a revolta foi neutralizada” (Bomfim, 2022, p. 25).

Figura 71 - Página 24 do livro *O adeus do marujo*

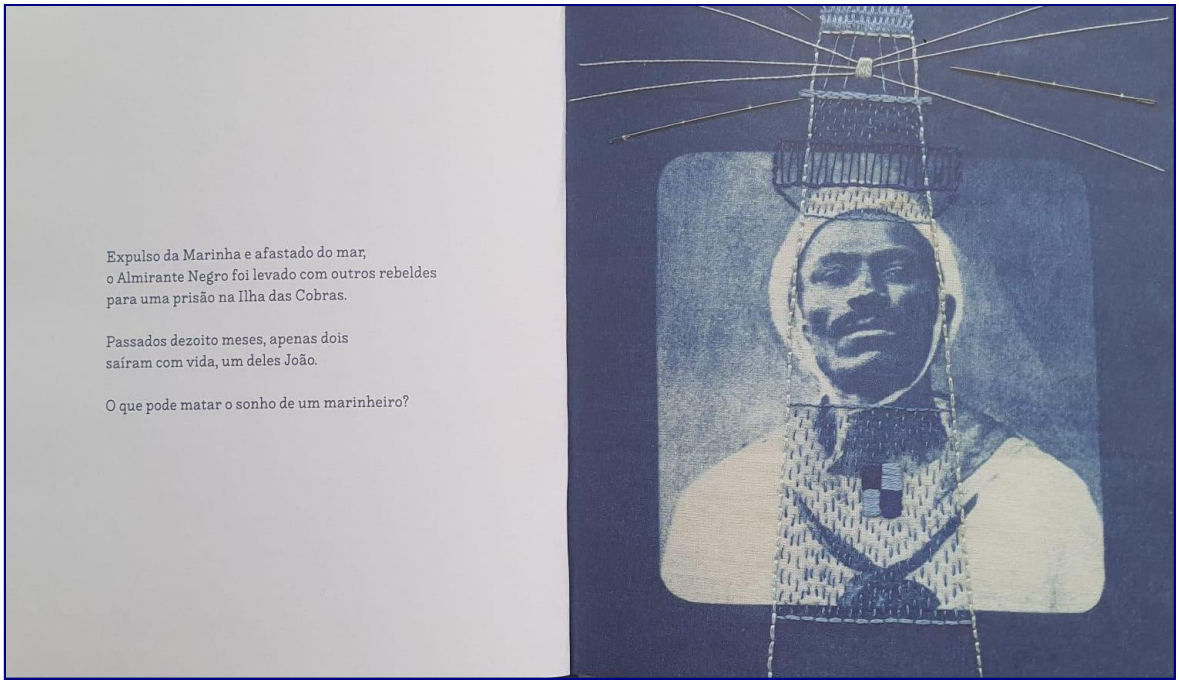


Fonte: Bomfim (2022)

O sofrimento havia recomeçado, “expulso da marinha e afastado do mar, o Almirante Negro foi levado com outros rebeldes para uma prisão na Ilha das Cobras. Passando dezoito meses, apenas dois saíram de lá com vida, um deles João” (Bomfim, 2022, p. 26). Nas imagens, as agulhas apontam como um farol ao mesmo tempo que as imagens do bordado lembram uma prisão. João Candido sem ter o que fazer, preso, à espera, a sua condenação bordava.

A palavra liberdade emprega vozes outras “[...] ecoam nos signos e neles coexistem contradições ideológico-sociais entre o passado e o presente, entre as várias épocas do passado, entre os vários grupos do presente, entre os futuros possíveis e contraditórios”. (Miotello, 2018, p. 172).

Figura 72 - Página 26-27 do livro *O adeus do marujo*

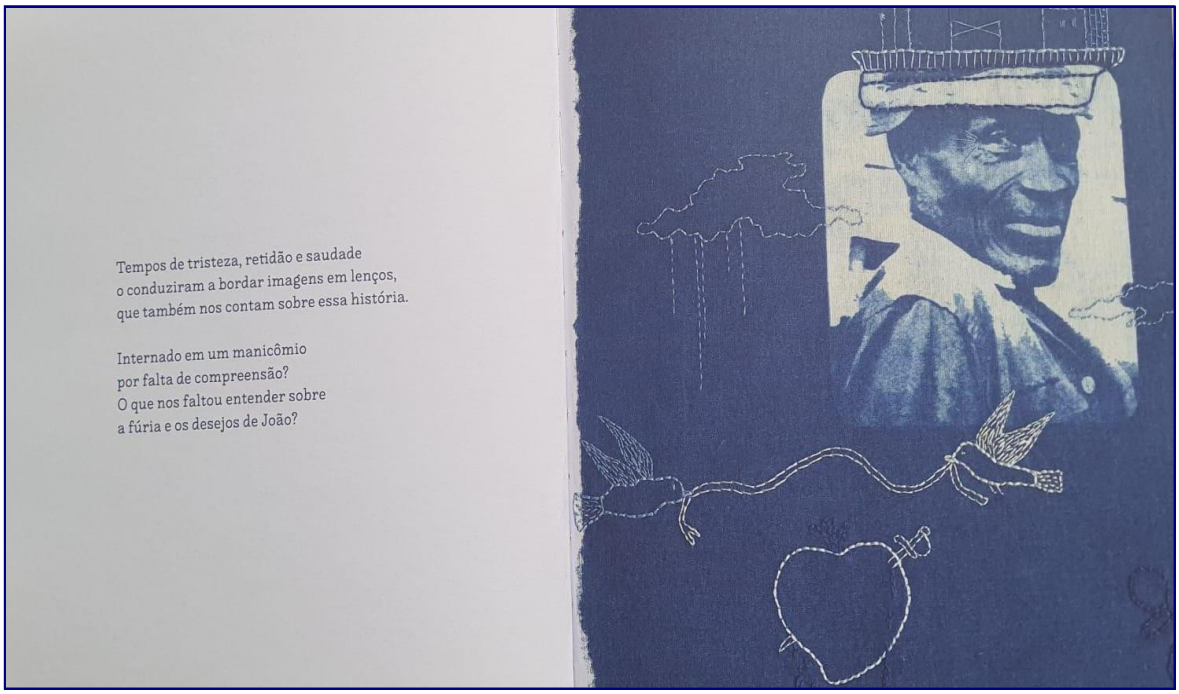


Fonte: Bomfim (2022)

E, logo na sequência, na página 29-30, o texto visual complementa a narrativa, a foto em azul royal destaca João Cândido. Já com idade avançada, estampados em seu rosto, uma aparência cansada, um olhar e o sorriso desconfiados.

A ilustradora traz imagens bordadas para completar o cenário, em cima do chapéu de João Cândido um barco a navegar pelas nuvens, como se as lembranças permanecessem pairando pelo ar e, consequentemente, em sintonia com a sua consciência. Outra imagem bordada são os pássaros que seguram linhas, um de cada lado, como se quisessem desvendar a distância entre o mar e o marujo.

Figura 73 - Página 29-30 do livro *O adeus do marujo*



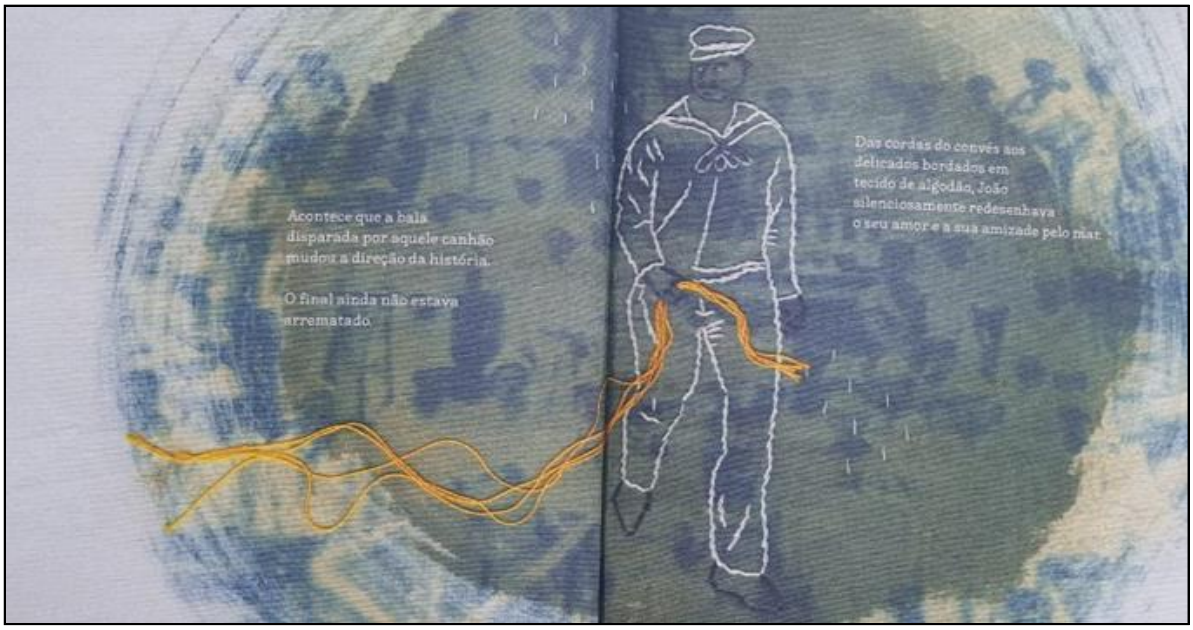
Fonte: Bomfim (2022)

Certamente, João Cândido traz em seu coração e na alma cicatrizes intensas, por estar longe do seu maior amor, o mar.

> Tempos de tristeza, retidão e saudade o conduziram a bordar imagens em lenços, que também nos contam sobre essa história. Internado em um manicômio por falta de compreensão? O que nos faltou entender sobre a fúria e os desejos de João? (Bomfim, 2022, p. 29)

Já envelhecido pelo sofrimento e pela idade, João Candido é expulso da marinha e viveu seus últimos anos trabalhando como pescador e carregador no porto.

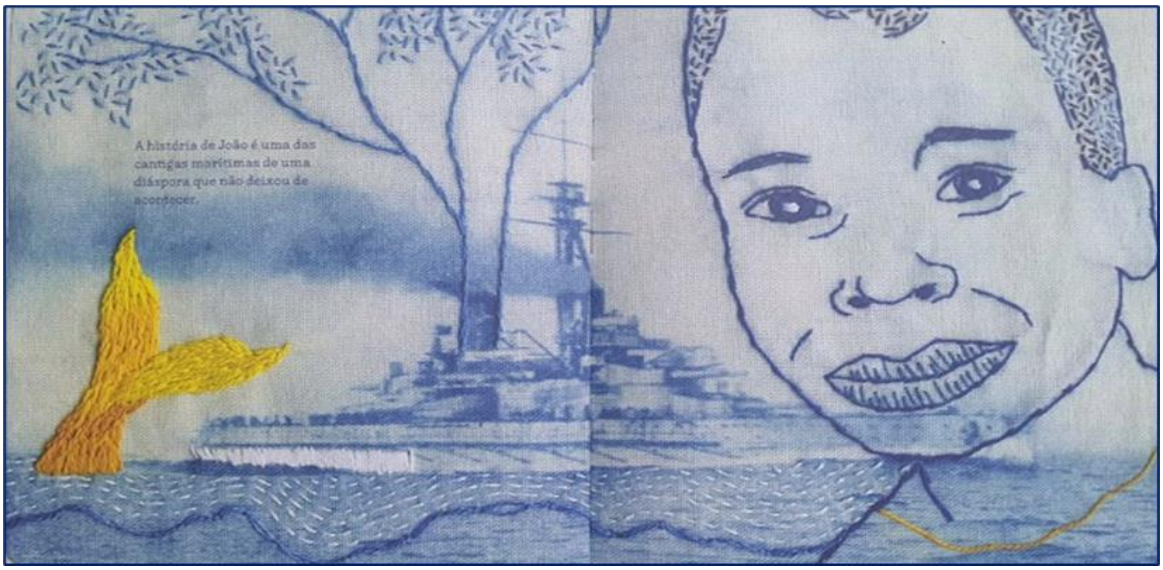
Figura 74 - Página dupla 31-32 do livro *O adeus do marujo*



Fonte: Bomfim (2022)

Na página dupla 31-32, o marujo puxa, por uma única mão, linhas amarelas de bordar, ao fundo a imagem já escurecida pelo tempo não é nítida. Vejo um navio, muitos marujos. Esse laço temporal em movimento podem estar as suas lembranças e memórias de quando era marinheiro. Enquanto, na página dupla abaixo, vemos o mar, um navio, uma cauda de sereia e um menino, será João Cândido?

Figura 75 - Página dupla 37-38 do livro *O adeus do marujo*



Fonte: Bomfim (2022)

Dessa forma, Bomfim (2022, p. 37) conclui a narrativa com o texto verbal: “A história de João é uma das cantigas marítimas de uma diáspora que não deixou de acontecer”. A obra anuncia, ou melhor afirma, declara, sustenta, marca, evidencia, a escravização, a ancestralidade, a religiosidade, a vivência e a vida de um homem negro, um herói desconhecido por muitos, João Cândido, o Almirante Negro.

Ao completar a análise das quatro obras abordadas neste estudo, sinto que, se retomar desde o princípio, é provável ainda identificar elementos que passaram despercebidos. Essa característica do livro ilustrado permite ao leitor, em cada nova leitura, descobrir aspectos anteriormente não vistos.

Esse fator é essencial para que educadores apresentem aos leitores esse tipo de obra marcada pela flexibilidade e criatividade nessa combinação perfeita entre textos e imagens. A complexidade imagética do livro ilustrado vai muito além de um simples olhar. Ela resulta não apenas dos elementos visuais presentes na obra, como cor, dimensão, materialidade e formato, mas também de fatores externos, tendo em vista que “leitor” realiza essas conexões por meio da memória, observação, curiosidade, expectativa, investigação e imaginação. Esses aspectos são primordiais para que novas histórias possam emergir a cada leitura.

O educador, por sua vez, deve explorar com atenção todas as páginas e os espaços do livro ilustrado. Nesse processo, o educador e seu aprendiz caminham e avançam juntos, compartilhando experiências e novas descobertas a cada virar de páginas. A harmonia perfeita entre o texto e a imagem do livro ilustrado transcende barreiras linguísticas e culturais, ampliando o seu alcance e o sentido.

5 PROPOSIÇÕES FINAIS

Com o intuito de compreender a qualidade estética dos livros ilustrados de autoria negra, como meio de contribuição para a formação do reconhecimento identitário para às infâncias negras, início a pesquisa. Consequentemente, como uma grande árvore, a pesquisa ramificou-se em tópicos e subtópicos, cada um com sua relevância. E neste percurso foi possível observar as grandes premiações FNLIJ e Jabuti, sendo notório a carência de premiações e obras com ênfase no objeto pesquisado, tanto na questão do objeto físico o livro, quanto na questão imaterial para ilustradores e escritores. Contudo, sinalizou outros possíveis desdobramentos ou pesquisas futuras que possam ampliar ou aprofundar a temática, haja vista que existem muitos trabalhos de grande importância, mas em sua maioria para o livro ilustrado ou com ilustração.

Já nos estudos sobre a literatura negro-brasileira, busquei retomar as origens, voltando ao continente africano, terra dos meus ancestrais, um encontro com os griots — contadores de histórias e guardiões das memórias ancestrais. Assim, como a atuação de escritores e ilustradores negros que lutam por uma literatura que cura e fortalece identidades. Ainda, diálogo com os escritores (as): Cuti, Proença Filho, Oliveira, González, Debus, Munanga, hooks entre outros, em relação às questões fundamentais como o preconceito, a discriminação racial e a identidade. Com o sociólogo e crítico literário Antônio Candido pude estudar a respeito da relevância da literatura para a humanidade. Já com o mestre Paulo Freire sobre a relação implícita com a aprendizagem e o mundo, mundo esse que deve ser vivenciado e contextualizado para as infâncias.

De acordo, com os objetivos propostos e com base nas análises realizadas, com o livro ilustrado de autoria negra, no que condiz a sua contribuição para o leitor literário, em especial, para o reconhecimento identitário, foi possível constatar que as obras literárias possibilitam interpretações e compreensões diversas, contribuindo para a reconexão entre as infâncias negras e os saberes ancestrais, evidenciando valores e memórias. Visto que, atua diretamente no desenvolvimento, criativo, imaginário e consequentemente cognitivo. Dessa maneira, aprimora e amplia o senso estético e crítico, sendo fundamental para crianças e adolescentes.

Por fim, o livro ilustrado pode e deve ser revisitado inúmeras vezes, a cada nova releitura há possibilidades mágicas de encontros, reencontros e sentidos outros. Essa prática de releitura oportuniza conhecer as diferentes nuances nas

obras, como atentar-se à capa, à quarta capa, às guardas, à virada de página, trazendo algo novo a ser contemplado. Por isso, cada detalhe no livro ilustrado reflete a expressão artística do autor que, por vezes, necessita de uma leitura atenta e contemplativa. Todavia, o livro ilustrado de autoria negra é um presente e o seu valor é imensurável.

REFERÊNCIAS

ADEÍLSON, J. História do Afoxé Filhos de Gandhy**. Repertório,** Salvador. 2012. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/13648/1/JJJJJJJJJJJJJJJJJJJ.pdf. Acesso em:10 set. 2024.

ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo Estrutural**: Feminismos Plurais*.* São Paulo: Ed. Jandaíra, 2020.

ANDRADE, Marília Lúcia de Paiva. **Entre causos e cachos:** como se tece o pertencimento racial através de imagens e autoimagens de crianças pequenas**.** 2015. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Docência na Educação Básica - Diversidade, Educação, Relações Étnico-Raciais e Gênero) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

ANJOS, Priscila. Entrevista com Geni Guimarães. **Rede Galápagos**, Florianópolis, 2021. Disponível em: https://www.itausocial.org.br/noticias/esta-tudo-contra-nos-mas-nos-estamos-a-favor/. Acesso em: 24 mai. 2024.

AJU, Paraguassu. Biografia e obra. **Rv Cultura e Arte**. Disponível em: https://rvculturaearte.com/PlanoInclinado#:~:text=Aju%20Paraguassu%20(Aracaju%2C%201988),buscando%20alian%C3%A7ar%20po%C3%A9tica%20e%20prop%C3%B3sito. Acesso em: 16 mai. 2024.

APPEL, Daiane Cristina. **A representatividade e a representação da personagem negra em obras literárias infantis distribuídas pelo MEC através do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)**. Artigo (Graduação) – Curso de Letras, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 2018.

ARAUJO, Marlene. **Infância, Educação Infantil e Relações Étnico-Raciais.** 2015. 359f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2015.

ARENA, Dagoberto Buim. Sobre a função dos aspectos imateriais no ato de ler: Jakubinskij, Vološinov, Bakhtin e Foucambert. **Leitura: Teoria & Prática**. [*s. l*], v. 38, n. 78, p. 19-33, 2020.

ARENA, Dagoberto Buim. A Literatura Infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura escrita. *In*: SOUZA, R. J. de. *et al.* (org.). **Ler e compreender:** estratégias de leitura. Campinas: Mercado das Letras, p. 13-44, 2010.

ARIÈS, Philippe. **A história social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BADOE, Adwoa. **Biografia.** Disponível em: https://www.adwoabadoe.com/bio. Acesso em: 16.mai.2024.

BAJARD, Élie. **Eles leem, mas não compreendem**: onde está o equívoco? São Paulo: Cortez Editora, 2021.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **O homem ao espelho**. Apontamentos dos anos 1940. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Educação infantil, igualdade racial e diversidade:** aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT, 2012.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2022.

BERNARD, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

BOMFIM, Flávia. Flávia Bomfim transgressora e polissêmica. **Revista Continente**, 01 jul. 2022. Disponível em: https://revistacontinente.com.br/edicoes/259/flavia-bomfim-. Acesso em 25 de set.2024

BOMFIM, Flávia. **Laboratório da Emília**, 2023. Disponível em: https://laboratorioemilia.com/web/flavia-bomfim/?lang=pt-br . Acesso em 25 de set. 2024.

BOMFIM, Flávia. **Portal Geledés**, 2022. Disponível em: https://www.geledes.org.br/flavia-bomfim-borda-para-joao-candido-em-o-adeus-do-marujo-lancamento-da-pallas-editora/. Acesso em 04 set.2024.

BONFIM, Flávia. **O adeus do marujo**. Rio de Janeiro: Pallas edições, 2022.

BRASIL. Agência Brasil**. Um em cada quatro jovens relata ter sofrido violência no Brasil.** Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-12/um-em-cada-quatro-jovens-relata-ter-sofrido-violencia-no-brasil# Acesso em 18 jul.2024

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 13 jun. 2024.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 16 jul. 1990.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 13 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: portal.mec.gov.br. Acesso em: 13 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da saúde. **Boletim Epidemiológico - Volume 54 - nº 08, 2021.** Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2023/boletim-epidemiologico-volume-54-no-08/view. Acesso em 04 jul.2024

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades/Ouro Sobre Azul, 2004.

COLOMER, Tereza. **A formação do Leitor literário:** narrativa infantil e juvenil atual. São Paulo: Global, 2003.

COSTA. Ana Laura de Paoli. **As raízes de Dandá: literatura infantil e design editorial para o empoderamento de meninas negras.** 2021. 262f. Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do (curso de Design) - Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES, 2021.

COSTA, Vanessa Rosa. **Protagonismos De Meninas Negras Na Literatura Infantil Contemporânea** 2020,132f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul,2020.

CASAGRANDE, Lariane; CORRÊA, Ronaldo de Oliveira; Nair Theodora Araújo e Maria Mazarello Rodrigues: Ausências e apagamentos na historiografia feminina negra e a prática editorial nos anos 1970-1980. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, pp. 370-388, agosto, 2024.

CUTI, Luís Silva. **Literatura Negro Brasileira**: São Paulo/Selo Negro. Coleção-consciência em debate/Coordenado por Vera Lucia Benedito, 2010.

DEBUS, Eliana. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens.** São Paulo: Cortez, 2017.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência:** a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nadyala, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas.** São Paulo: Ubu editora, 2020.

FARACO, Carlos Alberto. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. **Letras de Hoje**, [s. l.], v. 46, n. 1, p. 21–26, 2011. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/9217. Acesso em: 15 nov. 2024.

FÁTIMA, Ana. **Os dengos na moringa de Voinha**. São Paulo: Brinque Book, 2023.

FERNANDES, Carol. **[Livros à mão] Paredes, chão, telhado, porão: o que compõe uma casa?, por Carol Fernandes**. A Casa Tombada. Disponível em: https://acasatombada.com.br/livros-a-mao-paredes-chao-telhado-porao-o-que-compoe-uma-casa-por-carol-fernandes/?cn-reloaded=1.Acesso: 21 set. 2024.

FERNANDES, Carol. **Fevereiro.** São Paulo: Editora Caixote, 2023.

FERNANDES, Carol. **Se eu fosse uma casa.** Belo Horizonte: Tuya edições, 2020.

FERNANDES**.** Raquel Duarte. **Educação e literatura infantil:** a recepção docente à leitura de contos de fadas africanos. 2022.160f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) Natal, Rio Grande do Norte, 2022.

FERREIRA, Sandra de Oliveira. **A imagem da criança negra na literatura infantil:** estudo comparado de narrativas latino-americanas. 2018.97f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, Paraná, 2018.

FNLIJ. **Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil**. Disponível em: https://fnlij.org.br/premio-fnlij/. Acesso em: 01 mai. 2024.

FRANÇA, Rodrigo. **O Pequeno Príncipe Preto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Ed. 80. Rio de Janeiro Paz & Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Programa Escola Viva entrevista Paulo Freire**. TV Cultura**,**1993. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bwvHZJLfhYE. Acesso em 14 jul. 2024.

FREITAS, Daniela Amaral Silva. **Literatura infantil dos kits de literatura afro-brasileira da Prefeitura de Belo Horizonte (MG**): um currículo para ressignificação das relações étnico-raciais? 2014. 280f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2014.

FULY, Viviane Moretto da Silva. **Educação infantil**: da visão assistencialista à educacional. INTERFACES DA EDUCAÇÃO, [S. l.], v. 2, n. 6, p. 86–94, 2012.

GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GEGe. **Palavras e contrapalavras**: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 19-39.

GIROTTO, Cyntia Graziela Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem*. In:* SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.) [et al]. **Ler e compreender:** estratégias de leitura. Campinas, SP: Mercado das letras, p. 45-114. 2010.

GOMES, Laurentino. **Escravidão – Volume 1:** Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. Rio Grande do Sul: Globo Livros, 2019.

GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene. **Infâncias Negras:** Vivências e lutas por uma vida justa. (Orgs.). Petrópolis - R.J. Vozes. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo-afro-latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 1, p. 77-89, jan./abr. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ep/v31n1/a06v31n1.pdf. Acesso em 04 mai. 2024.

Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe/UFSCar (Org.). **Palavras e Contrapalavras:** enfrentando questões da metodologia Bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe/UFSCar (Org.). **Palavras e Contrapalavras**: Entendendo o Cotejo como Proposta Metodológica**.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe/UFSCar (Org.).**Palavras e Contrapalavras:** Glossariando Conceitos, categorias e Noções de Bakhtin**.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

IBGE. **Agência de notícias: Censo 2022:** Taxa de analfabetismo cai de 9,6% para 7,0% em 12 anos, mas desigualdades persistem. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/40098-censo-2022-taxa-de-analfabetismo-cai-de-9-6-para-7-0-em-12-anos-mas-desigualdades-persistem#:~:text=Ou%20seja%2C%20a%20taxa%20de,44%2C0%25)%20era%20alfabetizada. Acesso em 04 jul. 2024.

IBGE. **De 2019 para 2022, trabalho infantil aumentou no país. Disponível em:** https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38700-de-2019-para-2022-trabalho-infantil-aumentou-no-pais#:~:text=Em%202022%2C%20o%20Brasil%20tinha,2019%2C%20mas%20cresceu%20em%202022.Acesso em: 04 jul. 2024.

JABUTI. **Premiados por edição**. Disponível em: https://www.premiojabuti.com.br/jabuti/premiados-por-edicao/. Acesso em: 01 mai. 2024.

JAKUBINSKIJ, L. **Sobre a fala dialogal**. Tradução: Dóris de Arruda C. da Cunha, Suzana leite Cortez. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

KI-ZERBO, Joseph. **História Geral da África, I: Metodologia e Pré-História da África** / editado por Joseph Ki-Zerbo – 2.ed.ver. – Brasília: UNESCO, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas 2003.

LARROSA, Jorge. **A operação ensaio: sobre o ensaiar e ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida.** Porto Alegre: Educação e Realidade, 2004.

LIMA, Graça. **A ilustração no Brasil. Salto para o futuro** – A arte de ilustrar livros para jovens e crianças. Rio de Janeiro, v. 19, n. 7, p. 29-44, jun. 2009.

LIMA, Heloisa Pires de. Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2a. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 101-115.

LINDEN, Sophie Van Der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2018.

MARTINS, Felipe da Silva. **A pedagogia do fuxico: saberes e vivências de um Griô Aprendiz ao ritmo de Sirley Amaro**. 2022.156f. Tese (Doutorado em educação). Universidade Federal de Pelotas,2022.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth de. (Org.) [et al]. **Bakhtin conceitos-chave**. 5 ed.,3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018,pp.167-176.

MOKHTAR, Gamal. **História Geral da África II:** África Antiga / editado por Gamal Mokhtar – 2.ed.ver. – Brasília: UNESCO, 2010.

MORAES, Odilon. **Quando a Imagem Escreve Reflexões Sobre o Livro Ilustrado.** 2019. 230f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade de Campinas, UNICAMP Campinas, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude:** Usos e sentidos. São Paulo: Autêntica, 2024.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro:** Processo de um racismo mascarado. - 3ª ed.- São Paulo: Perspectivas, 2016.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado:** palavras e imagens. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NOGUEIRA, Renato. **Representação e representatividade**. 2019. Disponível em: https://coletivoindra.org/blog-opiniao/representao-e-representatividade/18/12/2019#:~:text=A%20REPRESENTA%C3%87%C3%83O%20ASSOCIADA%20%C3%80%20REPRESENTATIVIDADE,muitos%20segmentos%20tomem%20a%20palavra. Acesso em: 04 nov. 2024.

OLIVEIRA, Kiusam de. Literatura Negro-brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil. Abatirá - **Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, v. 1, n. 1, p. 03 - 14, 4 ago. 2022.

OLIVEIRA, Kiusam de. **Literatura Negro-Brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil.** Belo Horizonte: Nandyala, 2022.

OLIVEIRA, Rui. **Pelos Jardins de Boboli**: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2008.

OLIVEIRA, Rui. A ilustração no Brasil. **Salto para o futuro** – A arte de ilustrar livros para jovens e crianças. Rio de Janeiro, v. 19, n. 7, p. 05-28, jun. 2009.

PAJEÚ, Helio Márcio. Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe/UFSCar (Org.). **Palavras e Contrapalavras:** constituindo o sujeito em alter-ação. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.

PASCOLATI, Sonia Aparecida Vido; GODOY, Maria Carolina. **Representações da diversidade étnica em obras da literatura infantil e juvenil**. 2015.

PESTANA. Cristiane Veloso de Araújo. **Eu sou o que vejo** - Representação e Representatividade negra na Literatura Infantil Contemporânea**.** 2023. 222f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 18, n. 50, p. 161–193, 2004. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980. Acesso em: 22 jul. 2024.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. 2.ed. São Paulo: Global, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSEMBERG e MARIANO, C. L. S. **A convenção internacional sobre os direitos da criança**: debates e tensões. Cadernos de pesquisa, n 141, 2010, p. 693-728.

ROSEMBERG, F. A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais. In: BENTO, M. A. S. (org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: CEERT, UFSCar, MEC, 2012. Disponível em: <https://goo.gl/Myn4JA>. Acesso em: 02 jun. 2024.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SOUZA, Mariana Silva**. O percurso imagético literário:** um olhar para as ilustrações na literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira. 2021.121f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2021.

TORTORELLI, Cleunice Terezinha da Silva Ribeiro. **Pelo direito às experiências estéticas na escola: o lugar da poesia na formação humanizadora de crianças**. 2023. 336 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Marília, 2023.

TSUHAKO, Yaeko Nakadakari. **O livro ilustrado na formação de professores da educação infantil:** em defesa da educação desenvolvente. 2022. 317f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista- UNESP/Marília, 2022.

VIANA, Faustino. Performatividade do traje: um ensaio a partir do Afoxé filhos de Gandhy. **RHINOCERVS: Cinema, Dança, Música, Teatro**, [s. l], v. 1, n. 1, p. 172–190, 2022.

VIGOTSKI, L.S. **Quarta aula: a questão do meio na pedalogia**. Tradução de Márcia Pilleggi Vinha e Revisão de Max Welcman. *Psicologia. USP* [online]. 2010, vol.21, n.4, pp. 681-701. Confira o “dossiê Vigotski” no link: https://www.scielo.br/j/pusp/a/4VnMkhXjM8ztYKQrRY4wfYC/?lang=pt .Acesso em:04 mar.2024.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo (trad.). São Paulo: Editora 34, 2021.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Literatura Infantil Brasileira**: Histórias& Histórias. São Paulo: Editora Unesp, 2022.